

1120

DM
DIAS/ML. 1

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

MESTRADO EM PSICOLOGIA LEGAL

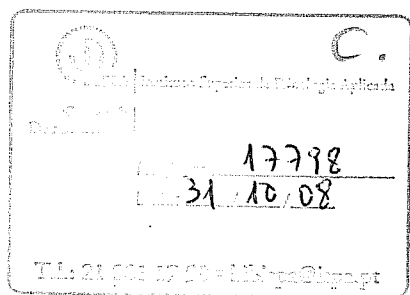
Pedido de asilo a Portugal: Da Albânia até nós...

História de vida de uma refugiada

Aluna: Mafalda Lopes Dias nº 12951

ORIENTADOR: Prof. Doutor António Diniz

2004/2006



AGRADECIMENTOS

Começo por dirigir os meus agradecimentos de forma muito especial, à Alice, pelo voto de confiança e pela generosidade de partilhar comigo a sua história de vida.

Agradeço igualmente ao Centro Português de Refugiados, a toda a equipe do Centro de Acolhimento da Bobadela, especialmente à Dr.^a Teresa Sales, que muito amavelmente me recebeu e abriu caminho à recolha de informação para o presente trabalho.

Também de forma muito especial, estou particularmente grata ao Prof. Doutor António Diniz pela disponibilidade e compreensão ao longo do percurso inerente ao desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço aos meus pais, por estarem sempre ao meu lado, pelo apoio incondicional sempre demonstrado, não só na concretização deste trabalho mas em tudo na minha vida.

Ao João pela paciência, disponibilidade e incentivo.

Finalmente, quero expressar o meu sincero agradecimento aos colegas e amigos que me apoiaram na concretização deste projecto.

A todos, o meu muito obrigada.

RESUMO

As questões relacionadas com a Violação dos Direitos Humanos, quer no que diz respeito ao estatuto dos refugiados como a tantas outras situações, têm vindo a ser cada vez menos ignoradas pelas estratégias de política internacional que tenta colmatar este tipo de desigualdades sociais. Nesta tese, pretendeu-se analisar a trajectória de vida de uma mulher refugiada à luz de diferentes Teorias do Desenvolvimento. Assim, tendo em conta as características específicas de cada fase do desenvolvimento em termos de ganhos, manutenções e perdas, analisaram-se diferentes campos (núcleo familiar, profissional, social) e competências, em termos do entendimento da dinâmica adaptativa e de integração do sujeito ao novo país de acolhimento. Efectuaram-se várias entrevistas não directivas na construção da história de vida que foram analisadas exhaustivamente. No procedimento de recolha houve uma última entrevista que foi mais estruturada e conduzida de forma mais directiva de maneira a esclarecer algumas lacunas. Focou-se a relação entre desenvolvimento da identidade e da capacidade de resiliência, bem como estratégias de integração num novo contexto sócio-cultural, evidenciando-se a importância desta capacidade na recuperação de acontecimentos traumáticos e na ultrapassagem da experiência de situações adversas ou stressantes. Compreendeu-se, também, a importância das relações precoces e da influência histórica e cultural no processo de desenvolvimento e de integração da refugiada que foi sujeito e objecto deste estudo.

Palavras-Chave: História de vida, Refugiada, Resiliência.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
1. Desenvolvimento e Ciclo-de-Vida.....	3
1.1 Concepções unitárias do desenvolvimento.....	3
1.1.1 A teoria do Estilo de Vida de Adler.....	3
1.1.2 A teoria de Estádios de Erikson.....	6
1.1.3 A teoria da Mudança de Levinson.....	8
1.2 Concepções Focais do Desenvolvimento.....	10
1.2.1 A meta-teoria do Ciclo- de-Vida de Baltes.....	10
1.2.2 A teoria do Controlo.....	12
2. Exílio e integração dos refugiados.....	14
2.1 Considerações sobre a situação dos refugiados em Portugal.....	14
2.2 A Teoria dos Vínculos de Grinberg.....	24
2.3 Modelo de Aculturação.....	30
3. Formulação do Problema.....	36
4. Método.....	45
4.1 Breves considerações metodológicas.....	45
4.2 A Participante e seu contexto de vida actual.....	47
4.3 Instrumentos.....	50
4.4 Procedimentos.....	51
4.4.1 Procedimentos de Recolha.....	51
4.4.2 Procedimentos de Análise.....	52

5. Resultados e sua discussão.....	55
5.1 Genograma	55
5.2 Memórias precoces.....	55
5.2.1 Tonalidade afectiva das memórias precoces.....	56
5.2.2 Memórias precoces das relações familiares e implicações futura.....	57
5.3 Análise Cronológica	60
5.3.1 Infância.....	60
5.3.2 Adolescência	62
5.3.3 Aduldez.....	64
6. Discussão: Análise da experiência exílio.....	68
7. Conclusão.....	74
REFERÊNCIAS.....	81
ANEXOS.....	92
Anexo 1: Cronologia dos encontros.....	93
Anexo 2: Genograma	95
Anexo 3: Entrevistas – Transcrição Integral.....	97
Anexo 4: História de Vida.....	122

I. INTRODUÇÃO

O problema das deslocações forçadas tem sido uma das questões mais prementes com que as Nações Unidas se têm defrontado ao longo da história. Assim entre os grupos mais vulneráveis de pessoas, a nível mundial, encontram-se os deslocados forçados, seja como vítimas de conflitos, de perseguição ou de outras violações dos direitos humanos. Desde há 50 anos que o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) tem estado na primeira linha, desenvolvendo esforços para proteger estas pessoas.

Este trabalho testemunha a história de vida de uma mulher vítima de perseguições políticas, permitindo acompanhar a separação da sua terra e família para procurar a paz e segurança num país completamente diferente.

Neste estudo pretendeu-se analisar a trajetória de vida do refugiado à luz de várias teorias do desenvolvimento (Adler, 1959; Baltes, 1997; Erikson, 1980; Gilligan, 1994; Grinberg, 1976; Heckhausen & Schultz, 1995, 1996; Levinson, 1986; Winnicott, 1971), bem como abordar a capacidade de resiliência da mulher ao longo das mudanças que vão ocorrendo no seu curso de vida. Neste sentido, tornou-se possível perceber o que é uma experiência de pedido de asilo em Portugal, quais as principais dificuldades que esta mulher refugiada encontra ao longo do processo.

Esta análise possibilitou uma reflexão mais profunda sobre a transformação do comportamento humano perante um acontecimento de vida não normativo como o Exílio, e permitiu realçar a pertinência deste estudo através do método das histórias de vida (Poirier, Valladon, & Raybaut, 1995).

Na primeira parte do texto, abordam-se algumas das diferentes teorias do desenvolvimento humano e aprofundam-se cada uma das questões essenciais para o entendimento da resiliência, de forma a delimitar os objectivos, analisar a trajetória de vida de uma mulher refugiada à luz das teorias do desenvolvimento já mencionadas, bem como compreender a sua capacidade de integração e dinâmica adaptativa.

Para tornar objectivo e claro o tema construímos as seguintes questões de investigação. Permitirão os acontecimentos de vida não normativos (Baltes, Staudinger, & Lindenberg, 1999) evidenciar as três componentes do desenvolvimento (selecção, optimização, compensação)? Quais as relações e áreas de competência que se revelam mais gratificantes e compensatórias para o sujeito (ganhos)? E as mais complicadas (perdas)? Será possível determinar a influência cultural e inferir sobre o aumento da adaptação/resiliência à medida que os anos passam? Pode-se nesta história de vida encontrar uma atitude de integração/ aculturação?

Na segunda parte, descrevem-se as características do sujeito participante e a metodologia utilizada (método das histórias de vida) onde se enunciam as fases de pesquisa, os instrumentos e os procedimentos de recolha e de análise.

Os procedimentos integram a análise de conteúdo, que utiliza diferentes técnicas e que obedece a regras pré-estabelecidas (Legrand, 1992; Ghiglione, & Matalon, 1992; Bardin, 1994; Poirier et al., 1995; Vala, 1999).

Subsequentemente, apresentam-se, analisam-se e discutem-se os resultados do estudo através da utilização de quatro técnicas: Genograma; Análise das memórias precoces; Análise cronológica; Análise temática da experiência de exílio.

Em último lugar, apresentamos as conclusões, procurámos articular os resultados obtidos com o suporte teórico bem como com os problemas de investigação (questões) já anteriormente mencionados.

1. Desenvolvimento e Ciclo-de-Vida

Uma breve incursão sobre a evolução das teorias do desenvolvimento permite compreender que cada nova abordagem veio trazer uma nova perspectiva de o analisar enriquecendo-o.

As primeiras concepções sobre o desenvolvimento dizem-se unitárias e serviram de base para a construção das concepções focais.

1.1 Concepções unitárias do desenvolvimento

1.1.1 A teoria do Estilo de Vida de Adler

Em toda a sua vida, Adler teve clara consciência dos problemas sociais, sendo esta a sua principal motivação de trabalho. Adler propõem uma visão holística enfatizando a necessidade de analisar cada indivíduo como um todo unificado, defendia que o único caminho que o indivíduo escolhe para encontrar o seu objectivo era o seu estilo de vida, a sua linha chamada de Psicologia Individual, desenvolveu-se a partir do esforço para compreender o misterioso poder criador da vida, o qual se expressa no desejo do crescimento, de lutar e realizar. Esse poder seria teleológico expressando-se na luta por um objectivo e, nessa luta, todo o movimento corporal e psíquico é feito para cooperar, é absurdo estudar movimentos corporais e condições mentais de forma abstracta ou sem relação com um todo individual.

Hábitos e traços de comportamento aparentemente isolados adquirem um significado dentro do contexto pleno da vida e dos objectivos do indivíduo, dessa forma, os problemas psicológicos e emocionais não podem ser tratados isoladamente, todo o estilo de vida está envolvido, uma vez que um dado sintoma ou traço não é senão uma expressão do estilo de vida integrado do indivíduo. Tendo isto em conta, Adler (1959) desenvolveu uma perspectiva de desenvolvimento individual que procura explorar o estilo de vida.

Esta perspectiva considera como meta da evolução o ideal de comunidade humana e procura a compreensão do desenvolvimento através do estudo da relação dialéctica

entre o “sentimento de inferioridade” e a “tendência para a superioridade” suscitadora ou não do sentido de comunidade. Segundo o autor, o ideal de perfeição impele o indivíduo para um sentimento de inferioridade biológica e como compensação, o indivíduo procura provas de superioridade social.

A importância da família na infância é, segundo o autor, determinante para o futuro psicológico e relacional do sujeito, visto que determinadas situações nesta fase da vida podem inibir o desenvolvimento do sentido de comunidade, como por exemplo, os erros da mãe, a teimosia infantil, as características do carácter da criança nas relações sociais, dado que a construção intelectual e emocional de um estilo de vida no caso da evolução se inicia na infância, torna-se necessário compreender as recordações infantis, a relação entre irmãos, os sonhos, fantasias e as faltas.

Todas as memórias, boas, más, são importantes para o indivíduo por não terem sido rejeitadas pelo consciente sendo o resultado da elaboração de uma impressão (Adler, 1959). Com base neste pressuposto, o autor procurou demonstrar a existência de relação entre as recordações infantis e o estilo de vida, e a influência que as memórias precoces (relativamente à situação familiar ou social) exercem no papel social e grupal do indivíduo (através da identificação a um género de pertença, dos comportamentos de cooperação e de oposição nas relações de poder, e da formação de tendências e esforços que representam as linhas directivas de um plano de vida).

Adler distinguiu também as três maiores tarefas com que o indivíduo se defronta: trabalho, amizade e amor. Elas são determinadas pelas condições básicas da existência humana, e estes três laços principais são estabelecidos por vivermos num lugar específico como o universo cabe-nos crescer dentro dos limites e possibilidades em que as circunstâncias nos colocam. Ressalta o facto de vivermos entre outros da nossa espécie, outros a quem devemos aprender a nos adaptar, que existia dois sexos e que o futuro da espécie humana depende das relações entre eles.

O trabalho, para este autor, incluía todas as actividades úteis à comunidade e não apenas as ocupações pelas quais se recebe um salário, fornecendo um sentimento de satisfação e merecimento apenas na medida em que beneficia outros. A importância de nosso trabalho está essencialmente baseada na nossa dependência do meio físico, Adler defende vivemos neste planeta unicamente com os seus recursos, com a fertilidade do seu solo, as suas riquezas minerais, o seu clima e atmosfera, como tal sempre foi tarefa

da humanidade encontrar as respostas certas para os problemas que essas condições apresentam. Sempre foi necessário lutar pelo aperfeiçoamento e para alcançar maiores realizações.

A amizade expressa a nossa pertença à espécie humana e a constante necessidade de adaptação e interação com outros da nossa espécie, assim as nossas amizades específicas estabelecem laços essenciais com a comunidade, já que nenhum indivíduo se relaciona com a sociedade abstractamente. O empenho amistoso e cooperativo é também um elemento importante para o trabalho construtivo.

O amor é discutido por Adler em termos exclusivos de amor heterossexual, envolvendo uma íntima união de mente e corpo e a máxima cooperação entre duas pessoas de sexos opostos, baseando-se no facto de que cada ser humano tem um sexo e de que a intimidade entre os sexos é essencial para a continuação de nossa espécie. Adler escreve também que o vínculo íntimo do casamento representa o maior desafio para a nossa habilidade de cooperar com outro ser humano, um casamento bem sucedido criaria o melhor meio para promover cooperação e interesse social nas crianças.

Adler acentuava ainda que esses três interesses, trabalho, amizade e amor, estariam sempre inter-relacionados, pensava que a solução de um ajudava a solução de outros e na verdade podemos dizer fazem todos parte da necessidade do ser humano preservar a vida e favorecê-la no ambiente em que se encontra.

Adler defendia que não somos objectos inertes, aceitando passivamente a influência de todas as forças externas, salientava a capacidade de responder activa e de forma criativa às várias influências que afectam a vida, a capacidade de procurar ou rejeitar activamente certas experiências

As experiências são codificadas e interpretadas de modo selectivo, desenvolvendo-se em nós um esquema de apercepção individualizado da realidade e formando um modelo próprio de relacionamento com o mundo.

Para Adler, esse processo de formação de um objectivo de vida, estilo de vida e esquema de apercepção da realidade é essencialmente um acto criativo. Trata-se do poder criador de personalidade, de uma estrutura capaz de guiar e dirigir a resposta individual ao meio ambiente. Assim, o autor atribuía à pessoa uma unicidade, uma consciência e um controle sobre seu próprio destino.

Adler realçava que não somos meros joguetes impotentes face às forças externas, mas pelo contrário somos capazes de moldarmos as nossas próprias personalidades, dizia que «todo indivíduo representa tanto a unidade da personalidade quanto a forma individual desta unidade.» Assim, o indivíduo é tanto o quadro como o artista da sua própria personalidade.

1.1.2 A teoria de Estádios de Erikson

A formação da identidade depende para (Erikson, 1956) do desenvolvimento do Eu que obtém o apoio para as suas funções dos recursos de uma comunidade mais ampla. A gradual selecção das identificações significativas, a antecipação da identidade e a síntese no final da adolescência seriam trabalho do Eu, é a essa parte do trabalho do Eu que Erikson chama “identidade do eu” para a distinguir da “identidade ilusória” que não corresponde a um sentimento da realidade do ser na sua realidade social, contudo a denominação “identidade do Eu” pareceria implicar que apenas o Eu está envolvido no sentimento de identidade e não fica claro que se trata de um triunfo do Eu.

Os que levantaram essa objecção, propuseram em substituição o termo formação de identidade, no sentido em que se trata de um desenvolvimento progressivo, acrescentando a captação do *Self* como uma entidade organizada e diferenciada, separada e distinta do ambiente que a rodeia, que tem continuidade e capacidade para continuar a ser a mesma ao longo de sucessivas mudanças, constitui a base da experiência emocional da identidade (Jacobson, 1969).

Tal como Adler (1959), Erikson (1980) parte de um princípio epigenético para descrever o processo de desenvolvimento da identidade em oito estádios sucessivos, este princípio caracteriza-se por uma agregação entre os estádios ou fases, isto é, o estádio que se segue encontra o seu início no final do estádio que se precede.

Os estádios sugeridos por Erikson (1980) são considerados do ponto de vista dos conflitos internos e externos, Assim, cada um implica um dilema particular no qual o indivíduo desenvolve atitudes que implicam uma tomada de decisão, que se traduz na mobilização de recursos de crescimento e diferenciação e que marcam a evolução do desenvolvimento da identidade Erikson, (1980).

Cada estágio do desenvolvimento contém em si tarefas de vida específicas que se relacionam sistematicamente com todos os outros estágios, os quatro primeiros são relativos à infância e todos eles dizem respeito a um balanço dinâmico entre duas vertentes.

O primeiro, que deriva das experiências do primeiro ano de vida, caracteriza-se pela aquisição de um sentimento de confiança básica em oposição à desconfiança; o segundo pela aquisição de um sentimento de autonomia em oposição à vergonha e à dúvida; o terceiro pelo desenvolvimento de uma capacidade de iniciativa dos pensamentos e ações em oposição à culpa; o quarto estágio diz respeito ao reconhecimento progressivo das potencialidades e capacidades na instituição escolar. Isto só é possível se a criança tiver desenvolvido e integrado a iniciativa, a autonomia e a confiança no meio, caso contrário, o sentimento de incapacidade e inferioridade emerge. O desenvolvimento e integração cumulativa destas competências, permitem a aquisição progressiva da identidade do eu.

O quinto estágio diz respeito à adolescência e caracteriza-se por um conflito entre a identidade e a confusão da identidade, é um estágio de transição para a maturidade, em que o sujeito experimenta um sem número de transformações comparável ao que ocorre na infância.

O autor utilizou alternadamente os termos difusão e confusão para explicar o carácter patológico que ameaça a resolução do conflito de identidade do eu na adolescência. Com o ressurgimento do egocentrismo na adolescência, o desenvolvimento da identidade implica a noção de estar separado e de ser diferente do outro e a consciência do que se é em relação ao mundo, daí a necessidade de integração dos elementos de identidade já adquiridos.

Os três últimos estágios de Erikson (1980) referem-se à vida adulta e são posteriores ao da identidade, o primeiro destes estágios da vida adulta diz respeito à aquisição da capacidade de intimidade e distanciamento em oposição ao isolamento, a intimidade como uma competência para estabelecer relações caracterizadas pela capacidade de partilha e mutualidade, distanciamento como capacidade de estar só, mas sentindo a segurança de uma relação íntima. O isolamento revela uma capacidade de estabelecer uma relação íntima satisfatória e de se comprometer emocionalmente com outros adultos.

O dilema seguinte é o da generatividade por oposição à estagnação, a necessidade que o indivíduo tem de produzir algo que lhe sobreviverá, como a orientação da geração seguinte, independentemente de se tratar de descendência ou não, produção de ideias, obras, etc. (Erikson, 1980; Costa, 1991; Simões, 1999). A estagnação é o reflexo da falha generativa da geração anterior, reflectindo-se numa focalização apenas em si próprio e numa despreocupação pelos outros.

O último estágio da vida adulta diz respeito à integridade que só é possível alcançar através de reflexão, compreensão e aceitação do eu, como resultado da percepção da própria vida como um empreendimento bem sucedido.

Neste contexto, o autor contextualiza a identidade de uma forma holística, considerando que o desenvolvimento biológico, psicológico, a organização pessoal da experiência e o meio social e cultural dão significado, forma e continuidade à existência do indivíduo (Costa, 1991; Simões, 1999; Fontaine, 2000). Sem por de parte a distinção entre mundo interno (ego, psique, identidade) e o mundo externo (sociedade, cultura, história) Erikson deu, segundo Levinson (1986) a primeira contribuição para a distinção entre ciclo-de-vida e o curso de vida ao salientar o compromisso entre o eu e o mundo. Neste seguimento, Levinson (1986) construiu uma teoria do desenvolvimento humano com base no conceito de “estrutura de vida” considerando que o curso de vida único e individual é a principal variante num ciclo de vida comum a todos os seres humanos – a teoria da mudança que apresentamos de seguida.

1.1.3 A Teoria da Mudança de Levinson

Levinson (1986) contribuiu para o estudo do desenvolvimento da adultez baseando-se na distinção entre os conceitos de ciclo-de-vida e curso de vida. O primeiro diz respeito à sequência de períodos de desenvolvimento ao longo da vida comuns a todos os seres humanos, o segundo é único por ser determinado pelas diferentes condições biológicas, psicológicas e sociais, assim, para o autor as características psicológicas de um indivíduo em determinada fase do desenvolvimento apenas podem ser analisadas e compreendidas nos termos da sua relação com toda a estrutura do ciclo de vida.

Para estudar o curso de vida é necessário examinar em detalhe a progressão da vida numa sequência temporal e incluir tudo o que seja significativo para o indivíduo (desejos internos e fantasias, relações amorosas, participação no meio familiar, no trabalho e outros meios sociais, alterações corporais, circunstâncias positivas e negativas).

Segundo Levinson (1986) todos estes componentes articulam e integram parte de um padrão que evolui ao longo do tempo, cada fase do ciclo de vida tem assim, as suas próprias características bio-psico-sociais e uma contribuição distinta para o desenvolvimento. Com base nesta distinção (ciclo de vida e curso de vida) Levinson (1986) elaborou uma concepção de desenvolvimento do adulto através da evolução da estrutura de vida.

As relações do indivíduo com o mundo externo (pessoas, grupos, instituições, cultura, determinados locais ou objectos) são de extrema importância, por se tratar de um dos principais componentes da estrutura de vida porque uma relação significativa envolve um investimento do eu (energia, desejos, valores, compromissos, capacidades), assim como um investimento recíproco por parte da outra pessoa ou entidade e um ou mais contextos sociais que contenham, organizem e se tornem parte da relação são estas as principais relações que substanciam o curso de vida. Assim, compreender o conceito de estrutura de vida requer uma análise à natureza e padrão das relações significativas do adulto e à sua evolução ao longo dos anos.

De acordo com o autor, a estrutura de vida desenvolve-se por ordem sequencial durante a adultez e consiste em períodos alternados de construção e de mudança ou transição, geralmente relacionados com a idade. É necessário ter também em conta que se em cada uma das fases se verificam grandes mudanças, na transição entre fases embora estas sejam menores são de uma importância crucial, para Levinson (1986) são estas fases e os períodos transitórios entre as fases que permitem delinear uma ordem de desenvolvimento da vida humana, nunca esquecendo a existência das variações no curso de vida de cada um.

Para Levinson (1986), a sequência desenvolvimental relativa à adultez integra assim três grandes fases (a jovem adultez, a meia-idade e a velhice). Durante a adolescência, o indivíduo começa por procurar a autonomia dos pais e inicia a construção do seu próprio sonho, que é segundo Levinson (in Durkin, 2000) o

delineamento dos objectivos futuros e desencadeia motivação e excitação relativamente ao futuro.

Na fase seguinte, o indivíduo entra para o mundo dos adultos iniciando o seu caminho no mundo do trabalho e estabelece relações afectivas particulares como por exemplo o casamento.

Na transição dos 30 anos verifica-se um auto-questionamento moderado e, por fim, o indivíduo encontra o seu lugar na sociedade, estabelece compromissos para avançar numa carreira particular e aceita os termos da sua vida.

Um dos aspectos mais importantes da adolescência é a selecção de um mentor, um indivíduo mais velho e mais experiente que lhe dê conselhos para avançar na carreira, Levinson (in Durkin, 2000) vê este relacionamento como crucial e importante pois o mentor oferece orientações, objectivos e suporte ao indivíduo mais novo, essa relação é geralmente intensa (porque envolve quer os aspectos positivos da amizade, quer os aspectos negativos da dúvida, competição e mudança) mas também transitória (tem uma duração aproximada entre 2 e os 10 anos). Por vezes a relação termina com sentimentos de desgosto para ambos, o indivíduo mais novo pode começar a ter manifestações de rancor e ressentimento que poderão aumentar excessivamente; o mentor percebe rebeldia e ingratidão.

1.2. Concepções Focais do Desenvolvimento

1.2.1 A meta-teoria do Ciclo- de-Vida de Baltes

Baltes (1997) delineou os contornos de uma perspectiva evolutiva e ontogenética, que considera uma arquitectura genética e sócio-cultural na base do desenvolvimento humano. As três grandes funções do desenvolvimento ontogénico (e dos modelos de resiliência) são o crescimento, a manutenção e a regulação das perdas.

O modelo *lifespan* ou do ciclo-de-vida integra três tipos de influências: acontecimentos marcados pela idade ou relacionados com a faixa etária (determinados biológica e ambientalmente), influências históricas e culturais (que diferem de geração para geração - efeito de *coorte*) e acontecimentos de vida não normativos ou auto-

biográficos, ligados à história pessoal do indivíduo. Este modelo pretende compreender as semelhanças e diferenças do desenvolvimento inter-individual, assim como a regulação adaptativa dos comportamentos de cada indivíduo (Baltes, Staudinger, & Lindenberg, 1999; Heckhausen & Schultz, 1995, 1996).

As mudanças adaptativas do desenvolvimento (ontogénese) envolvem uma sintonia de três componentes estratégicas, selecção, optimização e compensação, que permitem a compreensão da resiliência. A dinâmica deste sistema de selecção, optimização e compensação (SOC) consiste na compreensão de um desenvolvimento selectivo, de uma optimização funcional e de uma compensação adaptativa (Baltes, 1991; Baltes, 1997; Baltes & Freund, 1998; Baltes, 2000; Baltes & Singer, 2001). Isto é, para a existência de benefícios estruturais, o indivíduo selecciona e hierarquiza objectivos, alternativas de funcionamento e/ou padrões desenvolvimentais possíveis, uma vez que necessita de gerir o seu tempo e energia (selecção electiva).

Quando se confronta com o declínio de recursos, ou perda de objectivos prévios relevantes, mobiliza processos para a construção ou procura de uma nova hierarquia de objectivos (selecção motivada pela privação) (Baltes, 1997; Baltes & Freund, 1998). Os mecanismos de selecção dirigem a interacção entre indivíduos e o meio e conduzem a um foco na escolha dos objectivos pretendidos. A optimização funcional envolve uma procura e refinamento de recursos internos e externos para alcançar níveis de funcionamento superiores ou objectivos desejados (Baltes, 1997; Baltes & Freund, 1998; Baltes & Singer, 2001).

A compensação adaptativa surge sobretudo, quando se verifica um declínio dos recursos ou dos objectivos relevantes, mobilizando processos substitutos para a manutenção do nível de funcionamento, os mecanismos de compensação servem para proteger o indivíduo das perdas e declínio de capacidades, promovendo a manutenção, a recuperação e a aquisição de capacidades funcionais.

As interacções entre o indivíduo e o meio podem resultar quer em experiências de êxito, quer em experiências de fracasso. Assim, o êxito ajuda a manter os níveis das capacidades e dos recursos motivacionais existentes e a desenvolver novas capacidades, as experiências de fracasso tem pelo contrário, o potencial de desvalorizar as competências existentes (Heckhausen & Shultz, 1996).

Para o entendimento de um envelhecimento bem sucedido, Baltes e Freund (1998) apresentam uma perspectiva de síntese da plasticidade biológica, psicológica e cultural dos indivíduos ao longo do ciclo-de-vida; o desenvolvimento bem sucedido é relativo à maximização dos ganhos e minimização das perdas.

1.2.2 A teoria do controlo

Heckhausen e Schultz, (1995) propõem um modelo de regulação do comportamento ao longo do ciclo-de-vida, baseando-se nos processos de selecção e compensação enunciados por Baltes e Freund (1998). Este modelo procura ocupar-se do valor adaptativo e funcional dos fenómenos relacionados com o controlo.

Os comportamentos de regulação relacionados com o controlo distinguem-se entre primários e secundários (Heckhausen & Schultz, 1995). Segundo os autores, o controlo primário refere-se a comportamentos dirigidos para o meio externo e de forma a modificá-lo e ajustá-lo às necessidades e desejos do indivíduo. O controlo secundário incide sobre os processos internos, como por exemplo, os mecanismos de *coping* e serve para minimizar as perdas e para manter e ampliar os níveis de controlo primário existentes. Os mecanismos de *coping* incluem-se na capacidade de resiliência dos indivíduos, pois quando confrontados com *stressores*, as suas formas de resposta, conduzem a níveis particulares de adaptação e maturação permitindo ao indivíduo manter um sentimento de bem estar e de qualidade de vida (Park, 1998). Embora o controlo primário tenha primazia funcional sobre o controlo secundário ambos coexistem e as trocas existentes dependem dos desafios e obstáculos encontrados.

Tanto os processos de selecção como os processos de compensação podem ser caracterizados em termos de processos de controlo primário e secundário (Heckhausen & Schultz, 1996). O controlo primário selectivo (selecção primária) refere-se ao foco de investimento dos recursos, tais como esforço, tempo, capacidades e perícia requeridos num determinado objectivo.

Os alvos do controlo secundário selectivo (selecção secundária) são as representações internas que são relevantes na motivação canalizada para o objectivo pretendido. As representações relevantes incluem os valores atribuídos ao objectivo

pretendido e aos objectivos alternativos, assim como o controlo pessoal percebido e a antecipação dos efeitos ou consequências que poderão ocorrer.

A selecção secundária aumenta efectivamente o valor do objectivo escolhido e desvaloriza as alternativas que não foram escolhidas. Por sua vez, o controlo primário compensatório (compensação primária) surge quando as capacidades físicas e cognitivas do indivíduo se mostram insuficientes para alcançar o objectivo escolhido; refere-se à utilização de recursos externos tais como assistência dos outros ou ajudas técnicas (suporte social). As dimensões do suporte social incluem apoio afectivo e emocional, instrumental, assistência física, partilha de pensamentos, experiências e sentimentos, informação e aconselhamento e contactos sociais positivos, isto é, todas as dimensões que permitam ao indivíduo mobilizar os seus próprios recursos psicológicos (Paul, 1991; Vidal, 1991; Ornelas, 1994) e desenvolver a sua capacidade resiliente.

O controlo secundário compensatório (compensação secundária) serve para reduzir os efeitos negativos do fracasso ou das perdas sobre a motivação do controlo primário do indivíduo. A compensação secundária inclui estratégias de descomprometimento com os objectivos escolhidos prioritariamente e comprometimento com objectivos alternativos, atribuição causal comparações sociais e intra-individuais estratégicas.

2. Exílio e integração dos refugiados

2.1. Considerações sobre a situação dos refugiados em Portugal

Asilo, é uma expressão que tem origem no latim “asylum”, que significa “inviolável”. De acordo com o artigo 14º da Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948: «Perante perseguição, qualquer pessoa tem o direito de procurar asilo e dele beneficiar em outros países». O asilo pretende ser, portanto, a protecção concedida a determinados indivíduos por um Estado, no seu território, à revelia da jurisdição do país de origem do refugiado. Em contraste, o Imigrante é aquele que, ao invés de um Refugiado, não necessita de protecção internacional, deixando voluntariamente o seu país por outras razões que não as mencionadas na definição de refugiado, nomeadamente por motivos económicos.

Todavia, a distinção entre um Imigrante que se desloca do país de origem por motivos económicos e um Refugiado pode nem sempre ser fácil, do mesmo modo que a distinção entre medidas económicas e políticas no país de origem do requerente nem sempre é clara. Com efeito, por detrás de medidas económicas que afectam um indivíduo, podem existir factores raciais, religiosos ou políticos dirigidos a um grupo em particular. Quando as medidas económicas comprometem a sobrevivência económica de um segmento particular da população de um país (por exemplo, através do impedimento ao exercício do comércio, impostos discriminatórios sobre um grupo étnico ou religioso específico), as vítimas destas medidas podem, tendo em conta as circunstâncias, considerar-se refugiados.

Tipos de protecção concedidos pelo Estado Português

O Estatuto de Refugiado adoptado a 28 de Julho de 1951, na Convenção de Genebra, instrumento universal que estabelece as normas internacionais de protecção a refugiados, enuncia os direitos e os deveres, assim como as obrigações dos Estados perante eles, estipulando padrões internacionais de tratamento e estabelecendo os princípios que promovem e salvaguardam os seus direitos em matéria de emprego,

educação, residência, liberdade de circulação, acesso aos tribunais, naturalização e, acima de tudo, de segurança contra o regresso a um país onde possam ser vítimas de perseguição.

Os artigos 1º e 33º que se apresentam em seguida contêm duas das mais importantes disposições.

A definição de refugiado universalmente aceite consta do artigo 1º da Convenção de Genebra de 1951: «em consequência de acontecimentos ocorridos antes de 1 de Janeiro de 1951 e receando com razão ser perseguido em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontre fora do país de que tem nacionalidade e não possa ou, em virtude daquele receio, não queira pedir protecção daquele país; ou que, se não tiver nacionalidade e estiver fora do país no qual tinha a sua residência habitual, após aqueles acontecimentos não possa ou, em virtude do dito receio, a ele não queira voltar.» As pessoas que se enquadram nesta definição devem usufruir de certos direitos, não devendo o asilo ser encarado como caridade internacional ou benefício político.

A Convenção fixa as regras básicas a seguir no tratamento dos refugiados por parte dos Estados-Membros, nomeadamente a obrigação de proteger e assistir, até à presente data aderiram cerca de 170 Estados.

A Lei de Asilo portuguesa, no número 1 do artigo 1º vai ainda mais longe do que a definição acima referida, alargando o âmbito desta definição: «É garantido o direito de asilo aos estrangeiros e apátridas perseguidos ou gravemente ameaçados de perseguição, em consequência de actividade exercida no Estado da sua nacionalidade ou da sua residência habitual em favor da democracia, da libertação social e nacional, da paz entre os povos, da liberdade e dos direitos da pessoa humana.»

O artigo 33º fala da proibição de expulsar e repelir (“*refoulement*”), nenhum dos Estados Contratantes expulsará ou repelirá um refugiado, seja de que maneira for, para as fronteiras dos territórios onde a sua vida ou a sua liberdade sejam ameaçadas em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou opiniões políticas. Segundo o ACNUR, deverá aplicar-se sempre, independentemente de ter sido ou não, formalmente reconhecido o seu estatuto de refugiado.

O aparecimento de novas situações têm conduzido à reformulação e actualização do conceito de protecção, assim, o conceito de protecção complementar constitui uma

forma subsidiária de protecção de indivíduos que, apesar de não caírem no âmbito de aplicação do conceito de refugiado constante da Convenção de Genebra, não podem regressar ao seu país de origem necessitando de protecção internacional.

A protecção complementar não deverá substituir o estatuto de refugiado, de igual modo, os beneficiários deste tipo de protecção não deverão ter menos direitos que os refugiados, pois tal é inconsistente com a noção fundamental de que todos os direitos são fundamentais. Existe em ambos os casos a necessidade do Estado de acolhimento se substituir na protecção daqueles indivíduos.

A Protecção Humanitária é uma protecção complementar que se aplica a situações como as de guerra civil, emergências nacionais, desastres naturais ou violações graves dos Direitos Humanos.

Segundo o artigo 8º da Lei de Asilo: «é concedida autorização de residência por razões humanitárias aos estrangeiros ou apátridas a quem não sejam aplicáveis as disposições do artigo 1º e que sejam impedidos ou se sintam impossibilitados de regressar ao país da sua nacionalidade ou da sua residência habitual, por motivos de grave insegurança devido a conflitos armados ou à sistemática violação dos direitos humanos que aí se verifiquem.» Segundo a Jurisprudência do Supremo Tribunal Administrativo, caberá ao requerente comprovar os factos concretos tendentes ao preenchimento dos pressupostos essenciais à concessão de uma autorização de residência por razões humanitárias (comprovação de identidade e nacionalidade). O requerente terá que apresentar fundamentos válidos que demonstrem que a sua esfera pessoal poderá de facto vir a ser afectada por uma situação violadora dos seus direitos fundamentais, de modo a impossibilitá-lo de regressar ao seu país de origem. A insegurança tem que assentar em factos que digam respeito à sua pessoa, avaliados por determinados padrões normativos e não nos termos subjectivos do requerente.

Nos termos da lei, a autorização de residência emitida nestes casos é válida pelo período máximo de 5 anos e ao contrário do que acontece com o estatuto de refugiado, a sua renovação implica uma nova análise da situação do país de origem, da sua evolução e das razões que motivaram a fuga.

A Lei de Asilo, no seu artigo 26º, ao estabelecer que as regras referentes à admissibilidade do pedido de asilo e à sua concessão se aplicam, com as devidas adaptações, às situações previstas no artigo 8º (autorização de residência por razões

humanitárias) está a consagrar expressamente um sistema de procedimento único de análise dos pedidos de asilo. Assim, ainda que exista distinção entre os conceitos de refugiado e de autorização de residência por razões humanitárias, são ambos tratados no mesmo processo com os mesmos procedimentos e conseqüentemente analisados na mesma decisão.

Podemos concluir que a lei de asilo nacional reconhece um conceito amplo de asilo que engloba o conceito de refugiado propriamente dito e o conceito de Protecção Humanitária.

A Protecção Temporária é uma protecção excepcional, decidida em Conselho de Ministros, reservada para situações de fluxos de pessoas ou grupos específicos em larga escala, que necessitam de protecção internacional. Refere-se a um elevado número de chegadas, durante um breve período de tempo, de pessoas provenientes do mesmo país de origem.

Tendo em conta o elevado número de pessoas seria materialmente impossível levar a cabo uma determinação de estatuto de refugiado a nível individual, encontrando-se assim previsto no artigo 9º da Lei de Asilo um estatuto colectivo: «O Estado Português pode conceder Protecção Temporária, por um período que não deve exceder os dois anos, a pessoas deslocadas do seu país, em consequência de graves conflitos armados que originem, em larga escala, fluxos de refugiados.»

Fases do procedimento de asilo

A Fase Processual de Admissibilidade é a primeira fase do procedimento de asilo em Portugal. Nesta fase é efectuada a instrução sumária do pedido pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), culminando na decisão fundamentada da sua recusa ou admissão, da competência do Director do SEF de acordo com o artigo 14º da Lei de Asilo.

Se o pedido for admitido passa-se à fase seguinte, a fase processual de concessão do asilo, caso o pedido seja recusado, o requerente pode pedir a sua reapreciação, com efeito suspensivo, ao Comissário Nacional para os Refugiados (CNR).

Se o CNR der provimento à reapreciação, o pedido passará à fase de elegibilidade, se for rejeitado, isto é, se o CNR concordar com a decisão do Director do SEF, o requerente pode recorrer da mesma decisão para o Tribunal Administrativo de Círculo, que não tem efeito suspensivo.

Segue-se a Fase Processual de Concessão do Asilo, tendo sido admitido o pedido de Asilo é emitido ao requerente uma Autorização de Residência Provisória (ARP), nesta fase, o SEF procede às diligências requeridas e averigua todos os factos cujo conhecimento seja conveniente para uma justa e rápida decisão, nos termos do artigo 22º, número 1, da Lei de Asilo.

Durante a instrução, o CPR pode juntar ao processo relatórios ou informações sobre o respectivo país de origem e obter informações sobre o estado do processo, após o seu termino, cujo prazo é de 60 dias prorrogável por igual período, o SEF envia ao CNR o processo e um relatório, caso se justifique. O CNR elabora um projecto de proposta fundamentada de concessão ou recusa de asilo, de que é dado conhecimento ao Centro Português de Refugiados e ao requerente, podendo ambos pronunciar-se, no prazo de 5 dias.

Neste caso, o CNR reaprecia o projecto de proposta à luz dos novos elementos e apresenta proposta fundamentada ao Ministro da Administração Interna, para sua apreciação, da recusa do pedido de asilo pode-se interpor recurso para o Supremo Tribunal Administrativo, que tem efeito suspensivo. Em caso de concessão de asilo é emitido um título de identidade comprovativo da sua qualidade, vulgarmente denominado como “Cartão de Refugiado”.

O requerente de asilo é a pessoa que apresentou um pedido de asilo e que está em procedimento de asilo, não tendo este ainda sido objecto de deliberação definitiva, de acordo com o artigo 52º da Lei de Asilo, o requerente beneficiará, sempre que necessário, dos serviços de um intérprete para o assistir durante o procedimento de asilo, de igual modo, o CPR prestará apoio jurídico, social e cursos de formação em língua portuguesa, podendo o requerente aceder ao Serviço Nacional de Saúde. Durante a fase de admissibilidade, o requerente pode permanecer no Centro de Acolhimento do CPR.

O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) é um órgão de polícia criminal com autonomia, pertencente ao Ministério da Administração Interna (MAI), que de acordo

com a legislação lhe compete a instrução de todos os pedidos de asilo apresentados em Portugal. Cabe ao seu Director Geral decidir sobre a admissão ou recusa desses pedidos, bem como a aceitação por parte do Estado Português da responsabilidade da análise do pedido e a sua transferência para outro Estado membro da União Europeia.

O Commissariado Nacional para os Refugiados, criado no âmbito do Ministério da Administração Interna, é constituído por um Comissário Nacional para os Refugiados e por um Comissário Nacional Adjunto, que nos termos do artigo 34º da Lei de Asilo, deverão ser magistrados judiciais ou do Ministério Público, com mais de 10 anos de serviço.

O Commissariado Nacional para os Refugiados goza do estatuto de imparcialidade e independência em relação à Administração e desempenha uma função consultiva (elaborando propostas fundamentadas de concessão ou recusa de asilo, de atribuição e renovação de autorização de residência por razões humanitárias e de declaração de perda do direito). Constitui a primeira instância de recurso administrativo, decidindo sobre os pedidos de reapreciação e das decisões de não-admissibilidade emitidas pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, que lhe sejam apresentados.

Compete ao Ministro da Administração Interna (MAI) decidir sobre a concessão ou recusa de asilo, bem como concessão ou recusa de protecção humanitária, sob proposta do Commissariado Nacional para os Refugiados.

O Conselho Português para os Refugiados é uma Organização Não-Governamental, sem fins lucrativos, criada em 1991 com o objectivo de defender e promover o direito de asilo sendo o parceiro operacional do Alto Commissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) desde 1993. Em Dezembro de 1998, após o encerramento deste organismo internacional em Portugal, o CPR passou a representar os seus interesses no nosso país. A Lei 15/98, de 26 de Março (Lei de Asilo) confere ao CPR a responsabilidade de desempenhar um papel consultivo no procedimento de asilo, bem como a faculdade de prestar “aconselhamento jurídico directo aos requerentes de asilo em todas as fases do procedimento” (Artigo 52º/2 da Lei De Asilo).

O CPR é a única organização em Portugal que trabalha exclusivamente com os requerentes de Asilo e Refugiados, desde a fase do acolhimento até à integração. As suas actividades desenvolvem-se na área jurídica, social, de aconselhamento para o

emprego e para a formação profissional, assim como na promoção de cursos de língua portuguesa e informática.

Caso o pedido de asilo tenha sido admitido, nos termos do artigo 21º da Lei de Asilo é atribuído ao requerente uma Autorização de Residência Provisória (ARP), esta ARP é válida pelo período de 60 dias contados da data de apresentação do pedido e renovável por períodos de 30 dias até decisão final do mesmo, é de realçar o facto de que, nos termos do artigo 55º, aos requerentes de asilo portadores de autorização de residência provisória é assegurado o acesso ao mercado de trabalho, o que significa que durante a pendência do procedimento de asilo podem trabalhar.

O conceito de refugiado pode ainda incluir diferentes entendimentos assim, os refugiados de facto, são aqueles indivíduos que apesar de não se enquadrarem no conceito formal necessitam de protecção internacional, esta definição é utilizada em vários Estados, referindo-se a pessoas cuja situação não se encontra abrangida pela definição da Convenção de Genebra de 1951.

Os Refugiados em órbita, são grupos de pessoas cuja admissão foi recusada por vários Estados, baseando-se no facto de que poderiam obter protecção noutra lugar mas que não conseguem encontrar um país que as admita.

Os Refugiados estatutários, são pessoas que foram consideradas refugiados pela aplicação das disposições dos instrumentos internacionais anteriores à Convenção de 1951.

Os Refugiados sob o mandato são aqueles que se enquadram no âmbito da competência do Alto Comissariado (ACNUR), nos termos do mandato definido no seu estatuto.

Os Refugiados "*Prima Facie*" são grupos de pessoas que se presume terem um receio fundado de perseguição, de acordo com a definição de refugiado da Convenção de Genebra de 1951, esta expressão é também utilizada para refugiados em sentido amplo (refugiados que deixaram os seus países de origem em consequência de guerra). Nestes casos, não se procede à determinação individual, havendo reconhecimento colectivo.

Existem ainda, os Refugiados "Quota" que são um número limitado de pessoas admitidas num país terceiro, normalmente para reinstalação, vindos de um país de acolhimento.

Por último temos os Refugiados “*sur place*”, que são as pessoas que embora não fossem refugiadas quando saíram do seu país de origem, devido a circunstâncias que surgiram durante a sua ausência, passaram a ter receio fundado de perseguição por qualquer um dos motivos mencionadas na Convenção de Genebra de 1951.

De forma a melhorar as condições de acolhimento desta população no nosso país, o CPR dirige actualmente um centro de acolhimento para requerentes de asilo, localizado na Bobadela, onde Alice (o sujeito da nossa história de vida) viveu durante os seus primeiros nove meses em Portugal.

O CAB (Centro de Acolhimento da Bobadela) está aberto e encontra-se vigiado todos os dias durante 24 horas, à sua chegada os utentes recebem artigos de higiene, roupa de cama, pijama, chinelos, atalhados, assim como utensílios de cozinha. Existe um serviço de lavandaria e um banco de roupa em 2ª mão, a sala de refeições e de convívio funciona até às 23h e cozinha pode ser utilizada até às 21h. Após esta hora é feita a limpeza do espaço que é da responsabilidade dos utentes.

Após a admissão no Centro, durante os primeiros cinco dias o almoço e o jantar são fornecidos aos utentes, posteriormente os utentes passam a utilizar a cozinha para confeccionarem a sua comida, recebendo para isso um subsídio semanal e alguns géneros alimentícios.

Para além destes serviços que respondem às necessidades de carácter básico e imediato, o CAB disponibiliza ainda o quiosque *Internet* durante os dias úteis entre as 10h e as 18h e tem ainda à disposição dos refugiados um monitor que dinamiza o processo de interacção com os computadores, duas vezes por semana, às 3ªs e 5ªs feiras entre as 15h e as 17h.

Esta actividade está aberta a todos os requerentes que se encontram na 1ª fase do processo de asilo, incluindo aqueles que optaram por não ficarem alojados no Centro, tendo-se revelado fundamental não só para ocupação dos tempos livres, mas também como o primeiro contacto com os meios informáticos para muitos utentes.

Este serviço é essencial como meio de ligação com o país de origem (familiares e amigos) e como forma de obtenção de informação na língua materna, para por exemplo fundamentar o pedido de asilo, informação essa que muitas vezes não está acessível aos técnicos por desconhecimento da língua.

A formação em língua Portuguesa (2ª 4ª e 6ªs feiras), tem sido garantida através do projecto EQUAL “Acolhimento e Integração de Requerentes de Asilo”, permitindo assim, quer aos utentes do CAB, quer aos requerentes de asilo/refugiados residentes na área geográfica do Centro, usufruir deste tipo de formação essencial não só para a integração, mas também no acolhimento de refugiados.

O requerente de asilo beneficia do apoio judiciário nos termos gerais (Artigo 52º/3 da Lei de Asilo). Pode interpor um recurso de anulação da decisão que recaiu sobre o seu pedido de asilo, junto das seguintes autoridades judiciárias: o recurso contencioso para o Supremo Tribunal Administrativo (STA).

Segundo o artigo 212º da Constituição da República Portuguesa (CRP) o Supremo Tribunal Administrativo (STA) é o órgão superior da hierarquia dos tribunais administrativos e fiscais, competindo-lhe o julgamento das acções e dos recursos contenciosos que tenham por objecto dirimir os litígios emergentes das relações administrativas e fiscais. Em sede de procedimento de asilo é o tribunal competente para conhecer dos recursos interpostos das decisões do Ministro da Administração Interna.

Em Portugal o recurso para o Supremo Tribunal Administrativo tem efeitos suspensivos (Artigo 24º da Lei de Asilo), o requerente pode assim permanecer em situação regular, no país enquanto estiver pendente o recurso no Supremo Tribunal Administrativo.

O Tribunal administrativo de 1ª instância na hierarquia dos tribunais administrativos e fiscais é o tribunal competente para conhecer dos recursos interpostos da decisão do Comissário Nacional para os Refugiados (Artigo 16º da Lei de Asilo).

É possível, a um requerente apresentar pedido de asilo nos postos de fronteira (Aeroportos ou Portos marítimos), sendo o regime que destes pedidos em tudo similar aos apresentados em território nacional, no entanto, atendendo à situação específica em que os requerentes nestas circunstâncias se encontram, isto é, confinados às zonas internacionais dos aeroportos ou portos, os prazos são necessariamente mais curtos. Por exemplo, o Director do SEF tem que proferir decisão fundamentada de admissão ou recusa do pedido no prazo máximo de cinco dias. De igual modo, o requerente tem o prazo de 24 horas para solicitar reapreciação da decisão de recusa, com efeito

suspensivo, ao Comissário Nacional para os Refugiados (CNR) que por sua vez tem 24 horas para proferir decisão final. Caso sejam ultrapassados os prazos referidos o requerente entrará em território nacional, seguindo-se a instrução do procedimento de asilo.

Em caso de decisão de recusa do pedido, o requerente deverá regressar ao ponto onde iniciou a sua viagem ou, em caso de impossibilidade, ao Estado onde foi emitido o documento de viagem como qual viajou ou a outro local onde possa ser admitido, nomeadamente, um país terceiro de acolhimento (número 3 do artigo 20º da Lei de Asilo).

Em caso de decisão de admissão do pedido por parte do SEF, ou em caso de reapreciação positiva do CNR, o requerente entrará em território nacional, seguindo a instrução do processo de asilo.

O Conselho Português para os Refugiados (CPR) tem acesso ao local onde os requerentes se encontram, de forma a prestar-lhes aconselhamento e apoio jurídico em sede de procedimento de asilo.

No âmbito do direito de asilo existem prazos administrativos e prazos judiciais, consoante o procedimento esteja a correr junto das autoridades Administrativas (SEF, CNR, MAI) ou esteja em fase de recurso contencioso perante os tribunais (Tribunal Administrativo de Círculo ou Supremo Tribunal Administrativo).

Em Direito Administrativo, a ultrapassagem dos prazos pela Administração significa o deferimento tácito do pedido apresentado pelo Administrado, da mesma forma, o não cumprimento dos prazos por parte do requerente pode implicar a perda do seu direito.

2.2 Teoria dos Vínculos de Grinberg

De acordo com Grinberg (1976) assumir de forma madura uma identidade baseada numa ideologia progressiva que tende para o conhecimento, pressupõe também um luto, porque implica a ruptura com estruturas estabelecidas e identidades anteriores para então ser capaz de se integrar de forma diferente. Constitui uma verdadeira mudança revolucionária, na medida em que o indivíduo tem de passar pela experiência dolorosa de períodos de desorganização de sistemas psíquicos, estruturas estabelecidas e vínculos objectais, para se integrar numa reorganização que o conduza a configurar uma nova identidade.

Grinberg (1976) acredita que essas experiências de mudança são momentos criativos que resgatam o autêntico e enriquecem a condição de ser autêntico para si e para os outros. A formação da identidade é um processo que surge da assimilação mútua e bem sucedida de todas as identificações fragmentárias da infância, que por sua vez pressupõem uma inclusão bem sucedida das introjecções precoces enquanto esse êxito depende da relação satisfatória com a mãe e depois com o resto da família.

O encontro do refugiado com outra sociedade, é o reencontro ou desencontro consigo próprio, com consequências complexas a nível da estruturação da identidade, vinculada a partir de então a duas culturas.

Aliás o sentimento de continuidade de identidade resulta na perspectiva de Grinberg, de um processo de interacção contínua entre três vínculos de integração (espacial, temporal e social).

O vínculo de integração espacial diz respeito à relação das diferentes partes do *self* entre si, incluindo o *self* corporal, permitindo assim ao sujeito manter a sua coesão interna bem como o sentimento de individuação, comparando-se e diferenciando-se dos objectos.

O vínculo de integração temporal uniria as diversas representações do *self* no tempo, estabelecendo uma continuidade entre elas e assegurando por aí a base do sentimento de mesmidade e permitindo ao sujeito continuar a sentir-se o mesmo, para além das transformações temporais.

O vínculo de integração social diz respeito às relações que se estabelecem entre o *self* e os objectos, através dos mecanismos de identificação projectiva e introjectiva, conferindo ao sujeito o sentimento de pertença.

Este tipo de vivências articula-se com o conflito existente entre o desejo de confundir-se com os outros para não se sentir excluído e o desejo de se diferenciar dos outros para continuar a ser ele mesmo. Daí o frequente «onde estou?», «o que é que eu faço aqui?».

Também o vínculo temporal se pode manifestar através das confusões que o sujeito faz entre o passado e o presente, indo estas das formas mais benignas, expressas por lapsos contínuos, até casos mais extremos em que o passado invade o sujeito de tal forma que o impossibilita de caminhar para a integração.

Winnicott (1971) afirmava que a continuidade da existência é assegurada pela herança cultural, mas o aparecimento de uma crise com o significado de ruptura, parece demonstrar que a herança cultural não basta por si só para assegurar esta continuidade, é o que acontece com o adolescente, com o emigrante e com o refugiado.

Winnicott considera a herança cultural como uma extensão do espaço potencial entre o indivíduo e o seu ambiente, o uso desse espaço, depende da formação de um espaço entre dois, entre o eu e o não eu, entre o dentro (grupo de pertença) e o fora (grupo de recepção) entre o passado e o futuro. O sujeito “deslocado”, precisa portanto, de um espaço potencial que sirva de lugar de transição e de tempo de transição entre o país “objecto-materno” e o novo mundo externo (espaço potencial) que conceda a possibilidade de viver a migração como «jogo», com toda a seriedade e implicações que este tem para as crianças. Quando se fracassa na criação deste (estado potencial). Produz-se a ruptura na relação de continuidade do meio e do *self*, esta ruptura pode ser comparada às ausências prolongadas do objecto de que a criança precisa, que implicam a capacidade de simbolização e a necessidade de recorrer a defesas mais primitivas, tal como uma criança carente é incapaz de brincar e revela um empobrecimento evolutivo no campo cultural, um refugiado carente que sofre a perda prolongada de objectos confiáveis no ambiente, também sofre uma diminuição da sua capacidade criativa.

A recuperação das suas habilidades dependerá das suas condições para elaborar e superar essa carência já que a deslocação é uma das contingências da vida que expõe o

indivíduo que a experimenta a passar por estados de desorganização que exigem uma reorganização ulterior, que nem sempre se consegue.

Até certo ponto é possível prever êxitos ou fracassos numa migração ou numa deslocação forçada, avaliando a capacidade potencial para se reorganizar num tempo relativamente curto, depois da desorganização transitória ocasionada pela angústia numa situação de stresse.

Resumindo, de acordo com Grinberg (1996), diremos que o exílio é uma experiência potencialmente traumática caracterizada por uma série de acontecimentos traumáticos parciais e que ao mesmo tempo configura uma situação de crise, essa crise pode, por outro lado, ter sido tanto o desencadeador da situação de fuga do país de origem como a consequência dela.

Se pela sua predisposição ou pelas condições da deslocação forçada, o Eu do refugiado foi severamente castigado pela experiência traumática ou pela crise que viveu ou vive, ele terá dificuldade em recuperar-se do estado de desorganização a que chegou e padecerá de diferentes formas de patologia psíquica ou física, se pelo contrário, conta com uma capacidade de elaboração suficiente, não só vence a crise como esta assumirá uma qualidade do renascimento com o desenvolvimento do seu potencial criativo.

A capacidade de estar só é um dos aspectos mais importantes de maturidade no desenvolvimento emocional, tal como nos refere Winnicott (1958), o indivíduo adquire-a na infância com base na sua habilidade para manejar os seus sentimentos na relação com a mãe e uma vez estabelecida a relação triangular, com ambos os pais. Por outras palavras, a criança que se sente excluída frente ao casal constituído pelos seus pais na cena primitiva, e é capaz de dominar o seu ciúme e o seu ódio, aumenta a capacidade de estar sozinha. Esta capacidade implica a fusão dos impulsos agressivos e eróticos, a tolerância face à ambivalência dos seus sentimentos e a possibilidade de se identificar com cada um dos progenitores. Para que esta capacidade se mantenha ao longo da sua evolução até à vida adulta, será necessário a existência de bons objectos instalados na realidade psíquica do indivíduo. A relação do indivíduo com estes objectos internos, a par da confiança que estes lhe conferem e da integração alcançada, constituirão a base primordial para que possa tolerar as separações e a ausência de estímulos e objectos externos conhecidos. Haverá nestes sujeitos menor tendência para reacções paranóides e

maior possibilidade em dispor dos seus bons objectos internos, que poderão projectar-se no mundo externo na devida altura.

Na experiência migratória, o indivíduo que adquiriu esta capacidade encontra-se em melhores condições para enfrentar tanto a perda dos objectos familiares como a inevitável exclusão que sofrerá durante os primeiros meses da sua instalação no novo ambiente. Tendo em conta que na sua vivência, irá repetir a situação de frustração e exclusão infantil experimentada junto dos pais, dado que os membros da nova comunidade mantêm laços entre si e partilham coisas comuns (língua, recordações, experiências, conhecimentos dos quotidiano, etc.) relativas ao novo país e às quais ainda é alheio.

Klein (1963) refere-se ao sentimento de solidão baseado na vivência de incompletude que deriva do fracasso de uma plena integração pessoal. A isto acrescenta-se a convicção por parte do sujeito que determinadas partes dissociadas e projectadas no *self* nunca serão recuperadas, o que contribui para que o indivíduo nunca se sinta na inteira posse de si mesmo nem possa sentir-se como pertencente a uma pessoa ou a um grupo. A capacidade de desenvolver esse sentimento de pertença parece constituir um requisito indispensável para se integrar bem num país novo, bem como para manter o sentimento da própria identidade tal como Grinberg (1971) desenvolveu na sua obra. Neste contexto, as pessoas que possuem um intenso sentimento de solidão com as características antes referidas terão problemas que se agudizarão nas suas experiências migratórias, visto que estas acentuam durante um certo tempo a vivência de não pertença, «já não se pertence ao mundo que se deixa» e «ainda não se pertence» ao mundo a que se chega.

O fenómeno migratório é de tal forma importante, que a sua magnitude afecta um número elevado de indivíduos, como refere Calvo (in Grinberg & Grinberg, 1996), por mais explicações sociopolíticas ou económicas que se lhe dêem, este fenómeno nem por isso deixa de representar um sério problema pessoal para cada um dos indivíduos afectados por esta experiência, que justifica o seu estudo específico.

Vários autores, dedicaram as suas investigações aos aspectos psicológicos da “emigrabilidade”, Menge (in Grinberg & Grinberg, 1996), define o conceito de “emigrabilidade” como a capacidade potencial do emigrante para adquirir no novo ambiente de forma gradual e comparativamente rápida, uma certa medida de equilíbrio

interno que é normal para ele – sempre e quando o novo ambiente o torne razoavelmente possível – e que, ao mesmo tempo, possa integrar-se no novo contexto sem ser um elemento perturbado ou perturbador no seu seio.

A necessidade de adquirir um sentimento de pertença, parece ser um requisito fundamental para uma boa integração num país novo, bem como para manter o sentimento da própria identidade.

Segundo Grinberg e Grinberg (1996), as pessoas que possuem um intenso sentimento de solidão, terão problemas que se reflectirão nas suas experiências migratórias. Os autores, acreditam que não existe um tipo de personalidade específica que condicione a tendência migratória contudo, pensam que pode haver uma maior ou menor predisposição para migrar, baseada na história de cada indivíduo, podendo mesmo manifestar-se em função de circunstâncias e motivações externas e internas num dado momento das suas vidas.

Pouco a pouco, o indivíduo passará a sentir-se parte integrante na sociedade receptora, chegando mesmo a viver como suas as características particulares tais como a língua, os costumes e a cultura e mantendo ao mesmo tempo uma relação positiva e estável com o seu país de origem, com a sua língua e com a sua cultura. A integração, sempre lenta e trabalhosa, será resultante de passos sucessivos e complementares.

São vários os factores de extrema importância para a integração do imigrante na nova sociedade, tal como a língua estranha, a importância da idade com que se migra e a identidade.

A mudança de língua que o imigrante tem que enfrentar, é um dos problemas mais importantes. Entende-se por linguagem “um produto contínuo, uniforme de signos e significados que desempenham uma função real na fala humana” (Grinberg, & Grinberg, 1996).

Na nova sociedade em que está inserido, o imigrante terá que aprender (por vezes com muito esforço) uma linguagem nova, que o ajude a perceber a realidade específica que o rodeia e a comunicar com os outros indivíduos. Por vezes, tal situação produz enormes dificuldades, pois substituir a sua língua, produto da sua cultura que lhe serviu desde pequeno para criar e assimilar o mundo que o rodeia, não é uma tarefa fácil para o imigrante, mesmo supondo que no país de acolhimento se fale a mesma língua, esta nunca será a sua.

O seu discurso, ocorrerá num instante particularmente distinto do seu tempo, e numa textura circunstancial significativamente diferente, a experiência humana, produto do diálogo entre o seu “eu” e o “tu” desconhecido, terá características novas e até certo ponto alienadas para ele, que poderiam converter-se numa ameaça para o seu sentimento de identidade, podendo acentuar-se ainda mais se o seu instrumento linguístico familiar tiver que ser substituído por outro estranho, para apreender a nova realidade que o rodeia e tentar estabelecer a comunicação com os seus habitantes (Grinberg & Grinberg, 1996).

Para Lacan (1953), a linguagem preexiste ao aparecimento do sujeito e também o gera. Afirma que o meio propriamente humano não é biológico nem social, mas linguístico. Neste sentido, haveria uma aproximação entre as suas ideias e as de Chomsky, já que este último salienta que a linguagem não é uma forma “mecânica” imposta do exterior ao sujeito, mas uma forma “orgânica” que cresce no interior e adquire progressivamente o pleno desenvolvimento das suas particularidades, é um sistema generativo de regras e de princípios que oferecem meios finitos para possibilidades infinitas. Chomsky refere ainda o facto de a linguagem permitir instaurar a ordem do mundo, servindo antes de mais de órgão do pensamento, da consciência e da reflexão, dotando o espírito e a mente de uma autonomia sobre o vivido (Grinberg & Grinberg, 1996).

Posto isto, é importante verificar e perguntarmo-nos em que grau o refugiado adulto é capaz de aprender a falar uma nova língua, exprimindo-a à medida que a ouve em seu redor, tal como uma criança. Em geral o refugiado adulto tem mais dificuldades em se identificar com o novo meio em que está inserido e por consequência com a nova língua, ao aprendê-la tem tendência a incorporar o vocabulário e a gramática de forma racional, no entanto não incorpora nem o sotaque, nem a entoação, nem o ritmo, tal como a criança faz.

Quando se depara com uma nova língua que não é capaz de compreender, o refugiado pode sentir perante a língua estranha, ciúme, ódio e um desesperado desejo de a adquirir para poder participar na nova sociedade. Mas o contrário também pode acontecer, alguns indivíduos demonstram uma extraordinária facilidade em adoptarem uma nova língua, que pode mesmo responder a motivações defensivas.

Para Wittgenstein, a linguagem mais não é que um jogo mediante o qual o homem tenta superar a sua posição solipsista no mundo, a sua alienação face aos outros seres humanos e o seu desconhecimento da natureza (Grinberg & Grinberg, 1996).

Quando todos os problemas relativos à linguagem são ultrapassados, o imigrante vê a língua estrangeira como um enriquecimento pessoal e social, capaz de enriquecer os outros, e não como uma ameaça à sua identidade.

A importância da idade na experiência migratória, é outro dos factores importantes, para a integração do refugiado na nova sociedade, embora produzam o seu impacto em todas as fases de vida, as experiências migratórias serão assimiladas de maneiras diferentes consoante a idade em que se produzem, não serão iguais para os adolescentes e os adultos jovens com um longo futuro para viverem e para pessoas maduras com muita história vivida (Grinberg, & Grinberg, 1996).

2.3 Modelo de Aculturação

Se o trabalho de aculturação foi quase exclusivamente conduzido no início no âmbito da antropologia, constitui hoje em dia um conceito importante no âmbito da Psicologia Intercultural. Um dos conceitos fundamentais da psicologia do indivíduo colocado perante mudanças sócio-culturais rápidas, é o de aculturação.

É importante distinguir enculturação de aculturação. A enculturação é o processo que liga o desenvolvimento das pessoas aos seus contextos culturais, ao passo que a aculturação é um processo por que passam as pessoas, frequentemente já na idade adulta, em reacção a uma mudança de contexto cultural. A aculturação é a forma de mudança cultural suscitada pelo contacto com outras cultura. Vários autores definiram a aculturação como sendo o conjunto de mudanças culturais em resultado de contactos contínuos e directos entre dois grupos culturais independentes. Dentro desta perspectiva, a aculturação aparece como um fenómeno que se realiza ao nível dos grupos (Berry, 1997). Todavia, depois da publicação do artigo de Graves (1967) houve uma extensão do conceito à dimensão psicológica do indivíduo, utilizando-se neste caso o termo de aculturação psicológica que são as mudanças que o indivíduo experiêcia em resultado de estar em contacto com outras culturas e de participar no processo de aculturação por que passa o seu grupo cultural ou étnico. Esta distinção entre

aculturação e aculturação psicológica é importante pelo menos por dois motivos. Por um lado, os fenómenos são diferentes, pois ao nível populacional ocorrem frequentemente mudanças na estrutura social, na economia, na organização política, enquanto que ao nível individual as mudanças surgem no comportamento, na identidade, nos valores e nas atitudes. Por outro lado, nem todos os indivíduos em aculturação participam nas mudanças colectivas em acção no grupo no mesmo grau ou do mesmo modo (Neto, 1993).

Nem todas as mudanças observadas podem imputar-se directamente à aculturação, mudanças psicológicas podem ocorrer não só na pessoa em aculturação, como também na pessoa pertencente à sociedade receptora.

Enfim, o termo de aculturação psicológica refere-se aos processos pelos quais os indivíduos mudam, influenciados pelos contactos com outra cultura e pela participação nas mudanças gerais na aculturação em acção na sua própria cultura. Este processo, implica necessariamente um certo grau de entrada em jogo e da continuidade das características psicológicas tradicionais das pessoas (Neto, 1993).

Berry (1987), distinguiu duas séries de respostas psicológicas à aculturação, as mudanças comportamentais e o stress da aculturação. As mudanças comportamentais são em grande parte extensões de comportamentos de pré-contactos ou variações sobre estes comportamentos. São caracterizadas pela continuidade na qualidade e por uma mudança na quantidade.

Ressaltam neste domínio cinco áreas de investigação: a) mudança nos padrões de utilização da linguagem, b) o estudo da identidade, c) o estudo das mudanças de personalidade, d) o estudo das mudanças cognitivas e e) a mudança de atitudes.

Uma das mudanças que ocorre no decurso da aculturação, é a mudança do padrão da linguagem, esta, que ocorre mais devagar na primeira geração, na segunda geração é o muito mais rápida.

“Será a estratégia de Integração a única por que podem enveredar os refugiados no processo de aculturação? Se não é a única, será a mais desejável tendo em conta os conhecimentos disponíveis fornecidos pelas ciências humanas?”

A aculturação tem sido muitas vezes utilizada com o sentido de assimilação o que pressupõe que a pessoa em aculturação perde inevitavelmente a sua cultura de origem e é absorvida na sociedade receptora. Muito embora tal suceda frequentemente, sobretudo

em sociedades imbuídas de uma ideologia assimilacionista, tal não é inevitável. É possível identificar diferentes estratégias de aculturação tendo em conta a maneira como indivíduos e grupos tratam com questões centrais que se colocam a quem evolui num cenário de aculturação (Neto, 1993).

Uma das consequências mais frequentes referidas da aculturação é a desintegração social e a crise pessoal. As pessoas podem sentir-se perdidas na mudança, dado que muitas vezes desaparecem as normas culturais antigas, ao nível dos grupos os antigos padrões de autoridade podem deixar de funcionar, e ao nível do indivíduo pode surgir a incerteza, a confusão da identidade, a depressão, a solidão.

Uma abordagem para o estudo da aculturação baseia-se num modelo que se focaliza no processo linear de assimilação onde a integração não tem lugar, a menos que se considere que a integração e assimilação sejam a mesma coisa (e.g., Glazer & Moynihan, cit. in Sarriera, 2001; Gordon, 1964). Estamos assim, a falar do Modelo Linear de Assimilação. Segundo esta abordagem os indivíduos que fazem parte de um grupo em aculturação, deixarão os seus valores e hábitos culturais e adoptam atitudes e comportamentos característicos da sociedade dominante. O estágio último da adaptação é visto como sendo a absorção dos grupos em aculturação para formar uma sociedade homogénea e unitária. Para o modelo unicultural, as características culturais dos grupos em aculturação não são consideradas como factores importantes susceptíveis de influenciarem o processo e as consequências da aculturação. No caso de não se considerar a influência cultural uma variável digna de ser estudada, não se consegue examinar os efeitos principais dos factores antecedentes, bem como os possíveis efeitos das interacções entre a sociedade receptora e os grupos em aculturação.

O modelo unicultural pressupõe que a sociedade receptora é monista ou pelo menos evolui para tal, contudo, a validade dessa afirmação foi posta em causa. Glazer e Moynihan (cit. in Sarriera, 2001) postulam que os grupos étnicos nos Estados Unidos da América seriam assimilados na sociedade americana e desapareceriam gradualmente. Todavia, concluíram também que a etnicidade não só tinha sobrevivido como ressurgido, tendo-se tornado muito mais saliente que antes.

De acordo com Sarriera (2001), o Modelo Linear de Assimilação foi proposto por Gordon (1964), onde este o descreve como “um modelo bipolar, dentro de um

continuum linear. Numa extremidade focaliza-se a cultura minoritária e na outra a nova cultura maioritária, representada pelo país acolhedor”.

O modelo propõe, a passagem de uma cultura para outra em termos de exclusão dos elementos que configuram a identidade étnica original. A aculturação neste modelo, seria apresentada como um sub-processo de assimilação, supondo que os indivíduos perderiam a sua identidade cultural de origem, se adquirissem aspectos culturais da sociedade maioritária (Sarriera, 2001). Este modelo só admite uma opção aculturativa, a assimilação, onde são os próprios indivíduos em processo de aculturação, os responsáveis pela sua boa ou má adaptação à sociedade maioritária.

Berry (1987) propôs um modelo intercultural alternativo em que a linearidade do processo de aculturação não é postulada. Trata-se de um modelo multilinear na medida em que postula um conjunto de alternativas e não só uma dimensão que culminaria com a assimilação ou absorção numa sociedade “moderna”. Estamos assim a falar, do Modelo Bidimensional. O modelo anterior, não tem em consideração os efeitos antecedentes, nem os efeitos das interações (Neto, 1993), que segundo Berry (1997), são variáveis importantes nos estudos da aculturação. Não reconhecem as alterações que também podem ocorrer no seio da sociedade dominante, em consequência do processo aculturativo (Berry, 1997).

A contribuição de Berry para o desenvolvimento da teoria e investigação da aculturação, tem sido distinguida por uma base conceptual e sistemática, bem como por uma análise comparada de dados empíricos.

Uma maior contribuição para o estudo da aculturação psicológica, é encontrado na análise conceptual de atitudes de aculturação de Berry, também referido como Estratégias de Aculturação (Berry, 1997). Berry (1997) argumenta que existem duas dimensões fundamentais de aculturação: é importante conservar a sua identidade e as suas características culturais, e, é importante procurar estabelecer e manter relações com os outros grupos da sociedade (Ward, & Rana-Deuba, 1999).

A estas questões pode-se responder numa escala contínua, oscilando entre um pólo positivo e um negativo. Por objectivos de apresentação conceptual, estas duas questões podem ser tratadas como sendo dicotómicas (“sim” e “não”) o que gera um modelo de quatro estratégias de aculturação: Integração, Assimilação, Separação e Marginalização (Ward, & Rana-Deuba, 1999).

Este modelo embora baseado em respostas a questões concretas, deve ser encarado como um ideal, pois estes quatro protótipos não são susceptíveis de se encontrar numa forma pura em qualquer situação do relacionamento intercultural (Neto, 1993).

Sendo assim, a opção Integração, implica a manutenção parcial da identidade cultural do grupo étnico, juntamente com uma participação cada vez mais acentuada no seio da nova sociedade. Nesta situação, a pessoa conserva a sua identidade e outras características culturais próprias (língua, hábitos alimentares, festas, etc.), participando simultaneamente nas estruturas económicas, políticas e jurídicas com os outros grupos da sociedade receptora (Neto, 1993). Mais especificamente, são indivíduos que valorizam ambas as culturas e relações intergrupais (Ward, & Rana-Deuba, 1999). Note-se que o termo integração é utilizado aqui de modo claramente diferente do termo assimilação, muito embora na literatura os dois termos apareçam muitas vezes como sinónimos. A manutenção cultural, é procurada no primeiro caso, enquanto no segundo caso, há pouco ou mesmo nenhum interesse em tal continuidade.

Quando o indivíduo opta pela Assimilação, abandona a própria identidade cultural a favor da comunidade dominante. Há duas espécies de Assimilação. Uma realiza-se pela absorção do grupo não-dominante no grupo dominante. Na outra, há uma fusão de vários grupos numa nova sociedade homogénea («*melting pot*»). Gordon (1964) efectuou uma análise pormenorizada desta forma de aculturação distinguindo um certo número de processos. Entre eles os mais importantes são a Assimilação Cultural e Comportamental, em que os comportamentos colectivos e individuais se tornam mais semelhantes, e a Assimilação Estrutural, em que os grupos não-dominantes participam nos sistemas económicos e sociais da sociedade mais ampla (Neto, 1993). Em suma, são indivíduos que valorizam as relações intergrupais, mas que não estão minimamente preocupados em manter uma cultura própria (Ward, & Rana-Deuba, 1999).

No caso de o indivíduo não procurar estabelecer relações com a comunidade dominante e querer guardar a sua própria identidade cultural, opta pela Separação. No entanto, se é o grupo dominante que impede o estabelecimento das relações e obriga o grupo não-dominante a manter as suas características culturais, fala-se de Segregação. A diferença fundamental entre Separação e Segregação localiza-se no desejo e no poder que tem o grupo étnico de decidir a sua orientação (Neto, 1993). Assim, são indivíduos

que optam por partilhar uma manutenção cultural, mas que não valorizam as relações intergrupais (Ward, & Rana-Deuba, 1999).

Finalmente, indivíduos que não valorizam a manutenção cultural nem as relações intergrupais, irão adoptar uma posição de Marginalização (Ward, & Rana-Deuba, 1999). Esta, não é uma opção fácil de definir segundo Neto (1993), talvez porque se acompanhe muitas vezes de confusão e de stress quer individual quer colectivamente.

A Marginalização, é o estado em que o grupo não-dominante perdeu a sua identidade cultural (muitas vezes por causa da política do grupo dominante em direcção à Assimilação) e não tem o direito de participar no funcionamento das instituições e na vida do grupo dominante por causa de práticas discriminatórias. Com esta concepção de Marginalização, não se pretende dizer que tais grupos não têm cultura, mas que a sua cultura pode estar desorganizada e não prestar apoio ao indivíduo e às suas necessidades durante o processo de aculturação.

Pode-se referir a Marginalização como sendo “aculturação subtractiva”, enquanto a Integração como sendo “aculturação aditiva” (Lambert, citado por Neto, 1993). É no seio dos indivíduos em estado de marginalização, que se encontra a maioria dos problemas psicológicos e sociais: stress de aculturação, confusão identificatória, alienação e comportamentos desviantes (Neto, 1993).

Estas quatro estratégias estão relacionadas com outras perspectivas do processo de aculturação, tais como as mudanças no estatuto socioeconómico, a educação, amizades e uso da linguagem (Berry, Kim, Power, Young, & Bujak, 1989).

Em suma, os modos de aculturação são amplamente determinados pelo grupo dominante, como Neto (1993) descreve a propósito da Separação/Segregação. Se a sociedade receptora for tolerante e valorizar a diversidade, será possível uma Integração, do mesmo modo que a escolha da Assimilação por um grupo de aculturação, não é independente da pressão da sociedade dominante em relação a esse modo de aculturação que pode oscilar de pouca a muita. A marginalização, é muitas vezes o resultado de políticas discriminatórias da sociedade dominante.

Se nestas quatro estratégias de aculturação o grupo dominante desempenha um papel importante, existem também variações inter individuais. Num mesmo grupo de migrantes, pode-se encontrar indivíduos que favorecem a Assimilação, enquanto outros inclinam-se mais para a Integração ou para a Separação. As diferentes opções são fontes

possíveis de conflito entre os indivíduos que passam por um processo de aculturação (Neto, 1993).

3. Formulação do problema

Destacamos as características específicas do exílio, que marcam uma diferença fundamental nas vicissitudes e na evolução do processo migratório. A imposição da partida e a impossibilidade de regresso.

O exílio configura sem dúvida alguma um dos problemas mais sérios do nosso tempo, derivado de lutas fratricidas e da violência que infelizmente assola muitos países pelo mundo fora, neste contexto e após abordarmos as teorias estruturais, as perspectivas focais do desenvolvimento assim como a noção de aculturação, podemos dizer que o desenvolvimento psicológico ocorre ao longo de toda a vida e que é multidireccional, multidimensional, contextual, histórico e cultural. Cada nova perspectiva vem enriquecer a compreensão global do desenvolvimento, em seguida abordamos a especificidade do feminino dado a história de vida em causa ser de uma mulher.

Na maioria dos casos a mulher também procura autonomia dos pais e inicia a construção do seu sonho, Durkin (2000) refere vários estudos onde foi demonstrado que o sonho nas mulheres tem prioridades diferentes dos homens, neste sentido, verificou-se que muito menos mulheres colocavam a ocupação profissional como principal componente e mesmo para as mulheres que atribuíam importância às suas carreiras, o casamento era considerado como o primeiro componente do sonho.

Segundo o autor as mulheres constroem os seus sonhos em torno das relações com o marido e a família subordinando as suas necessidades pessoais, como exemplo, parte do sonho delas é o sucesso deles.

Com o intuito de aprofundar a compreensão sobre o desenvolvimento da mulher, Gilligan (1994) procurou identificar a experiência feminina e a sua construção da realidade social através da compreensão das diferenças relativas ao eu e à moralidade, com base nos trabalhos de Kohlberg (in Gilligan, 1994) que baseavam a descrição do desenvolvimento moral em três níveis (pré-convencional, convencional e pós-convencional) e que denotam as trocas principais entre a compreensão moral de justiça e a manutenção dos sistemas sociais. A autora procurou identificar e definir as categorias formais que caracterizam o desenvolvimento do juízo moral das mulheres, a

sua inclusão na concepção global de desenvolvimento aumenta a sua compreensão e permite compreender melhor o desenvolvimento de ambos os gêneros.

Segundo a autora, o desenvolvimento segue uma progressão de três níveis diferindo da sequência desenvolvimental do homem, uma vez que na mulher a sexualidade permanece mais difusa, a sua percepção do eu é muito mais embebida em relacionamento com os outros e os dilemas morais integram um modo de juízo mais contextual.

A sequência do desenvolvimento do juízo moral nas mulheres caracteriza-se numa primeira fase por uma focalização no Eu, constrangida pelo poder da influência dos outros. As relações tornam-se na sua maioria desapontantes e as mulheres podem em algumas instâncias optar pelo isolamento para se protegerem da dor.

Na transição para a segunda fase surgem os conceitos de egoísmo e de responsabilidade como base para equilíbrio entre o Eu e o outro, o primeiro assunto transitivo é a vinculação a outros. A gravidez não representa só uma vinculação imediata, afirmando de um modo mais concreto e físico a capacidade para assumir os papéis femininos da fase adulta, como parece pôr fim à solidão da adolescência e resolver os conflitos acerca da dependência e independência, mas na realidade, a continuação de uma gravidez na adolescência aumenta geralmente o isolamento social e impede o caminho para a independência.

Ser mãe requer tanto física como socialmente, a suposição de responsabilidade parental para cuidar e proteger uma criança, ora para ter capacidade para cuidar de alguém é necessário estar preparado para cuidar primeiro de si mesmo primeiro. Desta forma o crescimento da infância para a maioridade na mulher é concebido como um movimento de egoísmo para a responsabilidade (o egoísmo do desejo é contraposto com a responsabilidade da escolha moral), assim, esta transição sinaliza um amadurecimento que requer uma concepção do eu que integre a possibilidade de fazer o que está certo e a capacidade para se ver a si própria com potencial para aceitação social, a mulher valida a reivindicação para o social através da adopção de valores sociais.

No segundo nível a relação entre o Eu e o outro é reconsiderada num esforço para estabelecer um novo equilíbrio que dissipa a tensão entre o egoísmo e a responsabilidade, o bem é agora equiparado com o preocupar-se, cuidar e proteger os outros e o dilema que surge é a escolha entre magoar-se a si própria sacrificando-se ou

magoar o outro. Neste nível, a identificação feminina de bondade com o auto-sacrifício parece ditar a solução do dilema, porém quando as convenções de bondade feminina só legitimam os outros para a recepção de cuidados morais, a desigualdade entre o eu e o outro poderá gerar violências psicológicas que criam um desequilíbrio, dando então início à segunda transição.

A segunda transição começa com a reconsideração da relação entre o eu e o outro e é anunciada pelo reaparecimento do conceito de egoísmo, a mulher recupera a iniciativa de juízo e começa a questionar o que é egoísmo e responsabilidade, o que é moral e imoral, e inclui as suas necessidades nas suas preocupações e ações. Este exercício requer um novo tipo de juízo cujo critério passa da bondade para a verdade, sendo a primeira demanda a honestidade.

O juízo moral passa a ser avaliado realisticamente em termos de intenções e consequências, não se baseando ou preocupando com a avaliação dos outros. A essência da transição para uma nova concepção de bondade virá do reconhecimento do eu e da aceitação da responsabilidade na decisão (é necessário que a mulher verifique a sua capacidade independente de juízo e a legitimidade do seu ponto de vista), assim a transição varia consoante o auto-conceito; se as incertezas da mulher a impedirem de uma reivindicação assertiva de igualdade pode surgir rapidamente um retrocesso à crítica do egoísmo.

Na terceira fase verifica-se a reconciliação entre os conceitos de egoísmo e responsabilidade, através da transformação e compreensão do eu e de uma redefinição correspondente de moralidade. O Eu torna-se assim "árbitro" de um juízo independente que integra agora as convenções e necessidades da mulher num princípio moral de não violência, utilizando este princípio (que passa a governar todo o juízo e ação moral) a mulher pode afirmar uma igualdade entre o eu e o outro. É a ética de um juízo pós-convencional que permite à mulher a suposição da responsabilidade da escolha.

Tendo em conta o que anteriormente foi referido sobre as concepções unitárias do desenvolvimento, admitem-se a existência de fases com características específicas ao longo do ciclo-de-vida e compreende-se que os acontecimentos marcantes da infância (Adler, 1959) originam um padrão de funcionamento ao longo do curso de vida (Levinson, 1986). Admite-se igualmente a existência de diferenças significativas entre o desenvolvimento do homem e o desenvolvimento da mulher, e que os dilemas do

desenvolvimento moral referidos por Gilligam (1994) apresentam um racional teórico idêntico ao de Erickson (1980), no que diz respeito à resolução dos conflitos internos e externos nos diferentes estádios do desenvolvimento.

Nesta tese pretendemos analisar a trajetória de vida de Alice à luz de diferentes concepções relativas ao desenvolvimento humano, já anteriormente referidas, pelo facto do sujeito ser do género feminino e ter sido acolhido no Conselho Português para os Refugiados, damos especial atenção às características específicas do desenvolvimento da mulher, bem como às influências históricas e culturais do seu país de origem.

Revela-se igualmente pertinente incluir algumas referências da capacidade de resiliência (se há regressão, adaptação ou maturação) nas três áreas de competência do ciclo-de-vida (ocupacional, familiar e social), para uma melhor compreensão do desenvolvimento e da regulação adaptativa dos comportamentos humanos.

Os estudos sobre a resiliência têm incidido maioritariamente sobre crianças (pelas evidentes capacidades adaptativas), olhando para a raiz da capacidade resiliente através de mecanismos de *coping* bem sucedidos (Kaplan, 1999). O *coping* inclui reacções de mudança e flexibilidade perante *stressores* quotidianos ou desafios normativos, é constituído pelos processos cognitivos conscientes, utilizados pelo indivíduo na gestão de ansiedade e stress provocados pelo meio envolvente, pretendendo alcançar comportamentos que respondam às exigências externas e internas, exigências estas que requerem esforços que excedem os recursos do indivíduo.

Nalguns dos estudos realizados procurava-se compreender como é que as crianças manifestavam competências na escola apesar das circunstâncias stressoras da vida familiar (Gamerzy, 1999), noutros a sua vulnerabilidade ou susceptibilidade perante a exposição a vários factores de risco, tais como stress perinatal, pobreza, psicopatologia parental ou rupturas na unidade familiar. Segundo o autor, os estudos sobre a resiliência nas crianças tem revelado processos que parecem proteger e impulsionar a criança para a adaptação e crescimento.

A resiliência depende também de factores relacionais, neste contexto, vários estudos (Demos, 1989) mostram que o funcionamento familiar tem uma influência decisiva, positiva ou negativa, sobre a qualidade das respostas resilientes de uma criança. Demos definiu o conceito de resiliência familiar como um conjunto de várias características que incluem a capacidade da família ter um funcionamento flexível e

uma função de contenção dos problemas, sem os deixar invadir outros domínios do funcionamento familiar ou interferir no funcionamento da criança, portanto a capacidade dum criança dar respostas adaptadas face à adversidade, sem que esta interfira no seu desenvolvimento, ou seja, a resiliência individual não é um factor inato, estático, pelo contrário é um conceito evolutivo e interactivo, que depende em grande parte da qualidade das relações pais-crianças.

O termo resiliência é utilizado na Física e designa a capacidade dum corpo deformado por uma pressão externa retomar a sua forma inicial, no caso da Psicologia designa a capacidade do indivíduo face à adversidade desenvolver mecanismos positivos de adaptação (Garmezy, 1994). O grau de resiliência de cada indivíduo depende de vários factores, nomeadamente dos constitucionais, como por exemplo o temperamento.

Os trabalhos longitudinais de Erikson (in Gonçalves, 2003) mostram que os bebés, que entre os 18 e 21 meses apresentavam comportamentos de vinculação de tipo seguro, desenvolviam aos 42 meses características de maior «ego-resiliência», ou seja uma maior persistência e entusiasmo em resolver problemas, uma maior autonomia e uma maior capacidade interactiva. Também Fonagy (Fonagy et al., 1991) considera que há evidência empírica que a qualidade da vinculação influencia a adaptação social, a regulação dos afectos, as competências cognitivas e o desenvolvimento do *Self*, componentes importantes da resiliência individual.

Neste sentido e de acordo com Bowlby (1988) o grau de resiliência de uma criança perante acontecimentos que provocam stress é determinado muito significativamente pelo modelo relacional desenvolvido durante os primeiros anos de vida, o que nos faz remeter mais uma vez para a perspectiva de Winnicott (cit in Grinberg; & Grinberg, 1999).

Admitindo diversas possibilidades de reacção face à adversidade alguns autores (Carver, 1998; O'Leary, 1998; in Kumpfer, 1999) contribuem para a construção do modelo do processo de resiliência que considera quatro tipos de resposta (reintegração resiliente a um estado superior, reintegração homeostática, reintegração desadaptativa e reintegração disfuncional). Este modelo relembra a noção de plasticidade introduzida por Baltes & Freund (1998) no modelo SOC (selecção, optimização, compensação).

Os modelos de resiliência pretendem explicar as formas como os sujeitos enfrentam diferentes níveis de adversidade, e que estas variam consoante os domínios, desenvolvimentos e contextos (Freitas & Downey, 1998). Para compreender estas diferentes respostas, é necessário examinar os processos através dos quais os factores protectores interagem com outras variáveis que predizem respostas adaptativas ou desadaptativas; é necessário compreender a relação dos processos que influenciam o comportamento dos indivíduos (*coping*) com os *stressores* ambientais.

O modelo de sistema de identidade cognitivo-afectivo de Mishel & Shoda (1995), teoriza que a identidade é expressa através de mediadores psicológicos (expectativas afectos, objectivos, crenças, valores e competências) que respondem de forma diferencial a ambientes distintos, logo as respostas resilientes são o produto de unidades psicológicas mediadoras do ambiente que interagem com a experiência individual e com a predisposição do indivíduo, formando um processo estrutural estável que promove o funcionamento adaptativo (*coping*) face a adversidade (Freitas & Downey, 1998; O'Leary, 1998).

O'Leary (1998), Saakvitne e colaboradores (1998) referem o estabelecimento, a manutenção da identidade e eficácia do eu como uma função resiliente importante, o sucesso da negociação com os factores de risco diferencia resiliência de vulnerabilidade, isto porque segundo a autora o termo resiliência assemelha-se a imunidade. Desta forma o conceito de resiliência promove a compreensão de qualquer indivíduo, organização ou sociedade confrontada com desafios profundos, assim como a compreensão acerca da resistência e adaptação humana.

Segundo Freitas e Downey (1998), o desenvolvimento adaptativo do eu pode apresentar capacidade de resiliência numa fase e/ou numa área do desenvolvimento e não em outra, assim como determinadas características pessoais e factores ambientais podem conduzir à resiliência em determinado contexto e não em outro.

Pretende-se com este trabalho, demonstrar a relação constante e recíproca entre o desenvolvimento, a adaptação e integração a um meio físico e cultural diferente, assim como compreender os conceitos de estilo, aculturação e de trajetória de vida de uma mulher refugiada, através da análise da natureza das relações significativas que estabelece com o meio, os seus padrões de evolução ao longo do ciclo de vida.

Para compreender a multiplicidade de factores que influenciam o desenvolvimento psicológico e a adaptação, utilizámos como recolha de informação o método biográfico, tomando como principal eixo metodológico a história de vida de Alice, mulher refugiada. que ao contar a sua história, elabora uma construção mental de natureza cognitiva, onde relaciona diversas vivências que experimentou. As histórias de vida são contextuais, emocionais e centradas sobretudo no Eu (Fontaine, 2000; Lieblich, Mashiach, & Zilber 1998; Lima, 2001). O exílio, do ponto de vista do desenvolvimento da identidade e do Eu, é um acontecimento de vida não normativo (Baltes, 1997) que implica um processo de adaptação a uma nova realidade, que é imposta e por isso, deve ser integrada para a sobrevivência do indivíduo. Ao longo do desenvolvimento do eu, os movimentos regressivos, adaptativos ou maturativos, permitem compreender a natureza das tendências de distorção e fragmentação, assim como a natureza das tendências integrativas (Saakvitne et al., 1998). Estes autores, desenvolveram uma teoria que descreve o impacto dos acontecimentos traumáticos e/ou contextos traumáticos no desenvolvimento do Eu (a teoria construtivista do desenvolvimento do Eu). Após determinado acontecimento traumático é frequente o sofrimento, o sentimento de perda, a fragmentação emocional e até a devastação psicológica. No entanto, narrativas autobiográficas e o conhecimento clínico, sugerem que os acontecimentos traumáticos também podem conduzir a outro tipo de transformações adaptativas, incluindo a reconstrução do significado, a renovação e restauração da esperança, da confiança, de relações, uma redefinição do Eu e do sentido de comunidade.

Saakvitne et al.(1998), defendem que a unicidade das respostas individuais aos acontecimentos traumáticos é determinada pelo significado particular que o indivíduo atribui ao conhecimento, assim como pela experiência individual do Eu, pela idade e pelo estágio desenvolvimental, pelos recursos biológicos e psicológicos, pelas experiências e expectativas interpessoais e pelo contexto social, cultural e económico.

A teoria construtivista do desenvolvimento do Eu descreve o desenvolvimento da identidade como uma interacção entre as capacidades do eu (relacionadas com as relações precoces, vinculações seguras e recursos do ego) e a construção de crenças, esquemas e padrões de comportamento (relacionados com a experiência cumulativa e a atribuição de significado às mesmas). Também ela postula que a experiência de acontecimentos traumáticos é reinterpretada e reconstruída durante os estádios

desenvolvimentais subsequentes. Assim, as estratégias adaptativas desenvolvem-se para gerir sentimentos e pensamentos que ameaçam a integridade e segurança do Eu.

As histórias de vida são também subjectivas, tal como o Eu ou a identidade, e também estas se desenvolvem e mudam com o tempo; “mostram uma ou mais instâncias, de um leque de versões, das possíveis construções ou apresentações do eu do sujeito ou da sua vida, que se surge de acordo com influências momentâneas específicas” (Lieblich et al., 1998, p.8). A história de vida reenvia-nos para uma visão naturalista sobre o comportamento humano, por se ocupar dos acontecimentos mais significativos do desenvolvimento, aos quais o sujeito atribui sentido.

Esta tese procura compreender detalhadamente e de forma clara o percurso desenvolvimental de um único sujeito. Não se pretende obter resultados conclusivos ou passíveis de generalizações, mas sim encontrar pontos de referência essenciais para a descrição e análise da relação estabelecida entre o percurso do indivíduo, os grupos de pertença, e as estruturas institucionais que enquadram a sua vida, num determinado período de tempo com influências histórico-culturais específicas. Tratando-se de uma refugiada, espera-se encontrar um maior investimento na área ocupacional e familiar, por ser uma mulher que precisa de se integrar na sociedade e no trabalho de forma a dar estabilidade à família que vive de momento consigo.

Assim sendo, a análise da história de vida visa responder às questões que a seguir se apresentam.

Permitirão os acontecimentos de vida não normativos (Baltes et al., 1999) evidenciar as três componentes estratégicas da dinâmica adaptativa: selecção, optimização, compensação?

Quais as relações e/ou áreas de competência que se revelam mais compensatórias para o sujeito (ganhos)? Quais as mais destabilizadoras (perdas)?

Será possível inferir sobre o aumento da resiliência/adaptação à medida que os anos passam? Pode-se nesta história de vida encontrar uma atitude de integração/aculturação?

4. Método

4.1 Breves considerações metodológicas

As histórias de vida como objecto de investigação sistemática nascem com a escola de Chicago em torno de uma concepção microsociológica do desenvolvimento. A escola de Chicago deu início ao método narrativo, por um lado por terem desenvolvido os próprios métodos de operar, por outro por considerarem os sistemas simbólicos como instrumentos de conhecimento e de comunicação que permite a integração social. «O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem, particularmente o sentido imediato do mundo social» (Bourdieu, 1994, p.9). Este mundo social é tido para o autor como *campo* por integrar todas as relações objectivas. Assim o *modus operandi* da escola de Chicago serve-se da teoria para orientar e organizar o *habitus científico* (a prática científica que obedece às regras da ciência). “O *habitus* deriva da integração social e cultural pois trata-se de um conhecimento adquirido (...) uma disposição incorporada, quase postural” (Bourdieu, 1994, p.61).

A utilização de Biografias em ciências humanas nem sempre teve o mesmo peso e importância. As histórias de vida, expressão mais comum para designar o método biográfico nas ciências sociais, constituem uma técnica de investigação da antropologia de terreno, técnica essa que mais tarde foi utilizada na sociologia urbana.

A Psicologia cultural de Bruner (1990) pretende mostrar que a condição humana é reflexo da cultura e da história, para além dos recursos físicos e psicológicos, logo ela só tem sentido se for interpretada à luz do mundo simbólico que constitui a cultura humana. Segundo o autor, a construção do eu é o resultado de um núcleo de consciência cujo significado se encontra enraizado em circunstâncias históricas e culturais, fazendo da psicologia cultural uma psicologia interpretativa.

Bruner (1990) defende que a principal tarefa do eu é a construção de uma história de vida (construção longitudinal do eu) ajustada às circunstâncias actuais do sujeito no sentido de uma coerência e adaptação externa e interna. Assim sendo, a presente investigação é um estudo de caso que, num contexto de recolha naturalista, pretende analisar a trajectória de vida de uma mulher refugiada, abordando a dinâmica identitária

e resiliente nas várias áreas do ciclo-de-vida, ocupacional, familiar e social, tendo em conta as características específicas de cada fase do desenvolvimento em termos de ganhos, manutenções e perdas.

Centrando-se esta história de vida na condição mais actual do sujeito, portanto de mulher refugiada, considera-se uma história de vida focalizada.

O método das histórias de vida, tendo valoração psicobiográfica, este método é caracterizado pelo uso da palavra em liberdade e pela relação que o narrado estabelece consigo próprio e com o entrevistador (Poirier et al., 1995).

De acordo com Lima (2001), as histórias de vida comportam componentes pessoais, sociais e culturais, que por se tratarem de construções mais ou menos coerentes que o indivíduo faz do seu passado, ajudam a desenvolver um sentido de identidade e continuidade.

No método das histórias de vida é necessário seleccionar e articular tanto as técnicas de recolha (observação e registo no diário de campo, entrevistas, outras fontes complementares) (Burgess, 1997) como as de análise da informação, sendo a técnica privilegiada para tratar o material é análise de conteúdo (Vala, 1999).

A utilização de “estratégias múltiplas” de recolha (Burgess, 1997) e de análise, permite ultrapassar limitações nas pesquisas de terrenos uma vez que procura adequação e flexibilidade na selecção e complementaridade dos métodos, técnicas e modelos teóricos de referência. A utilização de “estratégias múltiplas” na exploração da informação tais como as que aqui são utilizadas (análise de memórias precoces, análise cronológica, análise temática) permite verificar a estabilidade temporal e a convergência das inferências elaboradas pelo investigador, garantindo a precisão das inferências feitas sobre a sucessão dos acontecimentos narrados. Complementarmente, o suporte teórico, e a concordância de um juiz independente de forma a chegar a um consenso, permitem aferir a validade e fidelidade das inferências.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, ela foca, nas ciências sociais, um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenómenos que não podem ser reduzidos à operacionalização quantificada de variáveis. Ao trabalhar com o método "história de vida", que possibilita localizar o actor

social dentro de um contexto sócio-histórico, procura-se analisar as relações entre acontecimentos individuais e processos histórico-sociais, tendo em consideração o vivido no quotidiano familiar dos indivíduos entrevistados.

4.2. A Participante e seu contexto de vida actual.

O estudo incide sobre um sujeito adulto do género feminino, Alice (nome fictício), casada com H. e com o qual tem uma filha de 4 anos de idade chamada C. (nascida em Portugal), mantém uma vida activa física e psicologicamente; trabalha numa padaria nos Olivais que fabrica para uma pastelaria e restaurante que funciona no mesmo edifício, sendo esse o local para onde se desloca todos os dias, excepto às terças-feiras seu dia de folga, das 3h da manhã ao 12:30.

Vive com o seu marido e filha num andar de cima de uma vivenda alugada perto do Centro de Acolhimento da Bobadela pertencente ao Conselho Português dos Refugiados, que a acolheu e no qual viveu os primeiros 9 meses em Portugal, é uma zona onde não existem estranhos, todos se conhecem e parece existir amizade entre a vizinhança e os Refugiados.

A selecção de Alice, que aprendeu a falar Português num curso que frequentou na Pontinha, incidiu sobretudo no domínio razoável da língua Portuguesa, requisito fundamental para a boa recolha da história de vida, e também pelo facto de ser actualmente uma mulher bem integrada a nível social e profissional, um caso de sucesso.

Alice carrega ainda um passado com acontecimentos de vida marcantes (apurados junto da assistente social e outros técnicos da instituição), situações como a gravidez durante a fuga da sua terra natal e durante o pedido de asilo, assim com o conseqüente afastamento do seu ambiente cultural e familiar numa fase vulnerável, a inexistência de uma actividade profissional, o facto de não dominar a língua, a dependência da instituição, o começar uma nova vida do zero, pensamos que Alice reúne todas as condições pertinentes para se poder efectuar uma análise do desenvolvimento adaptativo e da dinâmica resiliente de uma mulher refugiada política.

Desde o pedido/convite para colaborar neste trabalho foi muito simpática, em todas as ocasiões, nunca desmarcou nenhum encontro, nem nunca ficou doente, correu sempre tudo às mil maravilhas.

À excepção do primeiro encontro que combinamos no Centro de Acolhimento da Bobadela, local conhecido por ambas, reunimo-nos sempre em sua casa que fez questão de mostrar logo no nosso primeiro encontro. A sua residência fica no mesmo bairro do Centro de Acolhimento o que lhe trás inúmeras vantagens.

Alice fez sempre questão de me pôr muito à vontade e de servir sempre aperitivos como chá ou refresco em todos os encontros que efectuámos, inclusive num deles serviu uma refeição albanesa seguida de um doce típico, o que denota uma boa educação social, visto empreender esforços para receber e agradar os seus convidados.

Ao longo das reuniões que mantivemos pude notar que Alice é uma mulher com uma energia positiva, sente-se a sua força e o dinamismo dos seus gestos, é bonita com uma apresentação agradável, simples mas cuidada, veste-se de forma prática, usa *Jeans* ou calças com camisa ou blusa, peças sempre discretas, com cores sóbrias variando entre os castanhos, azuis ou vermelhos pouco berrantes, a maioria lisas, sem grandes padrões, o cabelo é castanho de tom claro e liso, estando a maioria das vezes apanhado com rabo de cavalo por vezes revirado, o que não nos permite aperceber bem o seu comprimento, só muito raramente quando o desfaz e volta a prender é que reparamos que é de facto comprido.

Os olhos de Alice são azuis muito claros, a sua pele é muito branca quase transparente com pequenas sardas vendo-se perfeitamente as veias verdes por debaixo dela, tem feições finas e um sorriso fácil, é de facto uma pessoa que não tem expressões faciais ou físicas de sofrimento.

O facto de Alice se encontrar sempre comigo após uma noite e metade de um dia de trabalho, numa profissão dura como a sua a amassar pão e a fazer bolos, é de valorizar. Esteve sempre disponível para ajudar a descobrir o que queríamos saber e a entender o que não percebíamos da sua história, seria perfeitamente normal que não tivesse paciência ou que estivesse irritada de cansaço, mas pelo contrário para grande surpresa encontrava-se sempre com um ar fresco, com uma visão positiva, de esperança e com força para enfrentar o amanhã.

A determinada altura do trabalho sentimos a necessidade de voltar atrás para esmiuçar temas menos aprofundados tais como a sua infância, as suas memórias mais precoces que inicialmente apareciam num discurso factual, quase dado por tópicos passado rapidamente em revista, saltando repentinamente para a fase adulta do casamento e para a actual; na primeira entrevista sentimos que essa época estava enterrada e que tinha de ser recuperada para entendermos como foi o seu desenvolvimento na infância, tivemos assim que fazer alguns recuos para emergir a emoção vivida das memórias precoces, apesar da insistência o discurso continuou bastante resistente e factual.

Este tipo de comportamento poderá ter a ver com mecanismos de defesa típicos nos indivíduos que se afastam da sua terra natal, que preferem não falar do passado tentando esquecê-lo para evitar possíveis depressões e sofrimento, devido à realidade nova e diferente que passaram a defrontar no seu quotidiano.

A casa de Alice tem uma cozinha logo à entrada com uma mesa grande onde ficávamos habitualmente sentadas a conversar e a comer alguns aperitivos pois Alice faz sempre questão de servir qualquer coisa, é uma pessoa que sabe conviver, no resto da casa ficavam os dois quartos, um do casal e o outro que serve em simultâneo de quarto para a sua filha C. e também de local de convívio onde a família vê televisão, numa das paredes está uma moldura com várias fotografias dos três, de Alice com o marido e a sua filha juntos num jardim e também noutros lugares, todos em Portugal.

Não existem na casa vestígios materiais ou característicos da vida na Albânia, ou quaisquer motivos culturais estranhos que pudessem ser característicos de uma cultura diferente, não existe de facto qualquer objecto do país de origem, só as memórias e as recordações de Alice.

Em todos os momentos o sujeito foi muito afável e colaborante, foi construída uma boa relação baseada na confiança verificada pela exposição das suas confissões pessoais mais dolorosas, tendo sido essa a aliança de comunicação que nos uniu ao longo das entrevistas, e nas diversas situações em que Alice se esforçava por arranjar os melhores termos para se expressar e achava que não se tinha explicado bem, recorria a exemplos muito interessantes.

Não sente nenhuma dificuldade em ter amigos da nacionalidade do país de acolhimento, pelo contrário, conquista-os e refere aprender muitas coisas com eles.

Alice referiu que a vida “anterior” que tinha na Albânia era pior apesar de não ter de trabalhar de noite como agora, porque a segurança, a paz e a liberdade são condições fundamentais para se ser feliz. Em alguns momentos o seu discurso foi emotivo, mas nunca chorou, consideramos que é uma pessoa muito forte, lutadora, determinada, mas também cheia de esperança num futuro melhor em que acredita.

Alice faz tudo o que está ao seu alcance para ser feliz e tornar também os seus felizes.

4.3 Instrumentos

O principal instrumento do método biográfico é, segundo Fernandes (2002, p.27), “o próprio investigador, como fonte de dados (através da observação participante e da interacção) como instrumento da sua recolha (através da escuta, da interrogação e dos registos) e no tratamento da informação que através de comentários de índole metodológica deixa perceber a sua posição central enquanto decisor permanente nas tarefas de pesquisa”.

O diário de campo é um instrumento auxiliar de muita importância para o investigador. Nele são registados os comportamentos não verbais do sujeito, a informação recolhida fora do contexto da entrevista, os pensamentos, as descobertas do investigador que, segundo Fernandes (2002), são a *Grounded Theory* do diário de campo.

A análise da história de vida pressupõe a organização temática e cronológica da informação recolhida e sua preparação para construção de um corpus (descrição analítica do material) que será alvo de análise de conteúdo (Poirier et al., 1995).

A análise de conteúdo é um método mas também é um instrumento que deverá satisfazer as exigências de objectividade e sistematização que tornem válida e fidedigna a codificação do objecto de estudo (história de vida) através de categorias de análise que reduzam a ambiguidade e vão ao encontro do que se pretende estudar (Ghiglione & Matalon, 1992).

Para o registo das entrevistas foi utilizado um gravador digital (mp3).

4.4 Procedimentos

4.4.1 Procedimentos de recolha

Os procedimentos para a selecção do sujeito e recolha de informação passaram por várias etapas.

Em primeiro contactou-se por telefone (Setembro de 2005) a instituição e consecutivamente, efectuaram-se as diligências necessárias para a obtenção de autorização para a realização deste estudo. O interesse, a colaboração e a disponibilidade quer da administração da instituição, quer dos restantes elementos da equipa foi muito motivador.

No primeiro encontro (Vd. Anexo 1) apresentaram-me alguns refugiados e seus aposentos dentro do Centro, facultaram-me documentação específica sobre o direito de asilo e estatutos de refugiados, bem como me deram liberdade para me movimentar dentro da instituição, quer para recolha da informação como para qualquer dúvida a esclarecer. Ficou desde logo acordado, que quando conseguissem contactar uma mulher actualmente integrada que tivesse o estatuto de refugiada me contactavam e que poderia, caso aceite pelo sujeito, iniciar a realização do meu estudo, comprometendo-me que toda a informação recolhida seria confidencial (apenas o investigador teria acesso) dada a facilidade de identificação do sujeito. A minha presença em casa de Alice passou a ser quinzenal de Fevereiro a Abril. Toda a recolha foi efectuada em casa de Alice através de entrevistas semi-directivas (pois não se pretendia somente dirigir a temática da informação abordada) e registada em suporte áudio digital, para iniciar a recolha e de forma a orientar o sujeito cronologicamente pediu-se que iniciasse o relato da história de vida e recordações da infância.

Tudo quanto foi relatado (alegrias, medos, incertezas) foi igualmente registado no diário de campo. Nas notas de campo consta toda a informação recolhida não só no contexto das entrevistas (linguagem verbal, gestual, características mais proeminentes, características do espaço envolvente, humor, comportamentos etc.) assim como, pensamentos, ideias e sentimentos do próprio investigador. Estas informações, anotadas no diário de campo, poderão (ou não) servir como instrumento adicional relevante para a análise de conteúdo (Fernandes, 2002).

4.4.2 Procedimentos de análise

Após a recolha de toda a informação iniciaram-se os procedimentos de análise (Bardin, 1994; Ghiglione & Matalon, 1992; Legrand, 1992; Poirier et al., 1995; Vala, 1999) compostos pela transcrição integral, pelo ordenamento da narrativa e por fim pela exploração da informação (que faz uma síntese dos elementos recolhidos e retira deles o seu significado).

De acordo com Lieblich e colaboradores (1998) a história de vida transcrita é um produto estático, e representa o interior e a identidade existente no momento em que foi narrada, dada a sua dinâmica constante.

Os procedimentos integram a análise de conteúdo que obedece a regras pré-estabelecidas (Bardin, 1994; Ghiglione & Matalon, 1992; Legrand, 1992; Poirier et al., 1995; Vala, 1999). Deu-se igualmente importância à linguagem não verbal e toda a informação recolhida fora do contexto da entrevista (notas de campo).

A análise de conteúdo da história de vida utilizou estratégias múltiplas (genograma, análise das memórias precoces e adultas, análise cronológica, análise categorial temática).

Para poder analisar a história de vida é necessário recorrer a algumas técnicas que permitam a passagem do discurso oral para que o texto escrito se torne legível (vd. Poirier et al., 1995). Numa primeira fase todo o material recolhido em gravação foi transcrito integralmente (incluindo as repetições, os silêncios as interjeições, os erros de linguagem, os pensamentos inacabados ou as palavras sem seguimento). A primeira modificação que se impôs na transcrição do texto falado para o escrito foi a colocação da pontuação. Uma vez que a primeira transcrição se revelou desconexa, foi necessário completá-la através da releitura e escutas repetidas das entrevistas. Começou-se assim a elaborar a história de vida, através de novas leituras procurou-se a legibilidade do texto escrito começando por suprimir não só determinados termos parasitas do discurso oral, mas também interjeições, repetições inúteis, pensamentos inacabados ou pensamentos sem seguimento. Por fim rectificou-se a pontuação. Existiam ainda muitas redundâncias na narrativa, tendo sido necessário extrair as variantes significativas que acrescentavam

informação e incorporá-las na sequência mais completa. Por fim procedeu-se a um ordenamento cronológico através das referências temporais fornecidas espontaneamente pelo narrador e obteve-se um *corpus* definitivo da história de vida que foi alvo de análise de conteúdo.

Segundo Legrand (1992) a metodologia de investigação das histórias de vida, constrói-se na articulação da teoria e da prática; após a fase de recolha da narrativa é necessário fazer uma análise sistemática (vd. Poirier et al., 1995) que se divide em dois tempos. Segundo o autor, a primeira parte do trabalho deve ser dedicada à reorganização do material (temática ou cronológica). Nesta reorganização surgem temas dominantes (pré-categorias) que são passados em revista relativamente ao seu conteúdo e posteriormente sintetizados. Os significados dos conteúdos são clarificados através de extractos significativos da narrativa que ilustram esse significado. Para Legrand (1992) o segundo tempo de análise de conteúdo é a interpretação, que confronta uma ou várias hipóteses com o corpo teórico.

Segundo Legrand (1992) o método narrativo é mais do que uma forma de pesquisa qualitativa, sendo também na prática de intervenção que se inscreve nas ciências clínicas humanas, por permitir um ponto de vista sócio-analítico. Os dois tipos de aproximação biográfica (de pesquisa e de intervenção) têm finalidades diferentes, logo características diferentes.

Para o tratamento científico da história de vida é necessário proceder a uma análise categorial, uma das técnicas da análise de conteúdo (Cartwright, 1974). A categorização na análise de conteúdo é importante pois permite transformar material qualitativo em dados objectivos e mensuráveis. Para este fim é necessário compreender e descrever as características do conteúdo e as suas tendências sucessivas, pesquisar a intencionalidade da comunicação e o estado psicológico do interlocutor e por fim reconstituir as atitudes, os interesses e os valores e o padrão cultural do interlocutor. Segundo o autor, a objectividade na categorização exige que se que se precise, em termos explícitos e factuais, as variáveis ou dimensões encontradas. Para encontrar e distinguir as categorias para cada variável ou dimensão, é necessário definir operacionalmente cada categoria, descrevendo as regras que especificam os diferentes traços de conteúdos, assim como especificar os índices ou indicadores que permitem classificar cada unidade de análise em determinada categoria. Assim uma categoria

contem uma série de indicadores possíveis que remetem todos para o mesmo significado e portanto serão considerados como equivalentes no tratamento ulterior dos dados.

É o investigador que determina as "*unidades de significação*" e se existir ambiguidade terá de definir também as "*unidades de contexto*" (Bardin, 1994). A codificação serve sobretudo para designar o modo através do qual se distribui o conteúdo do discurso por categorias, permitindo uma descrição objectiva, sistemática e quantitativa dos comportamentos simbólicos (v.d. Bardin, 1994; Cartwright, 1974).

A análise das histórias de vida (método biográfico) procura compreender o padrão de funcionamento psicológico, social e cultural do interlocutor. Este estudo é uma história de vida de caso único, focalizada e directa (pois a biografia é recolhida directamente ao sujeito e não através de um levantamento documental) onde se procura analisar longitudinalmente o percurso singular do indivíduo. A história de vida de caso único é uma biografia de primeira ordem, pois preocupa-se essencialmente em fazer uma recolha factual dos acontecimentos de vida do passado do sujeito até à actualidade.

Segundo Tinoco e Pinto (2001) a metodologia utilizada no método biográfico não tem propriamente uma forma de operar bem definida, surge de necessidades específicas da pesquisa e existem inúmeras possibilidades metodológicas e de técnicas.

Trabalhando com o método "história de vida", que possibilita localizar o actor social dentro de um contexto sócio-histórico, busquei analisar as relações entre acontecimentos individuais e processos histórico-sociais, levando em consideração o vivido no quotidiano familiar dos indivíduos entrevistados.

Berteaux (1982) refere-se à "história de vida" como um método, que identifica em cada história traços singulares, porém, existem alguns pontos que se repetem, de alguma forma, em todas elas. À medida que a proporção do novo em relação ao já conhecido diminui, encontramos-nos diante de um processo de "saturação". Assim iremos dar conta, cada vez mais, de elementos de um mesmo padrão nas histórias de vida de indivíduos distintos, o que, segundo o autor, pode ser considerado como uma característica estruturante do processo.

Para Cruz Neto (1994), a história de vida é uma "estratégia de compreensão da realidade, sendo a sua principal função retratar as experiências vividas, bem como as definições fornecidas por pessoas, grupos ou organizações".

5. Resultados e sua Discussão

5.1 Genograma

O genograma (Anexo 2) permite representar a origem do sujeito seleccionado e as suas ramificações familiares (ascendência, fratria e descendência).

Ao observar o genograma podemos verificar que os progenitores de Alice tiveram seis filhos (quatro raparigas e dois rapazes) sendo Alice a filha mais nova. Este esquema não só permite uma melhor compreensão dos relacionamentos familiares na infância (e consequentemente das memórias precoces), como permite ver a constelação familiar actual, uma vez que está representada tanto a família de origem como a família posteriormente constituída. Não se verificam falecimentos em nenhuma das gerações representadas nem são referidas doenças geneticamente transmissíveis. Um ponto que se pode observar é o facto de as relações conjugais serem um aspecto dominante, todos os irmão e irmãs constituíram família e têm vários filhos. A existência destas ramificações de descendência abrange tanto a família de origem (pais) como toda a geração de Alice, o que parece ser indicador de uma maior probabilidade de existência de generatividade durante a adultez (Erikson, 1980).

5.2 Memórias precoces

Com base nos estudos *adlerianos* sobre o sentido de comunidade e o estilo de vida (Adler, 1959) daremos especial relevo à tonalidade afectiva das memórias precoces bem como às relações familiares (entre os progenitores e a fratria) e às possíveis implicações futuras destas memórias, no papel social e grupal.

5.2.1 Tonalidade afectiva das memórias precoces

As primeiras recordações de Alice são que teve uma infância muito feliz, sem dificuldades ou qualquer outro tipo de preocupações, lembra que desde cedo gosta de aventuras e por isso adorava ir para o infantário e nunca chorava.

“Era uma criança muito sociável, por isso nunca chorava, estava sempre bem, gostava de ir para a escola com amigos, Quem muitas vezes me levava para a creche era a minha irmã do meio, que me levava muitas vezes ou o meu irmão.” (vd. CA, Anexo 3, p. 119).

Ao recordar a infância enaltece as suas boas qualidades que pensamos que de facto são facilitadores de integração e adaptação social ao que parece este padrão poderá ter-se repetido na sua integração em Portugal. O sujeito parece ter tido uma boa capacidade de adaptação na infância; de qualquer das formas é preciso cuidado e distinguir adaptação de excesso de adaptação, bem como um suavizar deste período idealizado por parte do sujeito.

“Os meus pais quase nunca se zangavam comigo porque como eu era a filha mais nova eles faziam-me as “vontadinhas” todas” (vd. CA, Anexo 3, p. 120).

Continua a não haver memória de acontecimentos marcadamente negativos durante este período. Refere-se aos pais como excessivamente bons, atribuindo ao facto de ser a filha mais nova o privilegio de receber muitos mimos e mais atenção, quer por parte dos irmãos e irmãs, como também e especialmente por parte do pai, de quem fala sempre com admiração e por vezes em detrimento da mãe.

O pai parece realmente mais disponível para a filha mais nova. Alice ficou a viver lá em casa quando os outros filhos já estavam todos casados e a viverem nas

respectivas casas, conta com imensa alegria como gostava de receber os presentes de surpresa que o pai lhe trazia quando vinha do trabalho. Parece que o pai se sente culpabilizado pela sua ausência, visto ter de trabalhar, sente necessidade de compensar a filha com presentes que preencham a sua ausência. Alice identifica-se muito com o pai porque tal como ele, também ela é na actualidade uma mãe ausente por motivos de trabalho.

“O meu pai era mais meiguinho, e compreendia-me melhor, acho que sou mais parecida com ele. Mas gosto igualmente dos dois, nem um nem outro me bateram” (vd. CA, Anexo 3, p.120).

Quando Alice se refere à relação com os pais fica-se com a ideia que é a mãe que impõe os limites, contudo Alice parece perceber que as regras e os limites equivalem a preocupação e educação. Relativamente ao tipo de educação, que parece ser o democrático, os pais são evocados como pessoas adequadas que não recorrem à violência física para educar os filhos, e que controlam a sua agressividade.

5.2.2 Memórias precoces das relações familiares e implicações futuras

Refere-se à sua mãe como uma pessoa mais reservada e conservadora, uma mulher que cuidava da casa e que se preocupava em dar educação aos filhos. De acordo com Adler (1959), a figura materna detém um papel importante no desenvolvimento e na formação do “sentido de comunidade”.

Um papel submisso e menos activo também foi igualmente adoptado por Alice durante o período em que viveu na Albânia. Por ser perigoso sair para estudar completou somente 10 anos de escolaridade. Concluída a escolaridade também era perigoso que saísse para trabalhar, Alice vivia num clima de medo e ameaça à sua integridade física, devido aos frequentes assaltos e raptos de menores para redes de prostituição em Itália. Assim, conclui-se que o período entre o fim do percurso escolar e o casamento foi marcado especialmente pela convivência com a mãe e a partilha das tarefas domésticas.

Conta-nos que lhe foi atribuída a tarefa de ir às compras da casa, parece que teve um longo período de tempo livre, durante cerca de seis anos. Nesta fase, devido ao clima perigoso na Albânia e ao recolhimento em casa com a mãe, houve uma identificação com o feminino no sentido do que é culturalmente esperado que as mulheres sejam. Assim, parece, durante este período de tempo, que a construção da sua identidade enquanto mulher adulta foi condicionada por pressão familiar e social. Pelo contrário, em Portugal Alice sempre foi (ou melhor, pôde ser) muito trabalhadora e activa. É interessante ver como inverte os papéis e apesar da sua história familiar, não repete a história da mãe. Nota-se aqui uma identificação com o pai trabalhador e ausente, não lhe restando muito tempo para o marido e para a filha.

Alice tem horários diferentes do que seria comum na maior parte das mães com crianças pequenas, para além de trabalhar de noite (entre as 3:30 e 12:30), ainda têm de trabalhar ao fim-de-semana. As tarefas de vestir, dar o pequeno-almoço, e levar a filha à creche ficam a cargo do marido. Também não pode acompanhar o marido e a filha nos passeios aos fins-de-semana. Deste modo, Alice sacrifica-se para garantir uma maior qualidade de vida à sua família nuclear às custas de uma inversão dos papéis do masculino e do feminino.

Em Portugal, o sujeito após ter concluído um curso de Português, teve a oportunidade de ingressar num curso profissional de padaria e pastelaria, o que lhe permitiu obter rapidamente emprego. Alice diz estar grata pela sorte que sente ter tido, mas cansada. Refere gostar de trabalhar, mas diz que se pudesse mudar para um emprego com outro horário seria melhor, podendo dessa forma ser uma esposa e mãe mais disponível.

“Éramos mais como o nosso pai, somos pessoas mais dadas, gostamos de conhecer pessoas de conversar, de sair muito, a minha mãe já é uma pessoa mais reservada, menos faladora.” (vd. CA, Anexo 3, p. 120).

Alice, refere-se à sua irmã e ao seu irmão que foram figuras importantes para o seu desenvolvimento social e emocional, ao que parece todos se identificavam mais com a figura paterna masculina. Estes irmãos de certa maneira substituiriam os pais ex:

levaram-na muitas vezes à escola, estes irmãos podem ter feito esta aliança para sobreviver à ausência do pai.

Segundo Adler (1959), o filho mais novo encontra-se numa posição distinta dentro da família. Tal como se constatou, o filho mais novo é geralmente muito mimado pelos pais. Pois se por um lado a ele ninguém segue (como acontece com os restantes) tem sobre si mais do que um irmão como autoridade. De acordo com este autor a criança adquire um modo de ser peculiar consoante a posição em que se encontra dentro da constelação de irmãos, existe de facto, o destaque de alguns irmãos na infância, como verificámos, Alice têm dois irmãos mais chegados com quem refere ter mais parecenças, é com eles que ia para o infantário, é com estes mesmos que divide o quarto, é com esta irmã que começa a sair à noite e a divertir-se.

“Eu quando havia festas ia sempre, gosto muito de passear” (vd. CA, Anexo 3, p. 120).

Estas saídas aparecem um pouco precoces para a idade de Alice parecendo haver aqui uma ausência de limites por parte dos pais. De qualquer das formas, a função parental foi em grande parte delegada a dois irmãos mais velhos do sujeito, A irmã I. que saiu da Albânia para viver na Grécia (a mais significativa das irmãs), desta forma Alice pode-se ter mais uma vez seguido pelos passos desta irmã I., não obstante, para um país diferente.

“Lembro-me que me dava melhor com este irmão, da história que contei e com uma irmã mais velha, não é a que vem logo a seguir a mim, é a outra um pouco mais velha” (vd. CA, Anexo 3, p.119).

Alice alcança os seus desejos de emancipação com a ajuda da irmã mais velha que na adolescência pedia ao pai a permissão para saírem juntas, e que agora em Julho de 2006, ao saber da renovação da Autorização de Residência, lhe oferece de imediato as passagens para irem até à Grécia matar saudades da família.

Recorda que a irmã mais velha logo a seguir a si e com a qual havia mais ciúmes e rivalidade era muito caseira e que Alice pelo contrário, apesar de mais nova queria era

sair e conviver. A relação com esta irmã é sempre promotora de saídas, desta vez a saída, não é só como as nocturnas para irem dançar, mas sim para Alice após estes quatro anos a viver em Portugal voltar a ver toda a família.

5.3 Análise Cronológica

5.3.1 Infância

Relações familiares e afectivas

Alice, nasceu a 13 de Fevereiro de 1977 no distrito, ou *rrethe* de *Librazhd* na Albânia, perto da capital Tirana. Oriunda de uma família de médios recursos sócio-económicos é a filha mais nova de uma fratria de seis, estando todos os irmãos de família constituída, casados e todos já com vários filhos. Alice relata ter tido uma infância muito feliz, lembra-se que frequentou a creche e um infantário, sem problemas de adaptação, o que nos parece revelar ter tido uma vinculação segura. Conta que sempre brincou muito com várias amigas, colegas e vizinhas.

“Passei uma infância muito feliz, somos 4 irmãs e dois irmãos, temos pais...
cresci lá, estudei” (vd. CA, Anexo 3, p. 98).

Entre irmãos dava-se bem e em especial com uma irmã mais velha I., a que vive actualmente na Grécia, e também com um irmão que refere numa história que foi uma espécie de herói que ajudou as crianças numa manhã que chovia intensamente, os três partilharam o quarto quando eram mais novos e segundo Alice sentem-se os três mais parecidos como o pai, sentem-se mais parecidos de feitio entre eles, mais extrovertidos e comunicadores. Esta irmã também levava e trazia muitas vezes Alice do infantário.

“Então o meu irmão apareceu e ajudou todas as crianças a atravessarem pela rua. Lembro-me com muito orgulho desse episódio” (vd. CA, Anexo 3, p. 118).

As pessoas significativas são os pais, irmãos, irmãs, tios, cunhadas. Conta ter sido bastante mimada pelos irmãos e pelos pais. (vd. Análise das memórias precoces, pp. 45 e 46). Alice refere um bom relacionamento familiar, hábitos culturais e sociais de convívio ao ar livre. Na Albânia o sujeito vivia numa vivenda com terreno dividido entre pomar de árvores de fruto e jardim por onde andava com amigas de casa em casa por quintais e jardins floridos, lembra-se de ver o pai a cuidar desta parte exterior da casa com muita dedicação. A sua mãe é dona de casa e com disponibilidade foi cuidando das refeições e dos filhos. Desta forma Alice tinha tempo para si e para as suas brincadeiras. Menciona com agrado ter sido muito mimada, especialmente pelo pai, por ser a mais nova de todos os irmãos e a que viveu em casa dos pais até mais tarde.

“Eu era muito amiga do meu pai porque como fui a filha mais nova tive muitos miminhos” (vd. CA, Anexo 3, p. 108).

Locais significativos

Relativamente a esta fase da vida Alice conta ter frequentado infantário e creche, local este onde ficava sem qualquer espécie de birra ou angústia, diz que nunca chorava, que gostava de ir à escola e que foi desde cedo uma pessoa aventureira, e especialmente curiosa, com vontade de conhecer pessoas e conviver.

“Era uma menina feliz e sempre tinha vontade de conhecer coisas novas, como se diz, é que eu gostava de aventuras, ainda sou aventureira, gosto de conversar com pessoas” (vd. CA, Anexo 3, p.119).

Conta-nos ser costume fazer todos os verões a época balnear, na casa de praia dos pais, que descreve como fantástica.

Relações sociais

Alice, mesmo com uma mãe disponível e vários irmãos mais velhos teve uma infância com diversos relacionamentos sociais, conta que se relacionou com várias vizinhas e colegas sendo tudo muito perto de casa. Fora do contexto da entrevista, refere brincadeiras com panelinhas e com vários frutos que tinha no terreno de casa dos pais. (vd. análise das memórias precoces, p.46).

“Era uma criança muito sociável, por isso nunca chorava, estava sempre bem, gostava de ir para a escola com amigos, quem muitas vezes me levava para a Creche” (vd. CA, Anexo 3, p. 119).

As relações com os pares avaliada ao longo da infância sugere alianças entre uns irmãos em detrimento de outros. Selecção de alianças calorosas e uma relação segura.

5.3.2 Adolescência

Percurso escolar

Alice recorda que estudou durante 10 anos que esse período era o regime fascista do ditador *Enver Hoxha*, que governou na Albânia, até 1990. Cinco anos após a morte de *Hoxha*, a Albânia continuou um estado Comunista isolado, quer do ocidente, quer dos outros estados Comunistas. Durante este percurso escolar, com 16 anos conhece o actual marido que vivia perto da sua prima e estudava na mesma escola.

“Fui para oitava classe, oitavo e fiz a escola média que é como se diz em Itália lá chama-se Ginásio.” (vd. CA, Anexo 3, p. 125).

“Eu sempre fui a melhor aluna até à 8 classe que foi quando vieram miúdos de outra escola para a minha” (vd. CA, Anexo 3, p.125).

“ 10 anos que estudei, mas depois era perigoso não me deixaram continuar, não podia mesmo” (vd. CA, Anexo 3, p. 98).

“Lembro-me muito bem que fazíamos, concertos, teatro em todas as escolas, com poesia, e cantos, faziam-se notícias dos espectáculos” (vd. CA, Anexo 3, p. 102).

Este período marcou Alice pelo tipo de pedagogia limitada, repressão intelectual e clima de medo generalizado.

Relações afectivas

Mostra forte aliança com uma das suas irmãs, a 3^a na fratria, com quem se identificava mais. No entanto rivaliza com a 5^a irmã na fratria, a acima de si, a qual descreve como mais reservada.

“Uma altura com 9 ou 10 anos comecei a sair com a minha irmã mais velha a bailes, festas e a bares, eu pedia-lhe por favor para ela pedir ao nosso pai para eu ir com ela, então ela levava-me e divertíamos-nos imenso.” (vd. CA, Anexo 3, p. 120).

“Nós conhecemo-nos na escola e eu não o achava nada giro pelo contrário achava-o mesmo feio” (vd. CA, Anexo 3, p. 120).

Conta que nesta fase não pensava em namoro e que nem queria pensar nisso, mas ele esperou e insistiu durante uns anos para ficar com ela.

5.3.3 Adultez

Relações familiares e afectivas

Nesta fase da vida Alice casa-se, mudando-se para casa do marido. O sogro dedica-se mais ao negócio do restaurante assim, o seu marido fica mais livre e como simpatizante do partido “*Democratik*” participa em manifestações que provocam instabilidade, um dos motivos que os levam a sair da Albânia, diz que a família do marido é de um estrato económico e social alto.

“Nós casámos dia dois de Agosto de 2000. Foi um casamento grande, uma festa grande, com vestido branco, fazemos dois dias no sábado e no domingo, no sábado vem a família” (vd. CA, Anexo 3, p.126).

Descreve características culturais e religiosas costumes Muçulmanos

Locais significativos

“Depois casei-me e ficava em casa e no restaurante do meu sogro” (vd. CA, Anexo 3, p.127).

O casamento aparece de seguida aos estudos como um objectivo de vida obrigatório e a ser atingido, todos os seus irmãos já o tinham feito. Alice não podia ter uma vida activa profissional, devido à insegurança que se fazia sentir por causa dos assaltos e do crime organizado, um dos maiores problemas da Albânia. Deste modo via as suas aspirações limitadas, por viver numa sociedade onde há muito crime e onde se raptam diariamente raparigas para a prostituição em Itália, este aspecto apesar de não

ser referido em entrevista, foi mencionado por Alice em conversa e anotado em bloco de notas. Assim nesta fase o sujeito passa a maior parte do seu tempo na sua casa ou em casa dos sogros, com a sua cunhada que é mais nova.

“O meu marido andava muito nas manifestações com os amigos, ia para uma comuna numa freguesia lá ao lado com os amigos e depois iam buscá-lo a casa de noite e levavam-no da cama preso” (vd. CA, Anexo 3, p.127).

Estas manifestações políticas foram a grande causa das perseguições de que eram alvo. O marido de Alice, pertencia a um grupo de jovens mais revolucionários que insatisfeitos com o clima político da Albânia lutavam pela democracia e por um futuro diferente, daí serem perseguidos com frequência pela policia que o prendeu várias vezes, como forma de retaliação também foi alvo de destruição o restaurante do seu pai.

“Um amigo dele morreu uma das vezes, porque eles batem com pedras e tudo e tudo e também atiram se quiserem.” (vd. CA, Anexo 3, p.127).

Para além do terrível panorama, a Albânia tem diferentes particularidades de insegurança devido ao crime organizado e há constante corrupção do governo, assim, por estes motivos decidem abandonar o país e pedir asilo político a Portugal.

“Como eu estava grávida estava com muito stress, com muito medo, estava com medo de perder o bebé, meu marido, medo de me perder a mim própria” (vd. CA, Anexo 3, p.98).

“Éramos quase 30 pessoas, 28 pessoas num barco de 2 metros e tal, era de noite mas dava para contar as pessoas...” (vd. CA, Anexo 3, p.128).

“Eu tinha uma mala nas costas deixei cair tudo as roupas as jóias os passaportes, o meu marido disse deixa ficar ficou na água.” (vd. CA, Anexo 4, p.128).

“Eu estava a sentir mal tinha vontade de vomitar e vomitava algumas vezes. Tinha fome.” (vd. CA, Anexo 4, p.128).

“Em Madrid deram-nos os bilhetes não percebíamos nada nem falar nada nada e os da carrinha levaram-nos até ao comboio, disseram: “entrem neste comboio” (vd. CA, Anexo 4, p.128).

Experimentou mais uma vez muitas sensações de medo, mas não desistiram dos seus objectivos desta forma, juntos conseguiram chegar a Santa Apolónia onde foram interrogados por elementos dos SEF que depois os acompanharam até ao Centro de acolhimento.

Esta parte da narrativa exprime desespero, quando Alice se refere dolorosamente às experiências vividas durante a viagem para Portugal, é nesta parte que existem mais lamentações e referência a situações de que não conseguiu retirar qualquer proveito, confessa que foi marcante e complicado.

“Tinha muito frio e doía-me tudo, foi mesmo horrível e muito complicado. Depois dissemos que viemos para fazer pedido de asilo “*politik*” dia 15 Novembro de 2001.” (vd.CA, Anexo 4, p.129).

Nesta parte da história, durante a viagem propriamente dita, o que parece ter assustado e angustiado mais Alice, para além das fracas condições dos vários transportes, bem como a escassez dos alimentos tudo isto a acrescentar à sua gravidez, foi essencialmente, o facto de não saber nada em concreto de Portugal, Alice teve noção

das limitações a que ela e o marido tiveram expostos na Albânia, tudo era totalmente desconhecido, até a língua que funciona como ferramenta indispensável era escassa, pois só o marido de Alice fala o básico da língua inglesa. É nesta fase, que percebemos a dimensão real e trágica do que é que as pessoas perdem por crescerem em países que viveram longos anos fechados por regimes repressores, sem liberdade de conhecimentos, como uma espécie de autismo, virados unicamente para a C. cultura imposta, são obrigados e ignoram o resto do mundo. A história de vida é apresentada num estilo afirmativo, o narrador afirma e aceita a vida que tinha no passado; Refere-se tanto a experiências positivas como negativas e menciona conflitos para os quais procurou uma solução.

“Aprendi muitas coisas novas que os professores não se importavam de explicar, apesar de eu não os perceber sempre muito bem, voltavam a explicar.”(vd.CA, Anexo 4, p.131).

Menciona vários aspectos positivos como a sensibilidade e paciência dos professores de Língua Portuguesa e do curso que tirou de pastelaria.

“Sinto que fui bem acolhida e que tenho de agradecer e aproveitar isso. Tenho sempre muita esperança, nós somos novos e podemos melhorar” (vd.CA, Anexo 3, p.118).

6. Discussão: Análise da experiência de exílio

Pretende-se aqui analisar em pormenor os aspectos relevantes do tema central da história de vida, ou melhor, a fatia da história de vida do sujeito relativa à temática deste estudo: a condição de mulher refugiada.

Neste sentido, o período chave ou a categoria principal que considerámos mais significativa no ciclo-de-vida do sujeito Alice é o exílio, acolhimento e mecanismos de integração em Portugal.

Os dados recolhidos nas entrevistas demonstraram que o sujeito viveu um acontecimento não normativo (Baltes et al., 1999) ou seja, o exílio, aparece como um acontecimento significativo no meio do seu ciclo-de-vida, em que tudo se alterou. Contudo Alice demonstrou juntamente com o seu marido e família, uma arrojada abertura à experiência de pedido de asilo político ou de fuga/abandono do país natal em direcção a Portugal.

Para Adler (1959) o processo de formação de um objectivo de vida, estilo de vida e esquema de apercepção é essencialmente um acto criativo. Trata-se do poder criador de personalidade, também chamado de *Self*, uma estrutura capaz de guiar e dirigir a resposta individual ao meio ambiente. Assim, o autor atribuía à pessoa uma unicidade, uma consciência e um controle sobre seu próprio destino.

Alice conta que foi bem recebida e tratada sem discriminação na maioria dos sítios, mencionando que nunca se irá esquecer da ajuda que recebeu por parte dos Portugueses, sendo que o percurso do exílio se anunciou positivo desde a chegada. Não obstante, Alice sentiu-se pontualmente discriminada durante a gravidez pelos médicos que a observaram, talvez devido aos problemas de comunicação pela barreira da língua, de qualquer modo, refere ter sentido que não teria havido grande esforço em estabelecer uma comunicação e atendimento clínico razoáveis.

Segundo ela, foi brutalmente discriminada nas consultas de planeamento pela médica que se terá recusado a falar inglês, justificando que estava em Portugal. No entanto, parece que já tinha passado por experiências piores como a viagem e concorda que não se deve generalizar, por terem ocorrido determinados episódios, que os

Portugueses são racistas ou insensíveis. Neste contexto, e à luz da meta-teoria do ciclo-de-vida de Baltes (Baltes, 1991; Baltes, 1997; Baltes & Freund, 1998; Baltes, 2000; Baltes & Singer, 2001) o confronto com o declínio de recursos e a perda dos objectivos prévios relevantes (selecção motivada pela privação), parece ter mobilizado processos de construção e de procura de uma nova hierarquia de objectivos permitindo uma compensação adaptativa (selecção electiva).

Em países como Portugal, um país de emigrantes, imigrantes, exilados e ex-exilados a formação e sensibilização de técnicos e de funcionários profissionais seria produtiva para evitar determinadas atitudes discriminatórias dos direitos fundamentais. Neste sentido, pelas nossas raízes, pelo nosso presente, bem como pelo futuro, emerge uma necessidade de esclarecimento das questões relacionadas com os direitos humanos e os fundamentais por parte dos países de acolhimento, bem como pelas suas estruturas de apoio ao cidadão em geral como os hospitais, centros de saúde e escolas, que se encontram pouco esclarecidas acerca destes temas. Este tipo de compreensão seria uma mais-valia para a sociedade e ajudaria seguramente, ainda mais a um profissionalismo e sensibilização dos que trabalham ou podem vir a trabalhar com os refugiados ou exilados em Portugal, já que como aqui foi mencionado, o encontro do refugiado com outra sociedade é o reencontro ou na pior hipótese o desencontro consigo mesmo, isto com consequências complexas a nível da estruturação da identidade.

Adler (1959) refere a importância da família na infância é esta, segundo o autor, determinante para o futuro psicológico e relacional do sujeito, defende que determinadas situações na infância podem inibir o desenvolvimento do sentido de comunidade por exemplo, os erros da mãe, a teimosia infantil, as características do carácter da criança nas relações sociais. Uma vez que a construção intelectual e emocional de um estilo de vida no caso da evolução se inicia na infância, torna-se necessário compreender as recordações infantis a relação entre irmãos, os sonhos, fantasias e as faltas (vd. memórias precoces pp.52-56).

Alice recorda a sua infância com uma fase positiva e feliz, percebendo-se como aventureira e curiosa nas relações, por isso diz que ficava bem no infantário sem birras. Com efeito, parece-nos que Alice sente as mudanças de hábitos como positivas para o desenvolvimento pessoal assim, é tomada a decisão mais acertada, procura adaptar-se e integrar-se, podem ter sido as diversas mudanças (casamento, políticas de

medo, crime organizado, gravidez., etc.) a levar Alice a ser mais aberta a novas experiências e a seleccionar a mudança.

Os autores Grinberg e Grinberg (1996) acreditam que não existe um tipo de personalidade específica que condicione a tendência migratória. Contudo, pensam que pode haver uma maior ou menor predisposição para migrar, baseada na história de cada indivíduo, podendo mesmo manifestar-se em função de circunstâncias e motivações externas e internas num dado momento das suas vidas. Pouco a pouco, o indivíduo passará a sentir-se parte integrante na sociedade receptora, chegando mesmo a viver como suas as características particulares tais como a língua, os costumes e a cultura, mantendo ao mesmo tempo uma relação positiva e estável com o seu país de origem, com a sua língua e com a sua cultura. A integração, sempre lenta e trabalhosa, será resultante de passos sucessivos e complementares. Esta dinâmica adaptativa de ganhos, manutenções, perdas e evitamentos de comportamentos de risco (Fontaine, 2000). A articulação e coordenação dos processos de selecção, optimização e compensação, permitem a manutenção de um sentimento de eficácia pessoal (*locus* de controlo) e um sentimento de uma evolução bem sucedida (Fontaine, 2000). De acordo com alguns autores (Carver, 1998; O'Leary, 1998; Kumpfer, 1999) e admitindo as várias possibilidades de reacção face à adversidade, conclui-se que o sujeito responde, de acordo com este modelo de resiliência, essencialmente com uma reintegração resiliente homeostática em determinadas situações e noutras através de reintegração adaptativa. A resiliência representa assim, o resultado de um processo desenvolvimental interactivo que exige esforço por parte do indivíduo, pois só a capacidade de obter e utilizar recursos é que efectiva as mudanças ao longo do ciclo-de-vida.

Seja como for, esta história de vida demonstra-nos que o sujeito possui mecanismos de resolução de conflitos e de gestão controlada das emoções, e que portanto, não sofre passivamente os acontecimentos que influenciam a sua vida, mas antes e pelo contrário aprende a lutar para vivê-los activamente.

Podemos concluir que através da análise deste acontecimento não normativo, o exílio, é possível evidenciar as três componentes estratégicas da dinâmica adaptativa enunciada por Baltes e colaboradores (1999): a selecção em face de perdas, concretamente durante o período inicial em Portugal em que todos os recursos lhe eram escassos, quer a nível dos conhecimentos básicos como a língua, ao nível económico,

quer ao nível dos afectos. Porque Alice sempre valorizou muito as relações sociais e precisamente no momento de exílio estava grávida, o sujeito perde os seus laços ou suporte familiar, sentiu-se longe de casa, da família, do país e da língua de origem. Tal como exemplificámos, quando se confronta com o declínio de recursos e perda de objectivos prévios relevantes, mobiliza processos para a construção ou procura de uma nova hierarquia de objectivos (selecção motivada pela privação) (Baltes & Freund, 1998), como por exemplo, os vários cursos (Língua Portuguesa, padaria e pastelaria) nos quais se empenhou com o objectivo de se integrar melhor no país e no mercado de trabalho.

São os mecanismos de selecção que dirigem a interacção entre o indivíduo e o meio e que conduzem a um ponto para a escolha dos objectivos pretendidos. No caso de Alice parece-nos que, de acordo com a teoria de (Baltes, 1997; Baltes & Freund, 1998; Baltes & Singer, 2001), a optimização funcional do sujeito envolveu uma procura acompanhada de um refinamento de recursos internos e externos para alcançar níveis de funcionamento superiores ou objectivos desejados.

É importante ter em conta a fase do desenvolvimento de Alice, na pré-adulterez o casamento, poderá representar a procura de autonomia dos pais, o sonho construído em torno do marido e da família mais próxima conduz Alice a subordinar as suas necessidades pessoais e a identificar a bondade com auto-sacrifício (Gilligan, 1994; Durkin, 2000).

A capacidade de resiliência durante a fase de pedido de asilo, permitiu verificar que existiu adaptação e maturação emocional nas três áreas de competência do ciclo-de-vida (ocupacional, familiar e social). Consideramos que para o sujeito, o desenvolvimento mais saudável e produtivo do percurso de vida é orientado em função de fins, sendo este constituído por uma sucessão de fases que se desenrolam numa dada direcção.

A realização pessoal de Alice está estritamente ligada à busca de qualidade de vida, ou da normalidade que considera ter na actualidade (vd. CA, Anexo 3 p.7). Parece que o seu sentido de vida é ter estabilidade emocional e ter alguns bens fundamentais e básicos como uma casa com capacidade para as relações familiares e sociais. Desde o início que é focado este aspecto que a incomodava muito, portanto, o facto de não terem

espaço para receber amigos era-lhe extremamente desagradável. Demonstra mais uma vez, como é importante para si conviver e partilhar experiências.

Alice é considerada um caso de sucesso com uma atitude de aculturação e de integração sócio-profissional.

O modelo de selecção, optimização e compensação de Baltes e colaboradores (1998), mencionado anteriormente, em conjunto com a subsequente teoria do controlo de Heckhausen e Schultz (1995) permitem uma melhor compreensão da regulação do comportamento humano. Assim, de acordo com estes últimos autores, as interacções entre o indivíduo e o meio podem resultar em experiências de êxito, quer em experiências de fracasso. Concluímos que com a Alice surge um destes fenómenos que têm efeito de sucesso. O êxito de acordo com os autores (Heckhausen & Shultz, 1996), ajuda a manter os níveis das capacidades e dos recursos motivacionais existentes e a desenvolver novas capacidades. Alice aprendeu a língua Portuguesa num curso patrocinado pelo CPR, foi esta a ferramenta essencial para uma vivência saudável do dia-a-dia.

Em seguida, teve formação em pastelaria e padaria e logo de seguida integrou o mercado de trabalho, podendo desta maneira praticar e ganhar dinheiro com o que tinha aprendido. Todo este processo foi conquistado durante o primeiro ano e meio de estada em Portugal, não esquecendo o facto de que chegou grávida de quatro meses.

Alice foi orientada pelo CPR e seguiu numa determinada direcção que lhe permitiu uma progressiva adaptação e integração na comunidade, provando que perante adversidades, acontecimentos não normativos e até desestruturantes se pode ter êxito.

O Sujeito conseguiu reconstruir uma vida nova, passando a viver com mais dificuldades mas com maior segurança e liberdade, assim, inicialmente viveu uma situação que lhe dava prejuízo pelo medo que tinha de perder o bebé, o marido, e confessa que até a ela própria, sentindo-se invadida na sua privacidade pela policia do governo e vivendo em constante ameaça e perigo. Neste contexto o casal parece interrogar-se acerca das exigências dos acontecimentos *stressantes*, foi então que em conjunto concluíram que viviam numa situação de ameaça e perda de liberdade e que andavam acompanhados por emoções negativas, neste sentido os desafios desencadearam ocasiões de crescimento para este casal, futuros pais que deixavam antever ganhos a realizar, no domínio dos recursos das capacidades, dos meios

financeiros, das responsabilidades ou do reconhecimento com um novo estatuto, num novo país, mas implicaram o risco do indivíduo não ser capaz de lidar adequadamente com o desafio.

Alice exigiu a si mesma o investimento de um esforço considerável e a alegria de poder fazer face a algo, sendo assim, a opção Integração implicou a manutenção parcial da identidade cultural do grupo étnico, juntamente com uma participação cada vez mais acentuada no seio da nova sociedade conservando a sua identidade e outras características culturais próprias (língua, hábitos alimentares, festas, etc.), mas simultaneamente participando nas estruturas económicas, políticas e jurídicas com os outros grupos da sociedade de acolhimento (Neto, 1993), passando a valorizar ambas as culturas e relações intergrupais (Ward & Rana-Deuba, 1999).

Aqui o termo integração tem um significado claramente distinto do termo assimilação, muito embora na literatura os dois termos apareçam muitas vezes como sinónimos no primeiro caso procura-se uma manutenção cultural, enquanto que no segundo, há pouco ou mesmo nenhum interesse em tal continuidade. Quando o indivíduo opta pela Assimilação, abandona a própria identidade cultural a favor da comunidade dominante.

De acordo com Berry, a melhor estratégia que o indivíduo deveria adoptar é a da integração, não obstante, no dia a dia tal estratégia poderá não ocorrer. Os indivíduos integrados experimentam uma menor tendência à depressão que os indivíduos não integrados, esta perspectiva é fortemente suportada por diversos estudos (Ward & Kennedy, 1994), tais como, estudos com imigrantes (Schmitz, 1992), e com refugiados (Doná, 1993).

7. Conclusão

A conclusão desta tese procura interligar os resultados da análise efectuada com as questões de trabalho decorrentes da revisão bibliográfica, realizada na primeira parte do trabalho. Sem nos desviarmos de cumprir o objectivo do estudo (analisar a trajectória de vida de uma mulher refugiada, à luz das diferentes teorias do desenvolvimento e compreender a sua dinâmica adaptativa ao país de acolhimento - Portugal).

Neste contexto, as diferentes teorias do desenvolvimento aqui abordadas revelam uma dependência na infância e uma autonomia na fase adulta, traçando um caminho que se caracteriza por uma crescente diferenciação do eu e uma progressiva liberdade de pensamento sobre os constrangimentos contextuais. O desenvolvimento é assim caracterizado por períodos de transição sucessivos que permitem a resolução das crises específicas a eles (Erikson, 1980; Levinson, 1986).

A identidade como base do constructo do ciclo-de-vida, determina o seu conteúdo, assim como o nível e o tempo das aspirações individuais. Estas aspirações formam a base da avaliação que o indivíduo faz dos acontecimentos significativos.

O tempo, o espaço, o Eu e o outro surgem num intercâmbio activo em busca de significado, entre o individual e o mundo físico e social.

As concepções sobre o ciclo-de-vida defendem a existência de um desenvolvimento multidireccional (múltiplas vias), multidimensional (físico, intelectual, social) e contextual (cujo papel determinante resulta de múltiplas interações entre os sujeitos e os contextos em que vivem) (Marchand, 2001).

Neste sentido, o interesse focalizou-se na relação do indivíduo com o meio (Adler, 1959; Erikson, 1980; Levinson, 1986; Gilligam, 1994) e, ainda, sobre as consequências decorrentes da mudança forçada de contexto físico e cultural, nos momentos históricos que ocorreram como desafios que a vida lhe foi tecendo de forma quer normativa quer não normativamente (Baltes et al., 1999).

O método que se demonstrou mais eficaz para analisar e compreender o caso, analisar o desenvolvimento da identidade e a sua relação com o meio e os contextos históricos e culturais, foi o método das histórias de vida. Lembrando Legrand (1992) a metodologia de investigação das histórias de vida constrói-se na articulação da teoria e da prática e integra a análise de conteúdo. A utilização de estratégias múltiplas de

recolha e de análise da história de vida permitiu ultrapassar algumas limitações, uma vez que procurou adequação e flexibilidade na selecção e complementaridade dos métodos, técnicas e modelos teóricos de referência (Burgess, 1997).

Neste estudo, para além de terem sido utilizadas diferentes estratégias ou técnicas de análise de conteúdo (genograma, análise das memórias precoces, análise cronológica e análise exaustiva da temática principal - o exílio) a validade dos conteúdos aprimorados na análise foi também conseguida através do constante acompanhamento e concordância de um juiz independente.

Dos principais resultados obtidos constatamos que a trajectória de vida de Alice revela uma série de constrangimentos ou factores impeditivos de autonomia na terra de origem, que são desbloqueados à medida que se integra em Portugal.

Através da primeira técnica que utilizámos (o genograma) foi possível situar graficamente o sujeito na sua constelação familiar, uma vez que esquematiza as diferentes ramificações familiares (ascendência, fratria e descendência). Adler (1959) sugere que a posição que o sujeito ocupa na constelação familiar é determinante para a construção do estilo de vida, assim, ter conhecimento do lugar que o sujeito ocupa no seio familiar permitirá uma melhor compreensão das memórias precoces e das relações construídas entre o sujeito e os seus familiares.

Ao observar o genograma podemos constatar que Alice ocupou o lugar de filha mais nova numa fratria de seis (4 raparigas e 2 rapazes). Segundo Adler (1959), o filho mais novo é geralmente considerado o mais frágil e o mais "débil", tornando-se alvo de uma hiper-protecção impeditiva do desenvolvimento da autonomia, facto que verificamos na história de vida quando o sujeito refere que recebia muitos mimos por ser a mais nova e que esteve vários anos a ajudar a mãe em tarefas da casa, ia às compras e não trabalhava nem estudava por ser perigoso. Com a utilização das outras técnicas foi possível confirmar o que sugere o autor. Esta esquematização não só permite uma melhor compreensão das memórias precoces bem como dos relacionamentos no seio familiar durante a sua infância, como permite compreender a constelação familiar na actualidade, uma vez que abrange tanto a família de origem como a família constituída. A existência de ramificações de descendência indica uma maior probabilidade de existência de generatividade no fim da fase adulta (Erikson,

1980). Um ponto importante que também se pode observar imediatamente no genograma é que todos os seus irmãos se casaram e tiveram mais que um filho.

A segunda técnica foi a análise das memórias precoces, com particular destaque para a sua tonalidade afectiva, relações familiares e implicações futuras no papel social e grupal (ver tonalidade afectiva das memórias precoces p. 53) As primeiras recordações dizem respeito à ida para a creche, ao carinho “especial” de um irmão Z. e irmã I. com os quais se dava melhor e partilhava o quarto, e às memórias do mimo e hiper-protecção por parte do pai, estes factos parecem ter ajudado o sujeito a um estilo de vida marcado pela passividade e falta de afirmação durante o período que viveu na Albânia (Adler, 1959). Esta passividade, nomeadamente o absentismo escolar para quem era tão boa aluna talvez tenha sido mais uma coisa herdada pelos mais velhos que não seguiram os estudos, curioso é apenas ser só o pai o único licenciado. Esta passividade/ submissão é contínua na Albânia, o sujeito refere que não podia fazer nada porque era perigoso, deixou de estudar por medo, não ia trabalhar porque não havia segurança, depois com a saída de território Albanês o sujeito muda activamente o seu estilo de vida, nomeadamente depois de ter sido mãe, pois empenhou-se e fez um curso profissional em padaria e pastelaria e foi imediatamente colocada num restaurante num horário nocturno completo (das 3h às 12), bem como aos fins-de-semana, ao qual se resignou e adaptou apesar de não lhe permitir ter tempo para cuidar da filha de manhã nem levá-la à creche.

Assim, o estilo de vida de Alice revela-se idêntico ao da sua progenitora durante o período que vivia na Albânia (não inicia uma actividade profissional, só sai de casa com o casamento e ocupa o seu quotidiano com actividades domésticas voltadas para o lar e para a família). Neste contexto os indicadores que Alice nos deu da mãe reflectem passividade e submissão que se atribui ao facto de na Albânia ser o papel social mais comum para mulher. Nesta fase, é possível afirmar que existe identificação ao género (papel social).

O papel grupal diz respeito aos comportamentos de cooperação e de oposição nas relações de poder (Adler, 1959). Como filha mais nova, Alice encontra-se numa posição distinta dos seus irmãos, pois se por um lado a ela ninguém lhe segue (como acontece aos restantes) tem sobre si mais do que um irmão com autoridade. Da sua relação com as irmãs parece haver rivalidade em particular com a logo acima de si, na relação com

uma outra irmã mais velha I. e com o irmão Z. parece advir uma maior colaboração e cumplicidade, sendo com estes que se identifica mais, referindo que são mais parecidos consigo.

Na análise cronológica (pp.57-65) foi possível examinar pormenorizadamente a evolução do curso de vida de Alice nas diferentes etapas do desenvolvimento (Erikson, 1980; Levinson, 1986); abordaram-se assim as áreas das relações familiares e afectivas, o percurso escolar e profissional, as relações sociais e os locais significativos.

Durante a adolescência ocorrem acontecimentos normativos marcantes; durante este período inicia o primeiro namoro, que foi com o actual marido, assim o investimento nesta relação afectiva irá posteriormente originar o seu casamento. Verifica-se assim o início da construção do “sonho” (Levinson, 1986; Gilligan, 1994; Durkin, 2000). As ameaças da polícia, as detenções policiais do marido de Alice por fazer parte em manifestações da oposição deram origem a momentos de grande angústia que levaram o casal a abandonar a Albânia, ansiavam por paz, segurança e liberdade acima de tudo, e não queriam que a filha que vinha a caminho tivesse que passar pelo mesmo, que tivesse de crescer com medo de sair livremente sem ser assaltada, ou na pior das hipóteses raptada. O abandono forçado do país natal é exemplo ilustrativo do que Baltes e colaboradores (1999) apelidam de acontecimentos não normativos.

Tal como Bruner (1990) refere, o reflexo da cultura e da história relativamente ao papel da mulher, parece aqui ter uma importância fundamental no acentuar das privações vividas no país de origem. O casamento poderá representar a autonomia em relação aos pais. O sonho construído em torno desta nova relação e da construção de uma família parece que conduz Alice a sacrificar-se saindo de perto da sua família para um país distante onde o marido já não é torturado e perseguido.

É na fase adulta que encontramos um maior investimento ao longo da sua narrativa, talvez por ter sido nesta fase que aconteceram os momentos mais marcantes e inesperados, a fuga da Albânia até Portugal, o pedido de asilo político, o nascimento da filha, a formação profissional, a aprendizagem da língua Portuguesa, o início da actividade profissional, é por isso que é nesta fase que a narrativa tem mais pormenores e por ser tudo passado recente e presente.

A ausência sistemática e rotineira do papel materno parece ser sentida como o mais difícil para Alice pois o sujeito refere que o seu pai na infância também era

ausente porque tinha de trabalhar, mas que lhe deu mais miminhos porque era a filha mais nova e mesmo assim tinha mais tempo do que para os outros irmãos, parece que aqui Alice se culpabiliza e identifica com a ausência que sentia do pai na infância.

A capacidade geral resiliente do sujeito é positiva e dinâmica, houve em todas as direcções uma reintegração com ganhos, homeostática e ainda adaptativa (Carver, 1998; O'Leary, 1998; Kumpfer, 1998). Compreende-se assim que os mecanismos de selecção, optimização e compensação enunciados por Baltes e Freund (1998) se revelam eficazes ao longo do processo de adaptação a Portugal em termos de ganhos e manutenções e mesmo no evitamento de comportamentos de risco.

Em relação ao controlo primário e secundário (Heckausen & Shultz, 1996) o foco de investimento dos recursos parece ter sido o nascimento de C. em Portugal e portanto a consolidação e afirmação da relação conjugal (selecção primária). As representações internas significativas (selecção secundária) apresentam influências históricas e culturais; a motivação gerada por estas representações parece ser a mesma que conduz à construção do que Levinson (1986) denomina de "sonho".

A maternidade permite assumir papéis adultos mas também muito activos, apesar de Alice ter sido educada numa cultura onde a privação social feminina era dominante dado os constrangimentos políticos, corrupção, crime organizado e dado Alice ter crescido a ver a mãe em casa e o pai a trabalhar, não seguiu os passos destes, que teve como referências, antes pelo contrário, assiste-se mesmo a uma inversão brusca de papéis, apesar de trabalharem ambos, Alice e o marido, são os horários do pai que se ajustam às tarefas dos cuidados parentais.

A generatividade por oposição à estagnação é a necessidade que o indivíduo tem de produzir algo que lhe sobreviverá, como a orientação da geração seguinte, independentemente de se tratar de descendência ou não, produção de ideias, obras, etc. (Erikson, 1980; Costa, 1991; Simões, 1999). Através da análise do genograma (vd. CA, Anexo 2, p.4) é possível verificar que este conceito fundamental, existe no estágio de desenvolvimento da vida adulta, pois todos os irmãos de Alice tem mais do que um filho, pode-se dizer que existe maturidade e capacidade de criação, não se verificando estagnação que é exemplo da falha generativa da geração anterior, e reflecte-se numa focalização apenas em si próprio e numa despreocupação pelos outros.

Descreve o marido como muito colaborante e afectuoso com a filha ficando ela sem tempo para os dois, lamenta não ter disponibilidade para passear com o marido e a filha, mas têm esperança que tudo se irá arranjar.

À luz da meta-teoria do ciclo-de-vida de Baltes (Baltes, 1991; Baltes, 1997; Baltes & Freund, 1998; Baltes, 2000; Baltes & Singer, 2001) o confronto com o declínio de recursos e a perda dos objectivos prévios relevantes, parece ter mobilizado processos de construção e de procura de uma nova hierarquia de objectivos permitindo uma compensação adaptativa.

O facto de não lhes renovarem a autorização de residência e terem de permanecer sem documentos foi uma desilusão que tiveram de ultrapassar. O aumento de estabilidade com o emprego e a casa onde vivem actualmente permitiu desenvolverem uma melhor integração homeostática, pois a casa é perto do Centro Português de Refugiados continuando a sentir-se protegida pelo Centro que os bem acolheu e que continua a receber para o que precisem, desde roupas, a alimentos, etc.

A generatividade (Erikson, 1980) parece ter sido alcançada na área familiar, principalmente através do nascimento de C. em Portugal.

Embora produzam o seu impacte em todas as fases de vida, as experiências migratórias/ exílio serão assimiladas de maneiras diferentes consoante a idade em que se produzem: não serão iguais para os adolescentes e os adultos jovens com um longo futuro para viverem e para pessoas maduras com muita história vivida (Grinberg & Grinberg, 1996). As narrativas autobiográficas e o conhecimento clínico sugerem que os acontecimentos traumáticos possam conduzir a outro tipo de transformações adaptativas, incluindo a reconstrução do significado, a renovação e restauração da esperança (que Alice menciona), da confiança, de relações, uma redefinição do eu e sentido de comunidade.

Respondendo às questões levantadas na primeira parte do trabalho (vd. p.33), podemos concluir que através da análise dos acontecimentos de vida não normativos, é possível evidenciar as três componentes estratégicas da dinâmica adaptativa enunciada por Baltes e colaboradores (1999): a selecção (electiva, e motivada pela privação), a optimização funcional dos recursos internos e externos e a compensação adaptativa. Por exemplo, na fase adulta, fase do desenvolvimento actual, muito investida, o foco dos investimentos parece ter sido a actividade profissional (selecção primária) que se refere

ao foco de investimento de recursos, tais como o esforço, o tempo, capacidades e perícia que se requer para executar o seu ofício nocturno de pasteleira. A selecção secundária, representações internas relevantes, apresentam influências históricas e culturais (Heckhausen & Shultz, 1996); a compensação adaptativa é visível através do relevo que Alice dá às relações sociais e ao suporte social, a não esquecer que acaba por viver no mesmo bairro da instituição que a acolheu (CPR).

Concluimos que os mecanismos enunciados por Baltes e Freund (1998) se revelaram eficazes em termos de ganhos e de manutenções ou mesmo de evitamento de riscos.

Em relação à questão de quais as relações e/ou áreas de competência mais satisfatórias e gratificantes, podemos dizer que a área de maior investimento é a actividade profissional. Não obstante, é também a mais destabilizadora ao longo da vida, na Albânia era evitado por perigos, cá imposto como duro através de um horário que lhe tira a maior parte do tempo para conviver com o marido e a filha.

Para terminar, e respondendo à última questão, Alice revelou com o passar do tempo uma boa capacidade de resiliência adaptativa. Foi possível a aprendizagem da língua, da cultura e o estabelecimento de novas amizades dentro da nova sociedade, tudo isto é facilitador do processo de integração. Ao adquirir novos conhecimentos, o indivíduo aprende a movimentar-se no novo espaço e de certa maneira há uma maior aceitação para se sentir integrado. Estão assim criadas as condições necessárias, para que o indivíduo inicie o processo de aculturação e integração plena no seio da nova sociedade.

Vários estudos comprovam este tipo de padrão. Podemos então referenciar o estudo de Dona e Berry (1994), onde se verifica que os refugiados da América Central que residem no Canadá, ao preferirem a estratégia de Integração têm menores problemas psicológicos. Isto é, os autores verificaram que existe uma melhor adaptação em indivíduos que optam pela Integração, do que por indivíduos que optam pela Separação ou Assimilação (pp. 37-38).

Distinguem-se ainda diferenças na construção de histórias de vida entre homens e mulheres. Enquanto que os primeiros fazem-no sob a forma de um modelo linear, as mulheres constroem narrativas de dimensões múltiplas através de um modelo não linear (Lieblich & Josselson, 1993).

Mesmo assim, temos que reconhecer que a migração e todo o processo de mudança e adaptação, constitui um grande desafio para o indivíduo, pondo à prova a sua estabilidade emocional e psíquica.

REFERÊNCIAS

- ACNUR (2000), *The state of the World's Refugees 2000 - fifty years of humanitarian action*. New York: Oxford University Press
- Adler, A. (1935/1959). *El sentido de la vida*. Barcelona: Luis Miracle.
- Adler, L., & Gielen, U. P. (1996). Cross-Cultural Topics in Psychology. In David Tau-Fai Ho & Madalina Wu (Eds.), *History and methods of cross-cultural studies* (pp. 3-14).
- Baltes, P. (1991). Psicología evolutiva del ciclo vital: Algunas observaciones convergentes sobre historia y teoría. In A. Marchesi, M. Carretero, & J. Palacios, (Eds.), *Psicología evolutiva* (pp. 243-263). Madrid: Alianza
- Baltes, P. (1997). On the incomplete architecture of human ontogeny: Selection optimization and compensation as foundation of development theory. *American Psychologist*, 52 (4), 366-380.
- Baltes, P., & Freund, A. (1998). Selection optimization and Compensation as strategies of life management: Correlations with subjective indicators of successful aging. *Psychology and Aging*, 13 (4), 531-543.
- Baltes, P., Staudinger, U., & Lindenberger, U. (1999). Lifespan psychology: Theory and application to intellectual functioning. *Annual Review of Psychology*, 50, 471-507.

Baltes, P. (2000). Autobiographical reflections: From developmental methodology and lifespan psychology to gerontology. [On line]. Available: <http://www.mpibberlin.mpg.de/en/institut/dok/full/Baltes/autobiog/index.htm>.

Baltes, P; & Singer, T. (2001). Plasticity and the aging mind: An exemplar of biocultural orchestration of brain and behavior. [On line]. Available: <http://www.mpibberlin.mpg.de/en/institut/dok/full/Baltes/plastici/index.htm>.

Bardin, L. (1997/1994). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições70.

Bruner, J. (1997). Actos de significado: *Para uma psicologia cultural*. Lisboa: Edições 70.

Berry, J. & Kim, U. (1987). Acculturation and mental health. In P. Dasen, J. Berry & N. Sartorius (Eds), *health and cross-cultural psychology: Towards applications*. London: Sage.

Berry, J. Kim, U., Power, S., Young, M. & Bujak, M. (1989). *Acculturation attitudes in plural societies*. *Applied Psychology: An International Review*, 38(2), 185-206.

Berry, J., Poortinga, Y. H., Seagall, M. & Dasen, P. (1996). *cross-cultural psychology: Research and applications*. New York: Cambridge University Press.

Birman, D. (1994). Acculturation and Human Diversity in a Multicultural Society. In E. J. Trickett, R. J. Watts & D. Birman (Eds.), *Human diversity – perspectives on people in context* (pp. 261 -284). São Francisco: Jossey-Bass Publishers.

Bourdieu, P. (1994). *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL.

Bowlby, J. (1988). *A secure base. Clinical applications of attachment theory*. London: Routledge.

Burgess, R. (1997). *A pesquisa de terreno: Uma introdução*. Oeiras: Celta.

Cartwright, D. (1974). L'analyse du matériel qualitatif. In L. Festinger, & D. Katz, *Les méthodes de recherche dans les sciences sociales* (Vol.2, pp.481-537). Paris : PUF.

Conselho Português de refugiados (2001). *Relatório de actividades*. Lisboa: Ed. CPR

Conselho Português de refugiados (2004). *Relatório de actividades*. Lisboa: Ed. CPR

CPR (2006) *Convenção de Genebra (1951)*. Obtido em 11 de Janeiro de 2006 através:

<http://www.cpr.pt>

Costa, M. (1991). *Contextos sociais de vida e desenvolvimento da identidade*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica

Couchard, F. (1999). *La Psychologie Clinique Interculturelle*. Paris. Les Topos – Dunod.

Demos, E. V. (1989). Resiliency in infancy. In T. F. Dugan, & R. Coles (Eds.), *The child in our times. Studies in development resiliency* (pp.3-22). New York: Bruner/ Mazel

Diniz, A. M.(2004). *Sobre essas coisas a que chamamos crenças: Para uma propedêutica da psicologia da crença*. Lisboa: Climepsi.

Dolle, J.-M. (1979). *De Freud a Piaget*. Lisboa: Moraes.

Dolle, J.-M. (1981). *Para compreender Jean Piaget* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar.

Donà, G., & Berry, J. (1994). Acculturation attitudes and acculturative stress of central american refugees. *International Journal of Psychology*, (29), 57-70.

Erikson, E. H. (1963). *Childhood and society*. New York: Norton.

Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crises*. New York: Norton.

Erikson, E. H. (1980). *Identity and the life cycle*. New York: International Universities Press.

Erikson, E. H. (1982). *The life cycle completed*. New York: Norton.

Félix, E. (2001). O senhor da farda amarela (Monografia de Licenciatura em Psicologia Educacional e Orientação vocacional). Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Fernandes, L. (2003). Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: As facetas da escrita etnográfica. In T. H. Caria (Org.), *Experiência etnográfica em ciências sociais* (pp. 23-40). Porto: Afrontamento.

Ferrarotti, F. (1983). Histoire et Histoires de Vie- La méthode biographique dans les sciences sociales. Paris : Librairie des Meridiens.

- Ferrarotti, F. (1991). Sobre a autonomia do método biográfico. *Sociologia - Problemas e Práticas*, 9, (pp.171-177).
- Fonagy, P., Steele, M., Steele, H., Moran, G. S., & Higgitt, A.C. (1991). The capacity for understanding mental states: the reflective self in parent and child and its significance for security of attachment. *Infant Mental Health Journal*, 12, 201-218.
- Garmezy, N. (1994). Reflections and commentary on risk, resilience and development. In R. J. Haggerty, J. Robert, L. R. Sherrod, N. Garmezy, & M. Rutter (Eds.), *Stress, risk and resilience in children and adolescents* (pp. 354-385). New York: Cambridge University Press.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1978/1992). *O inquérito: Teoria e prática*. Oeiras: Celta.
- Gilligan, C. (1994). In a different voice: Women's conceptions of self and morality. In B. Puka (Ed.), *Caring voices and women's moral frames* (vol.6, pp. 1-37). New York: Garland.
- Gonçalves, M. J. (2003). Aumentar a resiliência das crianças vítimas de violência. *Análise psicológica*, 1 (XXI), 23-30.
- Grinberg, L. & Grinberg, R. (1999). *Identidade e Mudança*. Lisboa. Climepsi

- Grinberg, L. & Grinberg, R. (1996). *Migração e exílio estudo psicanalítico*. Lisboa. Climepsi.
- Grotberg, E. (2002). The Internacional resilience research project. (online). Available: <http://www.circ.uab.edu/cpages/resbgl.htm>.
- Heckhausen, J., & Schulz, R. (1995). A life spans theory of control. *Psychological Review*, 102, 284-304.
- Ho, D. Y. F. & Wu, M. (2001). Introduction to Cross-Cultural Psychology. In L. L. Adler & U. P. Gielen (Eds.), *Cross-cultural topics in psychology (2nd ed., pp. 1-13)*. New York: Praeger.
- Howard, G. S. Maerlender, A.C., Myers, P.R., & Curtin, T.D. (1992). In stories we trust: Studies of the validity of autobiographies. *Journal of Counseling Psychology*, 39, 3, 398-405.
- Kaplan, H. (1999). Toward an understanding of resilience: A critical review of definitions and models. In M.D. Glantz, & J.L. Johnson (Eds.), *Resilience and development: positive life adaptations* (pp.17-84). New York: Plenum.
- Kumpfer, K. (1999). Factors and processes contributing to resilience: the resilience framework. In M. D. Glantz & J. L. Johnson (Eds.), *Resilience and development: Positive life adaptations* (pp.179-224). New York: Plenum.
- Legrand, M. (1992). L'approche biographique: Théorie, méthode, pratiques. *Análise Psicológica*, 4, (X), 499-514.

- Levinson, D. (1986). A conception of adult development. *American Psychologist*, *41*(1), 3-13.
- Lieblich, A., & Josselson, R. (Eds.). (1993). *The narrative study of lives* (vol.5). London: Sage
- Lieblich, A., Mashiach, R., & Zilber, T. (1998). *Narrative research: Reading, analysis and interpretation*. London: Sage.
- Liebkind, K. (1994). Ethnic identity and acculturative stress – Vietnamese in Finland. *Migration*, 23-24; 155-177.
- Mischel, W., & Shoda, Y. (1995). A cognitive-affective system theory of personality: reconceptualizing situations, dispositions, dynamics, & invariance in personality structure. *Psychological Review*, *102*, 246-268.
- Morais, T. T. (2006, Novembro). *Novas Abordagens do Asilo Para o Século XXI*. Comunicação apresentada no VII Congresso Internacional do CPR, Lisboa.
- Neto, F. (1993). *Psicologia da migração portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- O'Leary, V. (1998). Strength in the face of adversity: Individual and social thriving. *Journal of Social Issues*, *54* (2), 425-446.

- Papadopoulos, R. K. (2002) *Therapeutic Care for Refugees. No place like home.* London: Karnac, Tavistock Clinic Series.
- Poirier, J., Valladon, S., & Raybaut, P. (1995). *Histórias de vida : Teoria e prática.* Oeiras: Celta. (Obra original publicada em 1983).
- Politzer, G. (1973). *Critica dos fundamentos da psicologia.* Lisboa: Ed. Presença. (1ªed., 1929).
- Ribeiro, M. (2003). E como é que realmente se chega às pessoas? In T. H. Caria (Org.), *Experiência etnográfica em ciências sociais* (pp.99-114) Porto: Afrontamento.
- Saakvitne, K., Tennen, H., & Afflek, G. (1998). Exploring thriving in the context of clinical trauma theory: Constructivist self development theory. *Journal of Social Issues*, 54 (2), 279-299.
- Segall, M., Dasen, P., Berry, J. & Poortinga, Y. H. (1990). *Human Behaviour in Global Perspective – An Introduction to Cross-Cultural Psychology.* Boston: Allyn and Bacan Publications
- Shaw, C. R. (1966). *The Jack-Roller: A delinquent boy's own story.* Chicago: the University of Chicago Press. (1ª ed., 1930.)
- Sarriera Castelá, J. (2001). Modelos Teóricos e Instrumentos de Pesquisa nos Estudos com Imigrantes. Público. p.3.

- Silverman, D. (1985). *Qualitative Methodology and Sociology: Describing the social world*. Aldershot: Ashgate
- Tinoco, R., & Pinto, S. (2001). Abordagem biográfica das toxicodependências o biograma como instrumento de intervenção clínica. *Toxicodependências*, 7 (1), 17-22.
- Thomas, W., & Znaniecki, F. (1984). *The Polish Peasant in Europe and America*. Chicago: University of Chicago Press (Obra original publicada 1918).
- Vala, J. (1986/1999). A análise de conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (pp.101-128). Porto: Afrontamento.
- Verde, C. (2004). *Naquele tempo era assim...*(Monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Ward, C., & Kennedy, A. (1999). The Measurement of Sociocultural Adaptation. *International Journal of Intercultural Relation*, 23, 659 – 677.
- Ward, C., & Rana-Deuba, A. (1999). Acculturation And Adaptation Revisited. *Journal of cross-cultural Psychology*, 30 (4), 422-4

ANEXOS

Anexo 1: Cronologia dos Encontros

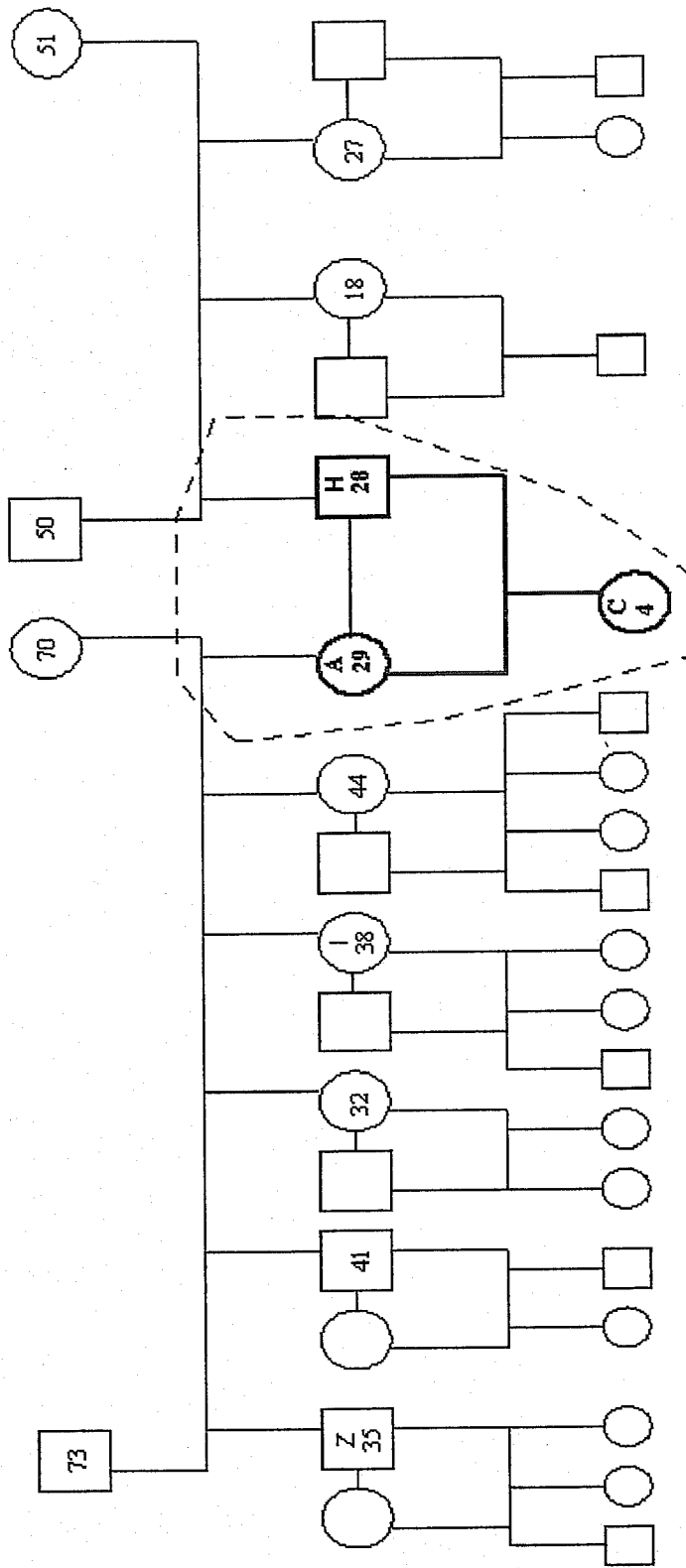
DIA/ MÊS	JANEIRO 2006	FEVEREIRO 2006	MARÇO 2006	ABRIL 2006
1				
2				
3				
4				
5				
6				
7			Ж	
8	Ψ			
9				
10				
11	▲			
12				
13		☉		
14				
15				
16				
17				Ж
18				
19				
20		◆	Ж	
21				
22				
23				
24				
25	⊕			
26				
27				
28				
29				
30				
31				

Ψ Pedido de Autorização à Instituição.
 ⊕ Recolha de Informação.
 ◆ Primeiro encontro com o Sujeito.

▲ Visita ao Centro de Acolhimento.
 ☉ Selecção do Sujeito
 Ж Entrevistas.

Anexo 2: Genograma

Genograma



Alice - Sujeito da História
 H - Marido
 C - Filha

Anexo 3: Entrevistas – Transcrição integral

Entrevista nº 1

M.- Gostava que a Alice me contasse a sua história de vida.

A.- Como hoje também é 13 de Fevereiro e eu nasci em 1977, faço anos... esqueci-me de avisar também que esta 2ª feira também fazia anos.

M.- Muitos parabéns! Faz anos!

A.- Esqueci-me de avisar também que esta 2ª feira também fazia anos (risos) tou um bocadinho triste, também não me apetece muito festejar, como não temos cá ninguém, só marido e filhos, também estamos um bocadinho tristes eee... alguns amigos de vez enquanto e... não podemos fazer anos como fazia na nossa terra, e festa, isso tudo. Faço hoje 29 anos, e então vou-lhe contar a minha história...ahhh..nasci numa cidade perto da capital, como se diz ?

M.- Nos arredores, na periferia?

A.- Sim, na periferia perto da cidade. Nasci lá, cresci lá com os meus pais, com os meus irmãos e irmãs, passei uma infância muito feliz, somos 4 irmãs e dois irmãos, temos pais... cresci lá, estudei lá, 10 anos que estudei na escola, depois de estudar casei-me, casei, morei pouco tempo na casa do meu marido, e como lá tinha muitos problemas, decidi-mos fugir do nosso país, como tínhamos muitos problemas não podíamos ficar lá, sair de lá, saímos do nosso país em direcção a Portugal, como eu estava grávida tava com muito *stress*, com muito medo, estava com medo de perder o bebé, meu marido, medo de me perder a mim própria...e...viemos em direcção aqui a Portugal, também nunca vou esquecer que os portugueses também trataram-nos muito bem aaaah... ficámos aqui no Centro dos Refugiados. Aqui no centro ninguém vê cores e nacionalidades, ninguém vê isso!! diferenças entre raças, nem religiões, pretos, brancos, morenos é tudo igual. Ficámos aqui no centro dos refugiados eu estava grávida de 4 meses quando cá cheguei. Depois nasceu a minha filha, C. depois saímos do centro

porque haviam muitos refugiados e também porque estava na altura de termos as nossas coisas...

M.- Saíram por vossa vontade ou porque o tempo de estadia tinha terminado?

A.- Tinham lá muitos Refugiados também que vinham todos os dias, não havia quartos para todos as pessoas, e achamos que estava na altura de sairmos. O marido começou a trabalhar, podíamos arranjar uma casa ou um quarto, e foi isso que aconteceu. Quando saímos de lá passamos um bocado de dificuldades, nos quartos, nas casas, no emprego, e com a menina, até para encontrar um infantário para a C. o Centro arranhou no princípio, no primeiro mês uma pensão que era no Saldanha, nós é que pagámos, já estávamos independentes, o meu marido já trabalhava e recebemos algum dinheiro dos nossos pais. Depois mudámos e mudámos, mudámos de casa todos os meses, porque as pessoas não eram muito boas, não eram muito simpáticas, também não tínhamos espaço para sermos uma família, isso deixava-me triste nem para nós, nem para os amigos que não podíamos convidar ninguém para um quarto, não tínhamos espaço para nos sentarmos, mas agora felizmente, já estamos a fazer uma vida normal. Porque num quarto não tínhamos espaço para nada. Agora eu já estou a trabalhar neste emprego, a casa é pequenina, mas para nós os três por enquanto já chega...e estar aqui perto do Centro sentimos alguma descontração porque aqui no bairro toda a gente se conhece e sabem quem somos, ajudam-nos e nós também se for preciso..gosto de viver aqui, principalmente por ser calmo e não haver perigo, não sinto aquele medo, somos livres aqui, as pessoas não sabem o valor que é isso.

M.- A decisão de ser mãe como foi ?

A.- Não, não foi de repente, durante muito tempo nós não queríamos ter filhos mais ou menos dois anos não quisemos ter filhos, para aproveitarmos o casamento só os dois e depois pensamos e então fiquei grávida.

M.- E agora neste momento pensa em ter mais filhos?

A.- Sim, mas é um bocadinho difícil, sem documentos, sem casa própria, ter de deixar o trabalho para ficar em casa, tudo é mais complicado...não dá.

M.- Pode contar-me mais em pormenor como foi a passagem da A. de casa dos pais para a do marido?

A.- Nós Casámos dia 2 de Agosto de 2000. Foi um casamento grande, uma festa grande, com vestido branco, muitas pessoas convidadas, é costume na Albânia fazermos 2 dias de casamento, no sábado e no domingo, um fim-de-semana inteiro de festa, no sábado vem a família mais perto da família, a casa dos meus pais, as irmãs, irmãos, tios, primos e no domingo temos de ir todos para casa do meu marido, outra vez com os meus pais, irmãos, tios e pessoas mais chegadas, nós o dia mais importante é mais ao domingo porque eu fui a um casamento no Verão e disseram que aqui fazem mais ao sábado, mas, então, fui para casa do meu marido com a minha família, e depois todos bebem, comem e dançam toda a noite.

M.- Foi algum padre a vossa casa?

A.- Nem padre, nem ninguém, porque nós somos muçulmanos. Foi só registo civil para assinar os papéis. Nós como somos muçulmanos não vamos a mesquita nem nada. Nem nós sabemos como somos muçulmanos, os nossos pais dizem e pronto é assim..

M.- Na Albânia são todos os casamentos assim?

A.- Não! temos ortodoxos e católicos, têm Muçulmanos, eu tenho um tio que é casado com um católica, porque no tempo da ditadura que foi durante 45 anos, ele não deixava nada, não havia mesquitas, nem igrejas, só registo civil, por isso muita gente perdeu a fé. O ditador se bem me lembro, não deixava ninguém ir às mesquitas nem a esses lugares, não deixava haver diferenças, ele dizia que éramos todos iguais, não sei explicar lá muito bem...

M.- Filhos do mesmo Deus?

A.- Sim acho que era isso...ele era um ditador muito mau, ui ui... as pessoas iam logo para a prisão se falassem alguma coisa. Ele mandou destruir tudo e fizeram-se outras coisas nos locais das orações. Era uma ditadura muito muito má, hoje até algumas pessoas já mais velhas vêem que não foi bom e que ele mentia muito ao seu povo, mas naquela altura todas as pessoas eram obrigadas a gostar e pronto. Quando ele morreu todas as pessoas choraram e choraram e eram obrigadas a chorar senão eram mal vistas. Quando entrou a democracia começou a fazer-se tudo de novo, apesar de muitas pessoas terem perdido a fé. Agora há de tudo, mas uns vão outros não..ele mentia ao povo dizia que nos outros países do mundo haviam doenças, fome, guerras e mentia e como não tínhamos televisão, só um canal, só a Tirana canal, tudo era controlado. O meu colega de trabalho já me contou que vocês também tiveram uma ditadura e que também não se podia ver televisão. Não foi?

M.- É infelizmente verdade...

A.- Sim os mais novos também vemos isso, mas há muitos que ainda pensam que no tempo de Hoxa (o ditador) é que era bom porque tinha muita segurança, não havia crime as mulheres podiam andar na rua sem problemas. Em 1997 começou a guerra civil e todas as freguesias tinham as casas das munições que tinham armas, tinha uma casa onde haviam as armas todas, pistolas grandes, pequenas, munições e em todas as freguesias, as pessoas ficaram com 2 a 3 armas e munições em cada casa e nós também tínhamos direito, eu e meu marido. Mas nós não ficamos com nada porque o meu sogro não deixou por achar perigoso, por causa das crianças, os irmãos mais novos do meu marido ficavam muitas vezes connosco e que como não sabiam trabalhar com aquilo, podia ser perigoso. foi horrível muito povo morreu nessa altura. Isto foi em 1997, com a entrada da democracia, mudanças de regime. Os comunistas olhavam com olho mau “xiiii, ele não gostava dele...” quem não chorava todos choravam, assim todos éramos obrigados a chorar, eram obrigados, muito complicado muito...

M.- Tem alguma recordação mais específica dessa época da ditadura?

A.- Era isso de os comunistas olhavam com olho mau, e pensavam “xiiii, ele não gostava dele...” porque quem não chorava era mau, todos choravam, era assim todos éramos obrigados a chorar, eram obrigados, éramos, foi um tempo muito complicado muito... também lembro-me muito bem de que fazíamos, concertos, teatro em todas as escolas, com poesia, e cantos, faziam-se notícias dos espetáculos haviam um carteiro que avisava todos os distritos e freguesias que espalhava a notícia e os temas eram sempre para memória do ditador e todas as pessoas choravam e choravam...eu pertencia ao grupo de poesia e o tema era sempre sobre ele (refere-se ao ditador Hoxa) então quando ele morreu xiii... e toda a gente chorava e nós tínhamos na escola de cantar letras do tipo, vou tentar traduzir mas mal, mal mesmo “Os nossos olhos transformaram-se em fontes, como um repuxo que água sai...de jorrar água de tanta tristeza” as crianças e homens choram e os miúdos também ficavam tristes. Mas também não se percebia bem porque é que queriam que toda toda a gente ficasse triste. Também isto foi na nossa terceira ou quarta classe mas lembro-me destas duas frases que eram mais ou menos isso... acho que me lembro porque não tinha noção da importância e como não era uma pessoa que eu sentisse falta não sentíamos mesmo tristeza era mais por ver os outros e ser obrigada a fingir. Era tudo arranjado pelo sistema da escola.

M.- Depois a A. continuou a estudar até que idade?

A.- Fui até a oitava classe, oitavo ano como dizem cá em Portugal não é? E lá fiz a escola média que é como se diz em Itália e nós lá na Albânia chamamos *ginazium*. Foram dez anos que estudei, mas depois era perigoso não me deixaram continuar, não podia mesmo, era difícil e não havia segurança nenhuma, ouviam-se histórias horríveis e eu também não queria porque tinha medo mesmo. Depois de estudar fiquei em casa e depois então casei-me e ficava em casa e no restaurante do meu sogro. Nós somos de Librazhd que é perto da capital, nós moramos num sítio onde há muitas fábricas, zona industrial, escolas também, mas como o meu marido andava muito nas manifestações políticas com os amigos, ia para uma comuna numa freguesia lá ao lado e eu como eu não precisava de ir muito lá no restaurante ficava em casa com a minha cunhada que é mais nova eee...bom... e depois como o H. (marido) andava muito nas manifestações

políticas do partido *Democratik*, que é o que os jovens querem para a Albânia, por isso é que iam buscá-lo a casa de noite e levavam-no da cama e era preso e batido por uns dias, aí era terrível. Era assim, a polícia ia atrás dos jovens, lá todas as freguesias jovens querem democracia, mas a polícia defende o governo, já tinham ido ao restaurante perguntar pelo H., mas há sempre gente que tem medo de perder o emprego ou porque é comunista, até houve uma noite que partiram o restaurante todo, e também não se pode fazer nada, ninguém respondeu. Foi em 1993 com a Democracia abriram-se muitos negócios toda a gente abria restaurantes e tudo tudo, mas sempre com muitas mudanças e conflitos, alguém gosta outros não gostam, é complicado, o meu marido não gosta e não se conforma por isso tivemos de sair e fugir para não arranjarmos mais problemas, foi a melhor solução...

M.- Chegou então por isso a altura de quererem vir embora...

A.- Sim, queria vir embora, tinha medo de perder a minha filha e que me fizessem mal a mim também, eu tinha muito medo porque eles entravam no quarto levavam o meu marido, depois eu avisei os meus sogros, eles pediam que não me preocupasse, mas eles também ficavam preocupados claro... o meu sogro foi lá pagou uma multa e depois saiu, mas mesmo assim, uma vez ele ficou lá 3 dias, um exagero e um amigo dele morreu uma das vezes, porque eles batem com pedras com tudo e tudo.. e também atiram se quiserem, houve um amigo que morreu nessas brigas, e ninguém é responsável quando estas desgraças acontecem, quem perde é a família. Assim pronto achei melhor começar uma vida nova aqui com o meu marido mais feliz e com mais segurança para a C. crescer também sem problemas como nós passamos.

M.- O seu marido é bastante revolucionário...

A.- Sim, mas não é violento, gosta é de justiça e lá isso não existe é muita corrupção do governo. Mas ele tem agora muitas saudades do pai, anda sempre triste, está longe de toda a família, das casas do restaurante. Mais no início, mas eu também já estou habituada ao dia-a-dia e aqui só tenho saudades dos pais e das pessoas.

M.- Acredita que vai voltar a ver a sua família?

A.- Quem não quer voltar?! eu vejo que as pessoas têm esperança. Isso faz-me ficar forte! vem o dia que eu vejo os meus pais, a minha família, temos de acreditar que um dia vou ver os meus pais.

M.- Mas não sabe quando..?

A.- Isso não sei quando, já passaram 4 anos e os meus pais não podem viajar porque estão velhos e o que eu penso é que gostava de voltar para vê-los, mas quando não houver problemas. Os meus irmãos tem todos filhos, como se diz.. cada qual tem 3 filhos pequenos e não podem viajar também. Todos têm 3 filhos. Eu venho do trabalho, venho muito cansada meio a dormir, sabe quando as pessoas estão a dormir têm outra maneira de falar e aí eles perguntam ao telefone o que é que tens? eu digo-lhes que estou muito cansada do trabalho e às vezes eles telefonam e eu tou a dormir e como estou com a voz cansada eles perguntam: o que é que tens? estás doente?..porque é que não queres falar? tás triste? é complicado...

M.- Eles não dizem para voltar?

A.- Eles querem ver a minha filha também, não deve ser fácil para eles. Eles gostam de nós e também não querem que nada de mal aconteça ao meu marido, sabe como é que a televisão não fala do que se passa...mas eu sei, quando vejo nos jornais, e quando falamos ao telefone também todos me dizem que ainda não há segurança para voltarmos. Nós lá vida melhor temos, lá temos! isso é verdade! não me cansava tanto (ri), mas já ganhei muitas coisas boas cá, a minha filha tem cá amigos, aprendeu tudo desta cultura, da língua, imagine que ela vai perder isto tudo agora! agora ir para lá para outra escola, tudo diferente, acho que não era bom, e o meu marido não quer voltar.. mesmo, não quer voltar, temos uma filha que nasceu cá, e tinha de começar tudo do zero e isso não é bom, não acha? mas se um dia estiver tudo muito muito bom, sem problemas eu quero voltar! porque sei que os meus pais estão velhos e qualquer dia morrem...assim, depois o meu marido falou com o tio dele e viemos directamente para

Itália, saímos de Viore onde estava o barco de borracha e arranhou um barco de borracha entramos lá com muitas pessoas, 28 ou 30 pessoas.

M.- Então o tio dele trabalha nisso?

A.- Não, só arranja pessoas, o tio dele é professor, éramos quase 30 pessoas, ou 28 pessoas num barco de 2 metros e tal, era de noite mas dava para contar as pessoas, a minha barriga estava pequenina mas mesmo assim foi horrível, juntos juntos.. nem respirávamos normalmente até chegar na Itália. o barco pega nas pessoas mete-nos na água por causa da policia, para a policia não apanhar e eu tinha uma mala nas costas deixei cair tudo as roupas as jóias os passaportes, o meu marido disse deixa ficar ficou tudo na água. Molhámos tudo! as roupas, passaportes, caiu e perdemos tudo, roupas, passaportes.. Chegamos a Itália numa terra que tinha, azeitonas...

M.- Oliveiras...

A.- Haha isso, ficamos um bocadinho, esperamos até que veio um microbus e fomos com 3 pessoas que saíram antes de nós eu o meu marido com mais 3 pessoas fechados e eu estava a sentir mal tinha vontade de vomitar e vomitava algumas vezes. Tinha fome também. Saímos dia 10 de Novembro à noite e chegamos cá dia 15 de Novembro.

M.- Paravam para comer?

A.- Sim, duas ou três vezes e às vezes saíamos. Nós estávamos atrás fechados e os condutores é que abriam é como nos camiões com duas partes e não falávamos com os outros passageiros e falavam outra língua não percebíamos, não falavam a nossa língua. Em Madrid deram-nos os bilhetes não percebíamos nada nem falar nada nada e os da carrinha levaram-nos até ao comboio e disseram: “entrem neste comboio que este comboio vai para Portugal e vocês vão lá.”

M.- Foi mais complicada essa parte da viagem?

A.- Sim.. às vezes tinha muita fome e não tínhamos bilhetes para quarto, não podíamos dormir e eu sentia às vezes a menina a mexer na barriga, tinha muito frio e doía-me tudo, foi mesmo horrível e muito complicado. A comida que nós tínhamos trazido da Albânia tinha acabado e a que eles nos deram, os da carrinha também, ficamos ali sentados. Até chegarmos em Santa Apolónia, agora sei que é Santa Apolónia! até que em Portugal entrou o SEF no comboio, eles devem ter entrado um poço mais acima e apanhou-nos a nós e a mais refugiados e notaram logo em nós, porque nós estávamos muito cansados, 3 dias sem tomar banho viram logo que nós éramos estrangeiros. Depois dissemos que viemos para fazer pedido de *asilo politik* dia 15 Novembro de 2001. Fomos a um restaurante deram-nos um *ticket* para comermos lá durante uma semana e dormimos descansadinhos, depois ficamos descansados.

M.- O dia seguinte como foi?

A.- A tradutora vinha assim combinávamos o dia que íamos e ela vinha aqui ao CPR ou ao centro de Chelas.

M.- Pediram os dois requerimento de asilo politico?

A.- A mim não me fizeram entrevista aqui, só no SEF porque eu estava grávida e muito cansada, depois passou um mês que tinha de sair a resposta e a primeira resposta foi negativa do tribunal, porque as notícias não dizem a verdade, o povo não gosta, tá a perceber?? as informações são que já não há muitas confusões, e é mentira... porque há muita gente que sofre no seu país. Pediram documentos e provas do meu marido pertencer a outro partido ao *Demokratik*, com carimbo como simpatizante, e disseram que não era suficiente também, quando as pessoas não querem não querem, depois com o nascimento da C. é que ficámos legais, com autorização de residência do tribunal, depois fiz o curso. Não temos documentos agora, paciência! não viemos para cá para documentos! já temos uma família como deve ser, se nós não temos documentos e não nos mandam embora, não faz mal...foi assim, como nós tivemos sorte com o nascimento da menina ficámos legais, quase um ano e tal, fizemos descontos para a segurança social e tudo tudo direitinho, na altura que a C. nasceu. Eu agora se quiser mudar de

trabalho não posso, não posso trabalhar à vontade, eu gosto de trabalhar, mas podia ter um trabalho com um horário melhor, não trabalho à vontade..com um horário melhor a vida era mais fácil. Pedimos recursos duas vezes no SEF, ao Tribunal Administrativo, através de uma advogada que a segurança social arranjou e nada. Mas estamos a viver na boa! Quero tirar a carta não posso, quero estudar não posso... mas saúde e família temos e tá tudo bem! dinheiro não é nada! Como vi ontem na telenovela, o dinheiro não é tudo!

M.- A vossa saúde e a da C... é boa?

A.- Ela fica muitas vezes constipada, mas nada de doenças graves. Vamos ao Centro de saúde e resolve-se!

M.- Vocês são muito amigos um do outro... e o seu marido é um pessoa feliz?

...Não fala muito, não é muito conversador gosta mais de ouvir e ele ajuda muito, temos uma relação muito boa ele veste a C. , dá-lhe comida leva a passear, e em casa ajuda a limpar, a cozinhar, tudo tudo, não é muito falador mas é uma pessoa muito carinhosa, ele é boa pessoa, eu é que não posso passear com ele é complicado!

M.- Imagina como está lá a vossa família e a Albânia?

A.- Sim se voltarmos um dia imagino que vou chegar e vou abraçar todos e ver tudo muito diferente são quatro anos, as crianças estão crescidas, um sobrinho meu filho do meu irmão quando viemos tinha 3 meses agora deve estar enorme, imagino tudo muito diferente, lá no trabalho penso muito muito nos meus pais, na minha família a outra parte é que é muito perigoso...

M.- O resto da família não pensa em sair de lá?

A.- Não, ninguém liga a isto dos partidos..viverem como se pode e todos tem lá trabalho..e são um bocadinhos mais conformados e um bocadinho mais comunistas (ri).

M.- Todos apoiaram a vossa decisão de se virem embora?

A.- Sim, toda a gente sabia que estávamos em perigo e disseram que era melhor virmos porque que era perigoso ficarmos lá, que podia acontecer uma desgraça, e viemos!

M.- E a vossa casa lá? Está habitada?

A.- Não, só a minha cunhada é que vai lá faz limpeza, mas as mulheres, sabe como é às vezes pensamos que as coisas vão se estragar... as cortinas novinhas... mas isso paciência!.. temos saúde!.. A minha mãe quando falamos chora e chora, e diz: «minha filha não sei quando tu vens? Se eu vou estar viva se não estou!» eu também era assim mais no principio, aí custava-me muito mais estar longe porque não sabia muitas coisas e tava grávida, o meu marido passou melhor, como os homens tem o coração mais forte, eu no início chorava muito, muito e o meu marido dizia já chega! já chega! Para que é que choras tanto! Isso não resolve nada!

M.- Talvez fosse mais ligada à família.

A.- Eu era muito amiga do meu pai porque era a filha mais nova de todos, a mais pequenina, e como fui a filha mais nova tive muitos miminhos, já estavam todos casados menos eu, tive muito carinho por isso sinto tantas saudades, e às vezes digo: «porque não voltamos para a Albânia?» Ele diz logo: «aí sim senhora! queres ir para Albânia, queres que te mande para lá, então vai! sim senhora, eu não vou...» E eu sem ele não posso ir e ficar lá. Mas depois penso que também é melhor assim, eu não gosto nunca de desistir, mas quando é perigoso ai temos de escolher! ai Mafalda!! É difícil!

M.- Agradeço o tempo que ocupou comigo!

A.- De nada e agora se for preciso alguma coisa diga-me se não percebeu alguma coisa ou assim e combinamos depois.

M.- Obrigado.

2ª Entrevista

M.- Porquê é que escolheram Portugal?

A.- Já tínhamos ouvido falar que Portugal que tratavam bem os refugiados que tinha bom clima, um bom país, um país pequeno como a Albânia também, eeee.. o meu marido e eu decidimos vir para cá para Portugal, foi um bocadinho, não é um bocadinho, foi muito difícil para nós largar a nossa terra nossos pais, nossa casa, a nossas famílias todas as pessoas que gostam de nós e que nós gostamos deles, também já fazem quatro anos que não nos vemos nem conversamos com eles. Foi aí que nós pensamos vir para Portugal, Foi uma sorte que também, com dificuldade mas chegamos bem recebidos, bem tratados aqui na Bobadela no Centro de Acolhimento de Refugiados no SEF e todas as pessoas respeitaram-nos trataram-nos muito bem. Como eu estava grávida foi muito complicado por causa da língua que eu não sabia Português, pouco, muito pouco Inglês, quase não percebia nada e ia às consultas no centro de saúde, e os médicos foram um bocadinho bom, agressivos, mas nessa altura ainda não tinha médico de família não tinha nada, como eu não percebia nada e os médicos começavam a ficar nervosos os médicos não queriam falar inglês, só Português, o meu marido só sabia falar um bocadinho e ela não falava nem queria olhar para nós, aí fiquei um bocadinho chateada porque não percebia porque é que era tão antipática e não queria falar, depois quando nasceu a C comecei a falar Português, já percebia algumas coisas.

M.- Onde ia ao médico ?

A.- Era aqui no Centro de Saúde...de início ficava chateada comigo própria, porque precisava de fazer perguntas... saber muitas coisas de mulheres, quando tem filhos porque era mais nova e não tinha tido filhos, porque era a primeira vez que fui mãe, e então na maternidade, quando a C. nasceu também queria fazer perguntas, tinha que aprender coisas e não me percebiam, nem eu percebia o que me explicavam...

M.- Hoje em dia, ainda vai a esse Centro?

A.- Sim vou lá algumas vezes com a C. ou vou eu quando preciso, há lá pessoas muito simpáticas às vezes vejo aquela médica do planeamento Uuuuuu mas ela não fala nada, mas há outras pessoas que se lembram de mim daquela altura e são sempre muito simpáticas ... foi um bocadinho duro, mas passou-se, hoje em dia eu e meu marido estamos os dois a trabalhar, temos a filha no infantário, não precisamos assim de grandes ajudas, há pessoas muito piores, que não tem casa nem emprego nem trabalho, nós graças a Deus já temos casa e trabalho e tá tudo bem!

M.- Como é um dia de trabalho da A.?

A.- O meu trabalho é um bocadinho complicado, começo às 3:30 da manhã e acaba às 12:00, 12:30 depende às vezes almoço lá no trabalho chego a casa 13:00, 13:30, às vezes 14:00 ao fim de semana, sábado e domingo que não há transportes, agora ainda não tenho carta, costumo ir boleia com um colega, muito boa pessoa, é muito simpático, é um Português se não fosse ele para me levar à noite, não tinha como ir não podia ir a esse trabalho..

M.- Como arranjou esse trabalho?

A.- No principio, foi o meu marido que começou a trabalhar nos olivais na fábrica de papel, porque teve cá um jornal, no Centro da Bobadela, e uns jornalistas interessados em mim e no meu marido para as notícias, depois os patrões da fábrica do papel interessaram-se porque viram a notícia, telefonaram porque viram que precisávamos de ajuda porque, naquela altura o meu marido não estava a trabalhar, eu estava grávida de 9 meses, a C. nasceu a 16 de Março e o meu marido começou a trabalhar uma semana antes da C. nascer e não podíamos ficar aqui sempre no Centro e telefonaram para cá e falaram com a Dra... e ficaram com o meu marido, depois esses patrões arranjaram-me também a mim, porque é tudo no mesmo sítio num mesmo prédio nos Olivais, agora a fábrica do meu marido fechou e ele foi para outro lado. Então é assim às 3:10 chegamos ao trabalho, temos lá as encomendas para fazer as coisas para o café, o pasteleiro faz as

coisas dele e eu preparo a massa para o pão integral, broas de milho, pão de batata-doce. Ajudo o pasteleiro com as coisas dele a levar e a trazer as coisas e fazemos pão para o restaurante, porque tem café e restaurante os filhos tem a pastelaria e o pai tem o restaurante, é mesmo pertinho da Gare do Oriente.

M.- Foi o patrão do seu marido que arranjou para si esse trabalho?

A.- Sim, o antigo patrão do meu marido era amigo do meu patrão e arranjou para mim, e até agora , mas este trabalho também não é para mim, é muito duro tenho de deixar a menina para o meu marido arranjar tenho de deixar as roupas à noite ele veste a C. de manhã, dá-se melhor com ele do que comigo e ao fim de semana saírem os dois e ela também gosta mais de sair com ele do que comigo, por exemplo, agora no Carnaval na terça-feira, ela nem quis sair comigo eu disse: «anda C. vamos! ao Vasco da Gama! passear! e ela: “não! não!” Com o tempo vamos arranjar melhores dias!

M.- Alice disse que decidiram vir por causa de situações de perigo, mais concretamente quais eram os perigos?

A.- Tinha muitas confusões violência não tinha segurança não podia sair à rua só acompanhada pelas pessoas, tínhamos de nos proteger do perigo e pensámos como o meu marido era simpatizante do partido *Democratik* e como lá ninguém gosta dessas confusões, de não haver segurança, os pais dele são uma família com dinheiro, muito ricos e como ultimamente o pai dele estava mais sempre a trabalhar o meu marido estava livre e andava mais nas manifestações, ele não estava satisfeito com o comunismo, ele trouxe o cartão de simpatizante, eu andava cheia de medo e tinha medo de perder o bebé de susto.

M.- Ele ganhava dinheiro a trabalhar para esse partido?

A.- Não, ele trabalhava com o espírito, com o coração...

M.- Ele têm irmãos, não têm?

A.- Sim, ela casou muito cedo tem 27 anos e já tem 2 filhos e um irmão de 18

M.- Passava muito tempo com a família do seu marido?

A.- Deixamos lá tudo, a casa, apesar de nós passarmos muito tempo, em casa dos meus sogros, para tomar conta do restaurante, ou para ficar a tomar conta dos mais novos, passávamos mais tempo com eles, a primeira pergunta que fazem é sempre quando é que voltam? e aí o meu marido pergunta, como é que isso está? ainda não está muito bom, continua a ser um sistema socialista e continuam a haver muitos crimes todos os dias, roubos...praticamente não temos cá ninguém, mas somos livres, posso andar na rua à vontade, estamos mais seguros num país que não conhecemos, do que na nossa terra, posso sair sozinha com o meu marido ou sem ele que não vai haver problemas.

M.- Lá não podia levar C. à escola?

A.- Sim, porque temos a escola perto, mas com perigo porque podiam levá-la, agora já tou habituada, tá bom, tá-se bem!

M.- A. Teve uma infância feliz?

A.- O meu pai tem uma casa de férias e tem também uma fora da cidade, lá é tudo muito bonito, com um quintal espectacular, tem um quintal muito grande, tem tudo! a casa é grande, com um terreno cheio de árvores, e no Verão vamos para outra casa na praia, que me lembro passei a infância feliz, não tinha nenhuma tristeza na escola, na creche e no infantário quando era pequenina, tinha muitas amigas, tudo muito perto da casa, com baldinhos com frutos, nós tínhamos figos, peras, ameixas, maçãs, tudo tudo tudo! o meu pai cortava os ramos tratava disso ao fim-de-semana e tava sempre tudo muito bom e grande. Depois despedi-me da família toda foi muito triste. Decidimos num dia e saímos logo no outro, então, lembrava-mo-nos de sair da Albânia os dois eu porque estava farta e tava grávida ele também tava farto. O meu marido dizia: «vamos embora vamos embora daqui» passamos na fronteira eram 11:00 11:30 da noite de barco de borracha

com pessoas de outras de outra nacionalidades, não percebia nada, não sabia de onde vinham, passámos por Itália como já lhe disse, não havia bóias ou coletes nada, e o frio foi em Novembro. Uuuuuuu mesmo com luvas e tudo, depois saímos na água, antes de 10 ou 15 metros empurrou todos as pessoas porque tem medo de apanhar a policia italiana e empurrou a gente porque tem a medo o meu marido dizia anda não te preocupes se nos apanham temos de fazer tudo outra vez, e íamos carregados. Entramos no mini bus e depois tava fechado com vidros escuros mais ou menos não se via quase nada eu meu marido mais 3 pessoas que não sei o que falavam, só percebíamos o condutor quando perguntava para parar se precisávamos, eles compravam comida não sei onde, abriam a porta atrás tava tudo dividido, depois deram os bilhetes para o comboio em Madrid, já tínhamos pago por aquilo, acompanharam-nos à porta do comboio e tavamos tão cansados tão sujos, cheios de fome, parecia que tínhamos saído debaixo de terra. Depois o SEF faz controlo em todo o comboio, com roupa normal e apanharam-nos e pedimos asilo político, fomos ao SEF nos anjos logo veio a tradutora Albanesa, jantamos e fomos logo descansar. Uma semana depois fomos outra vez no SEF e fomos fazer uma outra entrevista e depois veio resposta negativa porque não havia provas, mas o CPR deu apoio jurídico e pedimos recurso, pela segunda vez veio negativo, depois com o nascimento da C. deram residência provisória. O CPR é uma organização não governamental que ajuda muita gente com roupas, comida, já vi muita gente ser ajudada por eles e eu sou uma. 15 de Novembro de 2001 chegamos aqui, só depois do nascimento é que tivemos, nós não precisamos de documentos, precisamos de segurança. A residência provisória deu-nos possibilidade de abrimos conta, médico de família, contrato de trabalho, segurança social, fizemos tudo ficamos legal em tudo. Até hoje, temos saúde, temos trabalho, neste momento não temos documentos mas não faz mal. Nós não temos muitas provas, o meu sogro mandou por fax o cartão dele, do partido. Me tavamos tão cansados tão sujos, cheios de fome, parecia que tínhamos saído debaixo de terra...as não chegou. O nosso caso foi mais conhecido porque nós tivemos uma filha que nasceu cá, éramos diferentes por isso chamamos mais atenção para entrevistas, O CPR é uma organização não governamental, independentemente do estatuto reconhecido ajudam todos. Quando às vezes nos queixamos do nosso trabalho, os documentos davam jeito, gostava de tratar deles(refere-se à família próxima) e não eles a tratar de mim. Mas não viemos para cá para fazer guerra nem confusões, para isso

tínhamos ficado na Albânia. O trabalho é muito duro para mim eu não tenho tempo para cuidar deles isso é sem dúvida a pior coisa, mas pouco a pouco acredito que tudo vai mudar para melhor.

Entrevista 3

M.- Quando a Adelina chega a Portugal não conhece o nosso país, o que sabia de Portugal?

A.- Só o que já tínhamos ouvido falar, mas quase não sabia nada, ouvia-se que era um bom país, fui muito bem recebida, agradeço isso ao CPR, fomos muito bem tratados, muito bem tratados também pelo SEF, que arranjou um interprete para nos entendermos, e pronto, já faz 4 anos que estamos cá, somos bem tratados no trabalho também.

M.- Chegou cá sem falar Português, agora já fala bastante bem, foi portanto das primeiras coisas que aprendeu?

A.- Andei muito tempo na aula de Português e também fiz um curso de Português na pontinha, onde aprendi muitas coisas, também com os amigos e colegas de trabalho de quem gosto muito!

M.- Assim que chegou esteve 6 meses no Centro de Acolhimento com o seu marido, entretanto, estava grávida e teve o seu bebé à 4 meses precisamente, e começou imediatamente a trabalhar numa padaria para começar com um horário que devia ser difícil para quem é mãe.

A.- Sim, é horário difícil mas quando se trabalha com boas pessoas que tratam bem refugiados, isso não é nada, não importa .

M.- Conseguiu ultrapassar?

A.- Sim consegui ultrapassar tudo.

M.- Entretanto achou que precisava de melhorar a sua formação, decidindo fazer formação profissional na área de trabalho, não foi?

A.- Sim, fiz um curso na pontinha de dois meses de pastelaria e padaria onde melhorei muito as minhas capacidades, as técnicas é isso, aprendi muitas coisas, mesmo com os amigos.

M.- E de qual gosta mais?

A.- Dos dois, gosto dos dois igual.

M.- Não consegue decidir, sentiu que este curso foi muito importante?

A.- Sim aprendi muitas coisas novas que os professores não se importavam de explicar, apesar de eu não os perceber sempre muito bem, voltavam a explicar, e eu fiquei muito contente por isso.

M.- A língua é de facto uma barreira que complica a integração.

A.- Sim, nada se consegue, se não falarmos Português, enquanto não se domina a língua arranjar emprego também não é fácil, nada é fácil.

M.- A sua situação, foi muito complicada, uma vez que política no seu país era de extrema perigosidade, era perigoso sair de casa para trabalhar.

A.- Sim era tudo muito perigoso, costumam raptar as raparigas nas escolas e nas ruas para irem para a prostituição na Itália, existem muitas máfias, também roubam muito as pessoas nas ruas, é mesmo muito perigoso, não há segurança nenhuma. Esse foi o motivo para virmos para aqui, queremos ter uma vida normal sem perigos e violência, sem stress para a C. crescer bem e feliz e assim nós também estamos mais à vontade, porque não corremos tantos riscos, Não estamos perto de quem mais gostamos e de tudo o que conhecemos melhor, eu tenho muitas saudades, mas é melhor assim.

M.- O que é mais importante para os Refugiados no nosso país?

A.- Aprender a língua em primeiro, os costumes, assim é possível que se consiga dar um bom contributo ao país. A formação com vista a integrar o mercado de trabalho é sempre importante mas em primeiro lugar vem aprender a língua.

M.- O seu marido como foi a integração dele?

A.- Também foi complicado por causa da língua que é a principal ferramenta para tudo na vida.

M.- Ele fez alguma formação ou pensa fazer?

A.- Sim talvez mas ele também está numa empresa e não tem tempo, vai por a C. de manhã ao infantário, e temos os nossos horários ao contrário. É difícil, mas talvez venha a fazer.

M.- Pois a A. é a prova viva de um caso de sucesso em que a formação é útil!

A.- Sim, também tive sorte com o meu patrão que é muito boa pessoa, que gosta de ajudar, também me senti bem recebida pelos colegas, até costumo ir de boleia com um colega, o que é muito bom pois nós temos de entrar as 4 horas da manhã, por isso ele apanha-me aqui de noite às 3:30 e vamos, assim não é preciso apanhar transportes, o que ia fazer que tivesse que acordar ainda mais cedo e então sinto que tenho ajuda e gosto muito de trabalhar, mas também queria e sinto pena de não dar mais apoio à minha família. Aos fins-de-semana eu estou sempre a trabalhar, porque a minha folga é na terça-feira, então nos fins-de-semana, o meu marido sai com a C. e eu nunca vou passear, isso é só o que me farta.

M.- Todas as famílias tem questões de falta de tempo.

A.- Sim eu sei, e sinto que fui bem acolhida e que tenho de agradecer e aproveitar isso. Tenho sempre muita esperança, nós somos novos e podemos melhorar a nossa vida.

M.- Sinto que a A. tem muita energia positiva e é mesmo um caso de sucesso ao nível de integração! Parabéns!

A.- Obrigado eu também, por me ter ouvido a contar estas coisas porque gosto sempre de receber pessoas cá em casa, o convívio é muito bom e é muito simpática também!

Entrevista nº 4

M.- Gostaria que me contasse, mais em pormenor, as suas memórias de infância.

A.- Lembro-me que gostava muito do infantário, era uma menina feliz e sempre tinha vontade de conhecer coisas novas, como se diz, é que eu gostava de aventuras, ainda sou aventureira, gosto de conversar com pessoas, de conhecer pessoas, fazer amizades, de convidar amigos, lembro-me que já desde criança eu era assim. Era uma criança muito sociável, por isso nunca chorava, estava sempre bem, gostava de ir para a escola com amigos, quem muitas vezes me levava para a Cresce era a minha irmã do meio I., que me levava muitas vezes ou o meu irmão Z. também, e ficava sempre bem no infantário sem birras, porque outros miúdos choravam muito e não gostavam, mas eu não era nada assim. Uma vez que a caminho de casa, depois das aulas, houve uma chuva muito muito grande que não parava, e que fez grandes cheias e essas estradas cheias de água, eram o sítio por onde todas as crianças tinham de passar para irem para casa e não conseguiam porque a água corria com muita força, então, o meu irmão apareceu e ajudou todas as crianças a atravessarem pela rua. Lembro-me com muito orgulho desse episódio. Lembro-me que me dava melhor com este irmão, da história que contei e com uma irmã mais velha, não é a que vem logo a seguir a mim, é a outra um pouco mais velha, é a minha irmã com quem sou mais parecida de feitio e ela agora vive na Grécia com a família dela, bom foi ela que nos ofereceu as passagens para irmos agora este Agosto de férias ter com toda a família!! quando eu liguei a dar a notícia da autorização de residência, ela disse logo que ia mandar passagens, então vamos - nos ver, espero que vá lá ter toda a família, para nos vermos na Grécia, gostava que os meus pais e meus irmãos, os meus sogros, que toda gente possa ir para matar saudades de todos, porque há fronteira de carro da Albânia com a Grécia, estou muito contente!!

M.- São realmente boas notícias! a ultima vez que cá estive não sabia quando ou se os ia voltar a ver...e lembra-se de mais alguns episódios da infância, com os seus pais como era?

A. - Lembro-me que uma vez que fiz anos e levei duas amigas lá a casa, a minha mãe fazia sempre um almoço especial nestes dias de festa, convidei amigas, então depois fomos para o meu quarto e desarrumamos tudo, começamos a brincar com almofadas e a minha mãe não gostava muito dessas brincadeiras, então gritava comigo e chateava-se. O meu pai era mais meiguinho, e compreendia-me melhor, acho que sou mais parecida com ele. Mas gosto igualmente dos dois, nem um nem outro me bateram alguma vez, a minha mãe ralhava mais, porque estava em casa mais tempo e era ela que preparava tudo. Mas nunca se zangavam comigo porque como eu era a filha mais nova eles faziam-me as “vontadinhas” todas, o meu pai era muito amigo ele gostava tanto de mim então às vezes trazia uns miminhos, prendas assim quando vinha do trabalho, e eu adorava....ainda adoro surpresas! uma altura com 9 ou 10 anos comecei a sair com a minha irmã mais velha a bailes, festas e a bares, eu pedia-lhe por favor para ela pedir ao nosso pai para eu ir com ela, então ela levava-me e divertíamo-nos imenso, eu quando havia festas ia sempre, gosto muito de passear, agora cá é que tem sido muito complicado, com o trabalho e a C., que quase não tenho tempo nenhum para ela! Bem, ainda lembro que com a irmã mais velha a logo a seguir a mim, é que havia mais confusões, às vezes, por causa de ciúmes...mas ela também era diferente de mim e desta irmã e do meu irmão da história que contei, nós os três partilhava-mos o mesmo quarto quando éramos novos e pensávamos mais da mesma maneira, éramos mais como o nosso pai, somos pessoas mais dadas, gostamos de conhecer pessoas de conversar, de sair muito, a minha mãe já é uma pessoa mais reservada, menos faladora. Então por isso, nós éramos mais chegados porque éramos mais parecidos e dávamo-nos melhor.

M.- Depois começou a namorar...como é que conheceu o seu marido?

A.- Foi assim, nós conhecemo-nos na escola e eu não o achava nada giro pelo contrário achava-o mesmo feio... passou-se algum tempo, até que a minha prima que vivia lá perto dele me veio dizer que ele gostava de mim e que me achava bonita, eu não fiquei

interessada, é uma coisa cultural mas eu não me interessava por rapazes achava que ainda era nova e não gostava de pensar nisso, de conviver com eles. preferia as meninas para amizades. mas ele aparecia lá na freguesia e encontrou-me no supermercado e combinou comigo um café. Depois quase passado um ano houve uma festa “Synez” é um costume da nossa terra cortar o fio no sexo dos rapazes.

M.- circuncisados?

A.- Sim é isso, então estes meus vizinhos eram amigos do meu marido e ele também foi a essa festa à tarde, é uma festa onde se canta e dança comemos e bebemos, eles dançam antes de entrar para o quarto e depois se conseguirem e não tiverem muitas dores vem dançar outra vez, uns conseguem outros não! Neste dia foram os três irmãos, e então o meu marido estava lá, e falámos mais uma vez até que combinámos mais outro encontro.

M.- Mas todas as famílias fazem isso aos filhos?

A.- Não, a minha não.. e do H. Também não, era mais antigamente, mas ainda há pessoas a fazer.

M.- Como é que A. ocupava os seus tempos livres?

A.- Eu sempre fui a melhor aluna até à 8 classe que foi quando vieram miúdos de outra escola para a minha e aí deixei de ser a melhor da sala, sempre gostei muito de estudar e fazer trabalhos de casa. Quando não fazia isso gostava de ir brincar para a volta da casa que tem um canteiro enorme com muitas flores e apanhava flores e fazia raminhos, arranjava, semeava, também adorava andar de bicicleta, ir às compras, era eu que fazia sempre as compras para casa, a minha mãe dizia o que queria e eu gostava de ir buscar.

M.- Obrigado, uma vez mais por este tempo.

Anexo 4: História de Vida

Nasci lá, cresci lá com os meus pais, com os meus irmãos e irmãs, passei uma infância muito feliz, somos 4 irmãs e dois irmãos, temos pais... Cresci lá, estudei lá, 10 anos que estudei na escola, lembro-me muito bem que fazíamos concertos, teatro em todas as escolas, com poesia e cantos, faziam-se notícias dos espectáculos havia um carteiro que avisava todos os distritos e freguesias que espalhava a notícia e os temas eram sempre para memória do ditador e todas as pessoas choravam e choravam...sim de poesia, sempre sobre ele quando ele morreu e toda a gente chorava e cantávamos letras do tipo, vou tentar traduzir mal. “Nossos olhos transformaram-se em fontes, repuxo que água tira...de jorrar água de tanta tristeza as crianças e homens choram os miúdos também ficavam tristes”....mas também não se percebia bem. Isto foi na nossa terceira ou quarta classe, mas lembro-me destas duas frases que eram mais ou menos isso. Eu era muito amiga do meu pai porque era a filha mais nova de todos, a mais pequenina, e como fui a filha mais nova tive muitos miminhos, já estavam todos casados menos eu, tive muito carinho por isso sinto tantas saudades, e às vezes digo: «porque não voltamos para a Albânia?» Ele (referindo-se ao marido) diz logo: «aí sim senhora !! sim senhora! queres ir para Albânia, queres que te mande para lá, então vai! sim senhora, eu não vou...»

O meu pai tem uma casa de férias e tem também uma fora da cidade, lá é tudo muito bonito, com um quintal espectáculo, tem um quintal muito grande, tem tudo! a casa é grande, com um terreno cheio de árvores, e no verão ficamos para outra casa na praia, que me lembro passei a infância feliz, não tinha nenhuma tristeza na escola, na creche e no infantário quando era pequenina, tinha muitas amigas, tudo muito perto da casa, com baldinhos com frutos, nós tínhamos figos, peras, ameixas, maçãs, tudo tudo! o meu pai cortava os ramos tratava disso ao fim-de-semana e tava sempre tudo muito bom e grandes frutos.

Lembro-me que gostava muito do infantário, era uma menina feliz e sempre tinha vontade de conhecer coisas novas, como se diz, é que eu gostava de aventuras, ainda sou aventureira, gosto de conversar com pessoas, de conhecer pessoas, fazer amizades, de convidar amigos, lembro-me que já desde criança eu era assim. Era uma criança muito sociável, por isso nunca chorava, estava sempre bem, gostava de ir

para a escola com amigos, quem muitas vezes me levava para a crescer era a minha irmã do meio, que me levava muitas vezes ou o meu irmão também, e ficava sempre bem no infantário sem birras, porque outros miúdos choravam muito e não gostavam, mas eu não era nada assim. Lembro-me uma vez que a caminho de casa, depois das aulas, houve uma chuva muito muito grande que não parava, e que fez grandes cheias e essas estradas eram o sítio por onde todas as crianças tinham de passar para irem para casa e não conseguiam porque a água corria com muita força, então o meu irmão apareceu e ajudou todas as crianças a atravessarem pela rua. Lembro-me com muito orgulho desse episódio. Lembro-me que me dava melhor com este irmão, da história que contei e com uma irmã mais velha, não é a que vem logo a seguir a mim, é a outra um pouco mais velha, é a minha irmã com quem sou mais parecida de feitio e ela agora vive na Grécia com a família dela, bom foi ela que nos ofereceu as passagens para irmos agora este Agosto de férias ter com toda a família!!

Uma vez que fiz anos e levei duas amigas lá a casa, porque a minha mãe fazia sempre um almoço especial nestes dias de festa. Convidei duas amigas, então depois fomos para o meu quarto e desarrumamos tudo, começamos a brincar com almofadas e a minha mãe que não gostava muito dessas brincadeiras, então gritava comigo e chateava-se. O meu pai era mais meiguinho, e compreendia-me melhor, acho que sou mais parecida com ele. Mas gosto igualmente dos dois, nem um nem outro me bateram alguma vez, a minha mãe ralhava mais, porque estava em casa mais tempo e era ela que preparava tudo. Mas os meus pais quase nunca se zangavam comigo porque como eu era a filha mais nova eles faziam-me as “vontadinhas” todas, o meu pai era muito amigo ele gostava tanto de mim então às vezes trazia uns mimosinhos, prendas assim quando vinha do trabalho, e eu adorava.... ainda adoro surpresas! Uma altura com 9 ou 10 anos comecei a sair com a minha irmã mais velha a bailes, festas e a bares, eu pedia-lhe por favor para ela pedir ao nosso pai para eu ir com ela, então ela levava-me e divertíamo-nos imenso, eu quando havia festas ia sempre, gosto muito de passear, agora cá é que tem sido muito complicado, com o trabalho e a C., que quase não tenho tempo nenhum para ela! Bem, ainda lembro que com a irmã mais velha a logo a seguir a mim, é que havia mais confusões, às vezes, por causa de ciúmes ...mas ela também era diferente de mim e desta irmã e do meu irmão da

história que contei, nós os três partilhava-mos o mesmo quarto quando éramos novos e pensávamos mais da mesma maneira, éramos mais como o nosso pai, somos pessoas mais dadas, gostamos de conhecer pessoas de conversar, de sair muito, a minha mãe já é uma pessoa mais reservada, menos faladora. Então por isso, nós éramos mais chegados porque éramos mais parecidos e dávamo-nos melhor.

Nós, eu e o meu marido conhecemo-nos na escola e eu não o achava nada giro pelo contrário achava-o mesmo feio... passou-se algum tempo, até que a minha prima que vivia lá perto dele me veio dizer que ele gostava de mim e que me achava bonita, eu não fiquei interessada, é uma coisa cultural mas eu não me interessava por rapazes achava que ainda era nova e não gostava de pensar nisso, só de conviver com eles. preferia as meninas para amizades; Mas ele aparecia lá na freguesia e encontrou-me no supermercado e combinou comigo um café.

Depois quase passado um ano houve uma festa “*Synez*” é um costume da nossa terra cortar o fio no sexo dos rapazes, então estes meus vizinhos eram amigos do meu marido e ele também foi a essa festa à tarde, é uma festa onde se canta e dança, comemos e bebemos, eles dançam antes de entrar para o quarto e depois se conseguirem e não tiverem muitas dores vem dançar outra vez, uns conseguem outros não! nesse dia foram os três irmãos (amigos de A. e do marido), e então o meu marido estava lá, e falámos mais uma vez até que combinámos mais outro encontro, não, a minha não.. e do H. Também não, era mais antigamente, mas ainda há pessoas a fazer. (A. referindo que na sua família não se tinha esse costume e que os seus irmãos não foram circuncisados.)

Fui até a oitava classe, oitavo ano e fiz a escola média que é como se diz em Itália, lá na Albânia chamamos ginásio. Foram dez anos que estudei, mas depois era perigoso não me deixaram continuar, não podia mesmo, era difícil.. e eu também não queria porque tinha medo.

Eu sempre fui a melhor aluna até à 8ª classe que foi quando vieram miúdos de outra escola para a minha e aí deixei de ser a melhor da sala, sempre gostei muito de

estudar e fazer trabalhos de casa. Quando não fazia isso gostava de ir brincar para a volta da casa que tem um canteiro enorme com muitas flores e apanhava flores e fazia raminhos, arranjava, semeava, também adorava andar de bicicleta, ir às compras, era eu que fazia sempre as compras para casa, a minha mãe dizia o que queria e eu gostava de ir buscar.

Nós Casámos dia 2 de Agosto de 2000. Foi um casamento grande, uma festa grande com vestido branco, muitas pessoas convidadas, é costume na Albânia fazermos 2 dias de casamento, no sábado e no domingo, um fim-de-semana inteiro de festa. No sábado vem a família mais perto da família, a casa dos meus pais, as irmãs, irmãos, tios, primos e no domingo temos de ir todos para casa do meu marido, outra vez com os meus pais, irmãos, tios e pessoas mais chegadas, nós o dia mais importante é mais ao domingo porque eu fui a um casamento no verão e disseram que aqui fazem mais ao sábado, mas, então, fui para casa do meu marido com a minha família, e depois todos bebem, comem e dançam toda a noite...nem padre, nem ninguém, porque nós somos muçulmanos. Foi só registo civil para assinar os papéis. Nós como somos muçulmanos não vamos a mesquita nem nada. Nem nós sabemos como somos muçulmanos, os nossos pais dizem e pronto é assim! Não! temos ortodoxos e católicos, têm Muçulmanos, eu tenho um tio que é casado com um católica, porque no tempo da ditadura que foi durante 45 anos, ele não deixava nada, não havia mesquitas, nem igrejas, só registo civil, por isso muita gente perdeu a fé. O ditador se bem me lembro, não deixava ninguém ir às mesquitas nem a esses lugares, não deixava haver diferenças, ele dizia que éramos todos iguais, não sei explicar lá muito bem...ele era um ditador muito mau, ui ui.. as pessoas iam logo para a prisão se falassem alguma coisa. Ele mandou destruir tudo e fizeram-se outras coisas nos locais das orações. Era uma ditadura muito muito má, hoje até algumas pessoas já mais velhas sabem que não foi bom e que ele mentia muito ao seu povo, mas naquela altura todas as pessoas eram obrigadas a gostar e pronto. Quando ele morreu todas as pessoas choraram e choraram e eram obrigadas a chorar senão eram mal vistas.

Depois do casamento ficava em casa e no restaurante do meu sogro. Nós somos de Librazhd que é perto da capital, nós moramos num sítio onde há muitas fábricas, zona

industrial, escolas também, mas como o meu marido andava muito nas manifestações com os amigos, ia para uma comuna numa freguesia lá ao lado e eu como eu não precisava de ir muito lá no restaurante ficava em casa com a minha cunhada que é mais nova eee... bom....e depois como o H.(marido) andava muito nas manifestações iam buscá-lo a casa de noite e levavam-no da cama e era preso, ai era terrível. A policia ia atrás dos jovens, lá todas as freguesias jovens querem democracia, mas a policia defende o governo, já tinham ido ao restaurante perguntar pelo H., mas há sempre gente que tem medo de perder o emprego ou porque é comunista, até houve uma noite que partiram o restaurante todo, e também não se pode fazer nada, ninguém respondeu. Foi em 1993 com a Democracia abriram-se muitos negócios toda a gente abria restaurantes e tudo tudo, mas sempre com muitas mudanças e conflitos, alguém gosta outros não gostam, é complicado, o meu marido não gosta e não se conforma por isso tivemos de sair e fugir para não arranjarmos mais problemas, foi a melhor solução...queria vir embora, tinha medo de perder a minha filha e que me fizessem mal a mim também, eu tinha muito medo porque eles entravam no quarto levavam o meu marido, depois avisei os meus sogros, eles pediam que não me preocupasse, mas eles também ficavam preocupados claro...o meu sogro foi lá pagou a multa e depois saiu, mas mesmo assim, uma vez ele ficou lá 3 dias e um amigo dele morreu uma das vezes, porque eles batem com pedras com tudo e tudo.. e também atiram se quiserem, houve um amigo que morreu nessas brigas. Tinha muitas confusões violência não tinha segurança não podia sair à rua só se fosse acompanhada pelas pessoas, tínhamos de nos proteger do perigo e pensámos como o meu marido era simpatizante do partido *Democratik* e como lá ninguém gosta dessas confusões, de não haver segurança, os pais dele são uma família com dinheiro, muito ricos e como ultimamente o pai dele estava mais sempre a trabalhar o meu marido estava livre e andava mais nas manifestações, ele não estava satisfeito com o comunismo, ele trouxe o cartão de simpatizante, eu andava cheia de medo e tinha medo de perder o bebé de susto. Decidimos num dia e saímos logo no outro, então, lembrava-mo-nos de sair da Albânia os dois eu porque estava farta e estava grávida ele também estava farto. O meu marido dizia: «vamos embora vamos embora daqui» passamos na fronteira eram 11:00 11:30 da noite de barco de borracha com pessoas de outras de outra nacionalidades, não percebia nada, não sabia de onde vinham

éramos quase 30 pessoas, ou 28 pessoas num barco de 2 metros e tal, era de noite mas dava para contar as pessoas, a minha barriga estava pequenina mas mesmo assim foi horrível, juntos juntos...nem respirávamos normalmente até chegar na Itália. o barco pega nas pessoas mete-nos na águas por causa da policia, para a policia não apanhar e eu tinha uma mala nas costas deixei cair tudo as roupas as jóias os passaportes, o meu marido disse deixa ficar ficou tudo na água. Passámos por Itália como já lhe disse, não havia bóias ou coletes nada, e o frio foi em Novembro. Uuuuuuh, muito frio, mesmo com luvas e tudo, depois saímos na água, antes de 10 ou 15 metros o homem do barco empurrou todas as pessoas, porque ele tem medo de apanhar a policia italiana, e ser apanhado, e então, empurrou toda a gente porque tem a medo, o meu marido dizia anda, anda! não te preocupes se nos apanham temos de fazer tudo outra vez, e fomos carregados e molhados. Molhámos tudo! as roupas, passaportes, caiu e perdemos tudo, roupas, passaportes. Chegamos a Itália numa terra que tinha, azeitonas...ficamos um bocadinho, esperamos até que veio um microbus e fomos com 3 pessoas que saíram antes de nós eu o meu marido, com mais 3 pessoas fechados e eu estava a sentir mal tinha vontade de vomitar e vomitava algumas vezes. Tinha fome também. Saímos dia 10 de Novembro à noite e chegamos cá dia 15 de Novembro.

Nós estávamos atrás fechados e os condutores é que abriam é como nos camiões com duas partes e não falávamos com os outros passageiros e falavam outra língua não percebíamos, não falavam a nossa língua. Em Madrid deram-nos os bilhetes não percebíamos nada nem falar nada nada e os da carrinha levaram-nos até ao comboio e disseram: “entrem neste comboio que este comboio vai para Portugal e vocês vão lá.”

Às vezes tinha muita fome e não tínhamos bilhetes para quarto, não podíamos dormir e eu sentia às vezes a menina a mexer na barriga, tinha muito frio e doía-me tudo, foi mesmo horrível e muito complicado. A comida que nós tínhamos trazido da Albânia tinha acabado e a que eles nos deram, os da carrinha também, ficamos ali sentados. Até chegarmos em Santa Apolónia, agora sei que é Santa Apolónia! até que em Portugal entrou o SEF no comboio, eles devem ter entrado um pouco mais acima e apanhou-nos a nós e a mais refugiados e notaram logo em nós, porque nós estávamos muito cansados, 3 dias sem tomar banho viram logo que nós éramos estrangeiros...e

tavamos tão cansados tão sujos, cheios de fome, parecia que tínhamos saído debaixo de terra...

Depois dissemos que viemos para fazer pedido de *asilo politik* dia 15 Novembro de 2001.

15 de Novembro de 2001 chegamos aqui, só depois do nascimento é que tivemos (referindo -se a autorização de residência), nós não precisamos de documentos, precisamos de segurança. A residência provisória deu-nos possibilidade de abrimos conta, médico de família, contrato de trabalho, segurança social fizemos tudo ficamos legal em tudo. Até hoje, temos saúde, temos trabalho, neste momento não temos documentos mas não faz mal.

Fomos a um restaurante (recomendado pelo centro de acolhimento) deram-nos um *ticket* para comermos lá durante uma semana e dormimos descansadinhos, depois ficamos descansados. (referindo-se à 1ª semana em Portugal)

À chegada fomos ao SEF nos anjos logo veio a tradutora Albanesa, jantamos e fomos logo descansar. Uma semana depois fomos outra vez no SEF e fomos fazer uma outra entrevista e depois veio resposta negativa porque não havia provas, mas o CPR deu apoio jurídico e pedimos recurso, pela segunda vez veio negativo, depois com o nascimento da C. deram residência provisória. O CPR é uma organização não governamental que ajuda muita gente com roupas, comida, já vi muita gente ser ajudada por eles e eu sou uma.

Fui muito bem recebida, agradeço isso ao CPR, fomos muito bem tratados, muito bem tratados também pelo SEF, que arranjou um interprete para nos entendermos, e pronto, já faz 4 anos que estamos cá, somos bem tratados no trabalho também.

A mim não me fizeram entrevista aqui, (refere-se ao centro de acolhimento) só no SEF porque eu estava grávida e muito cansada, depois passou um mês que tinha de

sair a resposta e a primeira resposta foi negativa do tribunal, porque as notícias não dizem a verdade, o povo não gosta, tá a perceber?? as informações são que já não há muitas confusões, e é mentira... porque há muita gente que sofre no seu país. Pediram documentos e provas do meu marido pertencer a outro partido ao *Democratik*, com carimbo como simpatizante, e disseram que não era suficiente também, quando as pessoas não querem não querem, depois com o nascimento da C. é que ficámos legais, com autorização de residência do tribunal, depois fiz o curso. Não temos documentos agora.... paciência! não viemos para cá para documentos! já temos uma família como deve ser, se nós não temos documentos e não nos mandam embora, não faz mal...foi assim, como nós tivemos sorte com o nascimento da menina ficámos legais, quase um ano e tal, fizemos descontos para a segurança social e tudo tudo direitinho, na altura que a C. nasceu. Eu agora se quiser mudar de trabalho não posso, não posso trabalhar à vontade, eu gosto de trabalhar, mas podia ter um trabalho com um horário melhor, não trabalho à vontade..com um horário melhor a vida era mais fácil. Pedimos recursos duas vezes no SEF, ao Tribunal Administrativo, através de uma advogada que a segurança social arranjou e nada. Mas estamos a viver na boa! Quero tirar a carta não posso, quero estudar não posso... mas saúde e família temos e tá tudo bem! dinheiro não é nada! Como vi ontem na telenovela, o dinheiro não é tudo!

Já tínhamos ouvido falar que Portugal que tratavam bem os refugiados que tinha bom clima, um bom país, um país pequeno como a Albânia também, Eeeee.. o meu marido e eu decidimos vir para cá para Portugal, foi um bocadinho, não é um bocadinho, foi muito difícil para nós largar a nossa terra nossos pais, nossa casa, a nossas famílias todas as pessoas que gostam de nós e que nós gostamos deles, também já fazem quatro anos que não nos vemos nem conversamos com eles. Foi aí que nós pensamos vir para Portugal, Foi uma sorte que também, com dificuldade mas chegamos bem recebidos, bem tratados aqui na Bobadela no Centro de acolhimento de Refugiados no SEF e todas as pessoas respeitaram-nos trataram-nos muito bem. Como eu estava grávida foi muito complicado por causa da língua que eu não sabia Português, pouco, muito pouco Inglês, quase não percebia nada e ia às consultas no centro de saúde, e os médicos foram um bocadinho bom, agressivos, mas nessa altura ainda não tinha

médico de família não tinha nada, como eu não percebia nada e os médicos começavam a ficar nervosos os médicos não queriam falar inglês, só Português, o meu marido só sabia falar um bocadinho e ela não falava nem queria olhar para nós, ai fiquei um bocadinho chateada porque não percebia porque é que era tão antipática e não queria falar, depois quando nasceu a C comecei a falar Português, já percebia algumas coisas.

Era aqui no Centro de Saúde e de início ficava chateada comigo própria, porque precisava de fazer perguntas... saber muitas coisas de mulheres, quando tem filhos porque era mais nova e não tinha tido filhos, porque era a primeira vez que fui mãe, e então na maternidade, quando a C. nasceu também queria fazer perguntas, tinha que aprender coisas e não me percebiam, nem eu percebia o que me explicavam... vou lá algumas vezes com a C. ou vou eu quando preciso, há lá pessoas muito simpáticas às vezes vejo aquela médica do planeamento Uuuuuu mas ela não fala nada, mas há outras pessoas que se lembram de mim daquela altura e são sempre muito simpáticas... foi um bocadinho duro, mas passou-se...hoje em dia eu e meu marido estamos os dois a trabalhar, temos a filha no infantário, não precisamos assim de grandes ajudas, há pessoas muito piores, que não tem casa nem emprego nem trabalho, nós graças a Deus já temos casa e trabalho e tá tudo bem!

Andei muito tempo na aula de Português (no centro) e também fiz um curso de Português na pontinha, onde aprendi muitas coisas, também com os amigos e colegas de trabalho de quem gosto muito!

Fiz um curso na pontinha de dois meses de pastelaria e padaria onde melhorei muito as minhas capacidades, as técnicas é isso. Aprendi muitas coisas, mesmo com os amigos...aprendi muitas coisas novas que os professores não se importavam de explicar, apesar de eu não os perceber sempre muito bem, voltavam a explicar, e eu fiquei muito contente por isso, nada se consegue se não falarmos Português, enquanto não se domina a língua arranjar emprego também não é fácil, nada é fácil.

Tive sorte com o meu patrão que é muito boa pessoa, que gosta de ajudar, também me senti bem recebida pelos colegas, até costume ir de boleia com um colega, o que é muito bom pois nós temos de entrar às 4 horas da manhã, por isso ele apanha-me aqui de noite às 3:30 e vamos, assim não é preciso apanhar transportes, o que ia fazer que tivesse que acordar ainda mais cedo e então sinto que tenho ajuda e gosto muito de trabalhar, mas também queria e sinto pena de não dar mais apoio à minha família. Aos fins-de-semana eu estou sempre a trabalhar, porque a minha folga é na terça-feira, então nos fins-de-semana, o meu marido sai com a C. e eu nunca vou passear, isso é só o que me farta.

No princípio, foi o meu marido que começou a trabalhar nos olivais na fábrica de papel, porque teve cá um jornal, no Centro da Bobadela, e uns jornalistas interessados em mim e no meu marido para as notícias, depois os patrões da fábrica do papel interessaram-se porque viram a notícia, telefonaram porque viram que precisávamos de ajuda porque, naquela altura o meu marido não estava a trabalhar, eu estava grávida de 9 meses, a C. nasceu a 16 de Março e o meu marido começou a trabalhar uma semana antes da C. nascer e não podíamos ficar aqui sempre no Centro e telefonaram para cá e falaram com a Dra.. e ficaram com o meu marido, depois esses patrões arranjaram-me também a mim, porque é tudo no mesmo sítio num mesmo prédio nos Olivais, agora a fábrica do meu marido fechou e ele foi para outro lado.

Então é assim às 3:10 chegamos ao trabalho, temos lá as encomendas para fazer as coisas para o café, o pasteleiro faz as coisas dele e eu preparo a massa para o pão integral, broas de milho, pão de batata doce. Ajudo o pasteleiro com as coisas dele a levar e a trazer as coisas e fazemos pão para o restaurante, porque tem café e restaurante os filhos tem a pastelaria e o pai tem o restaurante, é mesmo pertinho da Gare do Oriente, o antigo patrão do meu marido era amigo do meu patrão e arranjou para mim, e até agora, mas este trabalho também não é para mim, é muito duro tenho de deixar a menina para o meu marido arranjar tenho de deixar as roupas à noite ele veste a C. de manhã, dá-se melhor com ele do que comigo e ao fim de semana saírem os dois e ela também gosta mais de sair com ele do que comigo, por exemplo, agora no Carnaval na terça-feira, ela nem quis sair comigo eu disse: «anda C. vamos! ao

Vasco da Gama! passear! e ela: “não! não!” Com o tempo vamos arranjar melhores dias!

Na Albânia era tudo muito perigoso, costumam raptar as raparigas nas escolas e nas ruas para irem para a prostituição na Itália, existem muitas máfias, também roubam muito as pessoas nas ruas, é mesmo muito perigoso, não há segurança nenhuma. Esse foi o motivo para virmos para aqui, queremos ter uma vida normal sem perigos e violência, sem stress para a C. crescer bem e feliz e assim nós também estamos mais à vontade, porque não corremos tantos riscos, não estamos perto de quem mais gostamos e de tudo o que conhecemos melhor, eu tenho muitas saudades, mas é melhor assim.

Tenho sempre muita esperança, nós somos novos e podemos melhorar a nossa vida.

Quando eu liguei a dar a notícia da autorização de residência, ela disse logo que ia mandar passagens, então vamos - nos ver, espero que vá lá ter toda a família, para nos vermos na Grécia, gostava que os meus pais e meus irmãos, os meus sogros, que toda gente possa ir para matar saudades de todos, porque há fronteira de carro da Albânia com a Grécia, estou muito contente!